VOLUME 11.º N.ºs 1 e 2 1908

REVISTA LUSITANA

Archivo de estudos philologicos e ethnologicos relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor do Curso de Bibliothecario-Archivista
Primeiro Conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa

SUMMARIO

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1908

F

VO

D

me
a
(ar
co
me
na
die
de
qu
lin
co
na
no

—

o
me

REVISTA LUSITANA

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

E COMPOSTA E IMPRESSA NA

IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

VOL. XI 1908 N.os 1-2

CONTRIBUIÇÕES

PARA O FUTURO

DICCIONÁRIO ETIMOLÓGICO

DAS

LÍNGUAS HISPÁNICAS

CONDÃO

Cond + ão? ou *Con + dão?* [1] Basta reconduzirmos por documentos o vocábulo popular á sua forma primitiva *condon*, pôr-lhe a par o verbo arcáico *condõar*, comparar em seguida tal grupo (ampliado pela forma erudita *condonar* e o derivado *condonação*) com *perdão, perdoar* (de *perdon, perdõar*), e ambos a outros termos antiquados como *dar en don, endõado*, e o castelhano *endonar, desdon, desdonado, adonado, donaire*, para sugerir aos entendidos a verdadeira etimologia de *condão*. Espero pelo menos que, depois de se haverem inteirado dos exemplos característicos com que ilustro a demonstração, todos ficarão convencidos de que a linda criação, privativamente portuguesa, é substantivo verbal de *condõar*, e este, representante legítimo do verbo latino *condonare* [2]; ou, por outra, que *condão* se compõe do prefixo *con* e do nome *don* (raiz das palavras latinas *donum* e *donare*).

---

[1] *Cundão*, em pronúncia vulgar. Vid. *Zeitschrift*, XIII, 222 (ex. «açoriano»).

[2] *Condonare* tem em latim dois significados: o popular de *dare, donare*, e o erudito e jurídico de *perdonare*. Ambos reaparecem na Península, pela mesma ordem.

Condão é portanto um *dom*. Mas não um donativo material, passageiro, e de somenos valia; antes uma preciosa dádiva perdurável e extraordinária — como a beleza, a bondade, a eloquência, linda voz, talento musical, uma excelente memória — dádiva que o *bicho humano* recebe com a vida, por graça de Deus, da Natureza, dos ascendentes; ou, no reino da poesia, por entidades imaginárias, como fadas, que arrogam a si os atributos da Divina Providência. Um talento ou privilégio, uma qualidade, virtude, graça ou prerogativa [1], (todas essas palavras ocorrem nas definições esboçadas nos Diccionários correntes), uma fôrça, finalmente, que, por ser ingénita, é misteriosa, e por ser misteriosa e inexplicável é considerada sobrenatural. *Eine Gabe Gottes — ein Geschenk des Himmels — eine Naturanlage — eine Glücksgabe.* — Textualmente: *eine* MIT-GIFT, MIT-GABE (alemão).

Por isso mesmo, *condão* passou a ser equivalente, por um lado, de *poder mágico* (*Zauberkraft*), e pelo outro lado de *fadário, sina, sorte, destino* (*Bestimmung, Geschick, Loos*). Geralmente, e em harmonia com a significação primitiva da palavra, esse poder é benéfico, e o fadário feliz. Por excepção, ha porém condões maléficos, impostos por fadas más e vingativas; velhas e feias, bem se vê.

Não só essas, que doam e dotam de prendas nefastas, mas tambem as madrinhas boas costumam empunhar nos contos tradicionaes uma vara como símbolo e transmissor do seu poder prodigioso, quer estejam ao pé de um berço, quer socorram em casos de perigo, no meio de densas florestas, afilhadas adultas, transformando-as. E a mesma vara, chamada em Portugal *varinha de condão*, é tambem o instrumento mágico dos feiticeiros: adevinhadores e vêdores do folklore popular [2]. Dourada na mão das fadas, como o ceptro dos imperantes, ela é na vida real um símplez ramo de aveleira. Fendida em forma de Y grego, para o efeito de descobrir coisas ocultas — tesouros metálicos, veias de agua — indica o sítio ou esconderijo de taes preciosidades, inclinando-se para o chão, em mãos competentes. Essa crença (baseada porventura em determinadas qualidades de certas madei-

[1] Em regra, virtude espiritual, mas ás vezes muito positiva, conforme se verá de alguns exemplos.

[2] Nas *Ordenações* e *Constituições* contra praxes supersticiosas, os legisladores empregam apenas *vara* (sem *condão*): «nom seja alguã pessoa tam ousada que pera adevinhar lance sortes nem *varas* pera achar». (*Ord. Affonsinas*)

ras [1]) e que ainda hoje conta adeptos em todas as partes do mundo, é antiquíssima, como todas as feitiçarias. Por vias, que já foram traçadas por investigadores ilustres [2], a *varinha de condão* deriva do ῥάβδος de Circe e de Pallas-Athene[3]; do caduceo (κηρύκειον) de Mercurio [4]; ou da *Wunsciligerta* de Wuotan, o Hermes germánico [5].

Eis alguns exemplos modernos e antigos do emprêgo de *condão*—familiares, tradicionaes e literários:

Em conversas íntimas colhi: «O talento musical dos Arroyos é *condão* de família.—António Candido tem o *condão* da eloquência. —Nem todos nós temos o *condão* de nascermos bondosos como a senhora.—Poucos poetas nossos tiveram o *condão* do génio».

No conto nacionalizado da *Belle au Bois dormant,* de Per rault, sete fadas são convidadas a fim de que cada uma désse um condão á princesinha [6]. No indígena da *Cacheirinha*, ou *Desanda cacheira,* a falsa mesa de encanto não tinha o maravilhoso condão da verdadeira, de aparecer posta e carregada de ricos acepipes logo que o dono pronunciasse a fórmula: «Põe-te mesa! Mesinha põe-te» [7]. No final do jôgo da condessa, todas as crianças dançam enlaçadas aos pares, cantando:

Estou contente do meu par:
foi *condão* Deus me lo dar!

Fadistas (como a Custódia) começam o desafio com a quadra:

Este meu cantar é arte;
é *condão* que Deus me deu.
pois arreia o teu estandarte,
que começo a içar o meu!

---

1 As varas dos arautos clássicos eram de paus de *oliveira* ou de *loureiro*. Quanto ás varas dos feiticeiros portugueses (que as trespassaram aos prestidigitadores, charlatães e arlequins) e á suposta afinidade entre certas madeiras e certos metaes, vejam-se as tres *Cartas* que o Cavaleiro de Oliveira dedicou ao assunto (vol. III, cartas XXVI, XXXVIII e XXXIX): a Mme de W. T. sobre a varinha de condão. E cfr. tambem Leite de Vasconcellos, *Trad. Pop. de Portugal,* p. 285.

2 Veja-se, por exemplo, J. Grimm, *Mythologie,* p. 813 sgs. e n. 289.

3 *Odysseia,* X, 238, 319, 389; XIII, 429; XVI, 16, 172, 456.

4 *Ibidem,* V, 47; XXIV, 2.

5 Grimm, *loc. cit.*—A vara de condão chama-se em latim *virgula divina; baculus divinatorius;* em alemão *Zauberstab, Wünschelrute;* em inglês *wand* ou *divining rod;* em francês *baguette divinatoire;* em italiano *bacchetta divinatoria;* em hespanhol *varita de virtudes* ou *varita mágica.*

6 Tradução de Henrique Marques Junior.

7 Adolfo Coelho, *Contos Populares Portugueses,* p. 58 sgs.

Nuns versos delicados de Manuel Duarte de Almeida occorre o ditado:

É graça de Deus ser bonita,
ter da beleza o *condão!*

Almeida-Garrett, pelo contrário, exclama, cheio de ciumes, no apaixonado *Adeus,* das *Folhas cahidas:*

Sinto gerar na peçonha
do ulcerado coração
essa víbora medonha
que por seu fatal *condão*
ha de rasgá-lo ao nascer!

Prenda positiva era a da galinha que punha ovos de oiro — única no seu género, segundo Curvo-Semmedo, que arremata a sua fábula, estabelecendo com relação ao dono:

Outra galinha
jamais topou
com tal *condão.*

Numa poesia brasileira um mendigo emprega o termo como sinónimo de fadário, pois diz do cãozinho fiel que o guiava:

Na pobreza, na cegueira
meu *condão* amenizava.

Retrocedendo, encontro Frei Luís de Sousa, que na sua linguagem elegante atribue ao convento de Bemfica, em que vivia, o particular *condão* do ceo de excitar afectos de devoção em quem entrasse em seus claustros.

O Conde de Vimioso, cortesão modelar e bom «forgicador de sentenças», muito imitadas, disse com ironia fina:

Que *vara* tem *de condão*
quem fala á vontade alhea [1].

Antes d'ele, o Plauto português havia aproveitado diversas vezes o mágico instrumento como elemento dramático.

---

[1] *Sentenças,* ed. de Mendes dos Remedios, 1903, p. 47, n.º 4.

Na *Floresta de Enganos* o Doutor ludibriado dá á vara de justiça o qualificativo popular, «por lhe dar grossa fazenda» (II, 158) [1]; e o Deus do Amor trata de *cadena de condon* as prisões com que prende os seus adoradores (II, 171). Na alegórica tragicomédia das *Côrtes de Júpiter,* uma Moura encantada apresenta diversos presentes á infanta D. Beatriz:

Hum anel seu encantado
e hum *didal de condão*,
e o precioso terçado
que foi no campo tomado
depois de morto Roldão!
O terçado, pera vencer;
o didal he tão facundo
que tudo lhe fará trazer;
o anel, pera saber
o que se faz pelo mundo.

(II, 416) [2].

Na sua geringonça hispano-mourisca ela emprega logo depois a forma castelhana *anel de condon* (II, 418) [3]. E a mesma encontra-se na *Comédia de Rubena,* cuja protagonista suspira tristonha:

Quien tuviera ó quien hallara
una preciosa *vara*
que tuviera tal *condon*
que improviso me llevara
a alguno que me sacara
el corazon!

(II, 7).

Esse *condon* é contrabando, dos freqüentes *lusismos* de Gil Vicente e de quasi todos os autores bilingües de cá. Pelo menos não está nos diccionários castelhanos; nem me lembro de o ter encontrado nas minhas leituras.

---

[1] Em castelhano:

Si, que es *vara de condon*
Que me da gruesa hacienda.

[2] Cfr. p. 417: «terçado e anel e *didal de condão*».

[3] Exte *anel de condon*
Perguntalde vos á el
Y el dará a box razon
De quantos xacretos son.

O que posso documentar é a existência de *condonar* no sentido de «conceder graciosamente, doar, dar de presente».

No *Duelo* de Gonzalo de Berceo, a Virgem das Dôres implora do Filho a mercê de a levar d'este mundo cruel. E depois de longas explicações resume o seu desejo no verso:

Ruegote que m *condones* esto que io te digo
(Estr. 79);

e novamente:

Ruegote que m *condones* esto que io te pido
(Estr. 80).

Em português conheço igualmente um único exemplo, e esse pouco claro. No *Santo Graal,* da segunda metade do sec. XIII, ou princípios do XIV, mas retocado no imediato [1], Galvam moteja de Palamedes por esse ter corrido durante anos atrás da *besta ladrador* sem dar cabo d'ela. E Palamedes zomba de Galvam, e dos Cavaleiros da Mesa Redonda em geral, por eles se meterem em aventuras alheias sem haverem terminado a *Demanda.* Cada um gaba-se de ser o melhor cavaleiro do mundo. Afinal o maldoso Galvam obriga o adversário a justar, embora este estivesse gravemente ferido, dizendo-lhe: «pois vós *condõastes* migo de cavalaria, ou vós justaredes comigo, ou eu vos matarei» (fl. 173 d) [2].

Na linguagem jurídica de ambos os povos da Península *condonar* subsiste na acepção de «perdoar pena» «quitar dívida» [3], tirado directamente do latim. Do verbo deriva *condonacion, condonação.*

*

Passemos a outros termos populares, aparentados com o que forma o assunto principal d'este artigo. Regalar alguem, dar-lhe

---

[1] Num estudo especial provarei esta tese, que é nova, demonstrando que a linguagem da primeira redacção é a de Alfonso X; e a da refundição, que subsiste no manuscrito de Viena, do tempo de D. Duarte. Do confronto com o texto castelhano resulta que esse é tradução do português, retocado para a impressão com pouca perícia.

[2] Eu entendo: vós vos *iguastes* ou *acostastes*, isto é, *comparastes* comigo. A versão castelhana (cap. 329, p. 283), livremente modernizada em fins do sec. XV, como deixei dito na nota supra, nada esclarece. Como em centenas de passos, o tradutor substituiu o modismo arcáïco que não compreendia: «pues vos alabastes que erades mejor cavallero que yo, o vos justareys comigo, o yo os mataré».

[3] *Verzeihen, eine Schuld erlassen; Schulden erlassen.*—Em italiano tambem ha *condonare*, com as mesmas acepções.

prendas (regalos) muito positivas, era antigamente expressado na linguagem pastoril de Castela por *endonar*, e ás vezes perissologicamente por *endonar donas*, tanto em vilhancicos e églogas, como em romances e Autos do Natal. Num dos *Juegos de Noches buenas á lo divino*, de Alonso de Ledesma, lê-se: «*Endono-te* este arbol, este ave, este refran y este cantar» (n.º 37) [1]. Encina pergunta numa égloga, vergiliana, «Que donas te *endonaré?*» [2] e noutra, das do Natal, um dos pastores declara «Yo leche le *endonaré*». Ao menino Jesus, evidentemente [3]. Num romance de amor [4], dialogado, a mãe interroga a filha:

—Essa guirnalda de rosas, hija, quien te la *endonára?*

E a filha responde:

—*Donómela* un caballero.

Numa variante curiosa do *Romance de Mayo*, o Prisioneiro suspira:

—Los pobres que mas no tienen, *endonan* sus corazones! [5]

O português conhece apenas o particípio [6], na locução adverbial *endõado, endoado*, que equivale ora a «de graça, por favor»; ora a «debalde, em vão»; ora a «sem motivo, inutilmente; injustificadamente» (*gratis; umsonst; unnützerweise*). Nos Cancioneiros galego-portugueses e no *Graal* ela ocorre muitas vezes [7].

> *Endõado* ben podera aver
> peixota quen-na quisesse filhar.
>
> (*CV.* 1187, 8).
>
> Foi a citola temprar
> Lopo, que citolasse;
> e mandaron-lh'algo dar
> en-tal-que a leixasse!
> E el cantou logu' enton,
> e ar deron-lh' outro don,
> en-tal-que se calasse!

---

1 *Biblioteca de Autores Españoles*, vol. XXXV, p. 192, n.º 415.

2 *Antologia*, VII, p. 62: «Mas yo te quiero *endonar* mi caramillo gracioso».

3 *Teatro Completo*, p. 153. (Egloga de las grandes lluvias).

4 *Prager Sammlung*, p. 114; vid. *ibidem*, p. 188.

5 Duran, *Romancero*, n.º 372. — O erudito coleccionador empregou o vocábulo dúzias de vezes no seu hábil *pastiche* da Infantinha de França (n.os 309, 310 e 311).

6 Nos seus versos castelhanos Gil Vicente prefere o símplez *donar*: v. g., I, 138; II, 42.

7 *CA.*, v. 6470, 7374, 9326; *CV.*, 570, 15; 860, 2; 996, 7; 1055, 4; 1146, 11; 1147, 1165, 2; *CBr.*, 22; *Graal*, p. 93, 29; 94, 3; 79, 11.

U a cítola temprou
logo lhe don foi dado,
que a leixasse; e el cantou.
E diss' un seu malado:
«ar dê-lhe-alg' a quen pesar!
non se cal' *endoado*» [1].

(*CV*. 971, 14).

Perguntá-lo-hei porque mi-á despagado
e 'ssi mi-assanhou a tort' e *endõado*.

(*CV*. 719, 11).

O meu amigo que me muy gran ben
quer, assanhou-ss' um dia
contra mi muyt' *endõado*...

(*CBr*. 251, 3).

et a correr
aquel poboo yrado
se filhou polo querer
destroir, mas *endõado*
foran isto cometer [2].

(*CM*. 99. Estr. 4-5).

«Galvam ... começou outra vez, ca bem lhe semelhou que o teriam por maao se se nom vingasse d'aquel que o *endoado* começara» [3]. (*Graal*, p. 93, 29).

Ás vezes ha apenas *dõado, doado* [4], e de longe em longe *dõadamente* [5]. O castelhano desconhece estes adverbios. Na versão do *Graal* o traductor omite-os, ou substitue-os por outros parecidos (como *em balde, por demas*) [6].

---

[1] O prefixo *in, en*, de *endonar, endõado*, é preposicional, e não negativo, como no adjectivo latino *indonatus*. Mas na cantiga, a que esta nota se refere, podia-se entender: «sem que o regalem com dinheiro». A analogia com os outros casos exige todavia a interpretação: «de balde».

[2] Mouros saqueiam uma vila de cristãos e destroem na igreja todas as imagens. Só a mais bella — a da Virgem — é indestrutivel.

[3] Reinhardstoettner imprimiu: *en doado*.

[4] *CV*., 17: «Muytos me dizem que servi *doado; ibid*., 131: «mui *dõado* moir'»; 237, 300, 443, 444, etc. No *Graal*, 163, ha: «Eu nunca lhes arrei (= *errei*) e cometem me *donando*» (na copia de Klob). A mais provável emenda do êrro é *dõado*.

[5] Fl. 174 *d*.: «E assi poderiades perder vossa onrra *dõadamente*».

[6] «Esta donzella se matou *em doado* com minha espada» (p. 79) = «que esta donzella se mató con mi espada» (p. 198); «se se nom vingasse daquel que o *en dooado* começara» (p. 93); «si no se vengasse de aquel que tan en balde lo acometiera» (p. 205); «ca me cometeo tam *endoado* = ca me cometio en balde»; «*Endoado* atendés aqui vosso irmão» (198 *a*) = «Por demas atendes aqui a vuestro hermano».

En don (= de presente, de graça) era vulgar em ambos os idiomas [1]. E muito mais os substantivos *don* (presente [2]), *doa, dõa, dona* (joya, presea [3]), assim como *donaire* por *donairo, dõairo* [4] (lat. *donarium*), que indica chiste e graça discreta no que se diz e faz. *Desdonado* (*unbezahlt*, sem graça, insulso), *desdon* (falta de graça, insulsez), e *adonado* (donairoso), são raros em Castela [5], e mais ainda em Portugal.

LAMPO — LAMPA

Nos numerosos artigos relativos ás fogueiras e mais práticas tradicionaes da poética noite de S. João, ninguem, que eu saiba, tratou das primícias de frutas veranis que figuram nesses festejos, e d'ahi receberam o nome privativo que as distingue das seródias.

Eu, pelo menos, creio que o qualificativo LAMPO-LAMPA, «temporão», não é outra coisa senão o substantivo *lampo, lampa*, isto é, o nome geral, popular e arcáico, das innúmeras luminárias, *lámpadas* ou *alámpadas* de azeite, sebo, cera, que era e é costume acender na festa do Santo Precursor como perpetuação da *Mitt-Sommer-Nacht* dos povos gentilicos. San-João é o Santo das Luminárias por excelência (muito embora ceda parte d'essa gloria

---

[1] *CV.* 1158:

E por esto non sōo pecador
de comer ben, pois mi-o dan *en don.*

Ibid., 1177:

e nunca un comprador vi
que o quisesse, nen *en don.*

Poema del Cid, 196, 816, 2117, 3115: «*dar en don*»; 179: «*en don que*» (cfr. *CM.* 127, 4). — *Cid*, 1344, «*de don*».

[2] *CV.*, 575, 1009, *don; ibid.*, 1021, *dões.*

[3] *CV.*, 347, 622, 1000, 1024 (*dõa*); 505, *doa. CM.*, 28, 64, 212, 267, 348.

[4] A forma moderna talvez fosse influenciada em ambos os países pelo castelhano *aire* (ar). Em Portugal é considerada erroneamente como totalmente estrangeira. A forma antiga documenta todavia a sua popularidade. — No *Graal* ha *doairo* (cfr. Gil Vicente, II, 41) *dõairo* e *donairo:* na versão castelhana ha *donairo* e *donario.* Vid. fl. 74 *a*: «Filho, Deus te fezera fremoso e de milhor *dõajro* que outro cavaleiro... e tua beldade e teu *doayro* sam perdudos»; fl. 107 *b.*: «paação do milhor *donairo* que nunca foi cavaleiro» = «de mejor *donayre* que nunca foe cavallero» (p. 217); fl. 189 *b*: «Ay senhora bõa e de bõo *donario*» = «Ay buena señora e de buen *donario*». *Donario* é usado em outros textos, por ex. na *Gran Conquista*, p. 493.

[5] *Desdonado* no *Cancioneiro de Baena*, II, 105, 148 e 255; *desdon*, ibid., II, 272; *adonado*, por ex.: *Duelo de la Virgen*, estr. 66.

aos outros santos mesários de Junho, como S. Pedro e Santo Antonio), a ponto tal que na idade-média era denominado *S. João das Lampas*. Em latim bárbaro *Santo Johanne Lampadarum* [1].

A não ser essa a origem da palavra, não vejo a razão por que o adjectivo *lampo* se aplica exclusivamente a frutas novas, cujos primeiros exemplares costumam estar sazonados e maduros em Junho [2] (ou, com especialização folklórica, no dia maior do ano)? mas nunca a maçãs, cerejas, morangos, uvas, etc.? — *Figos lampos* [3] e *peras lampas* — eis as espécies empregadas nas festas de 23 e 24 de Junho, por serem então novidades, raras e preciosas. De que modo? Parece-me indubitável que outr'ora eram ofertadas ao Santo e colocadas nos seus altares, como uvas nos de Santiago Maior, no dia da sua festa [4]. Fóra das igrejas a mocidade empregava-as, tal qual empregava e emprega giestas floridas no dia das Máias. Os rapazes engalanavam com ramos verdes, carregadinhos de exemplares precozes das frutas mencionadas, as portas e janelas das moçoilas de aldeia que namoravam [5].

Suspeito que originariamente estes ramos seriam enfeitados tambem de pequeninos corpos de iluminação, e que d'esses provém o título de *lampas* (abreviado de *ramos com lampas de S. João*), o qual em seguida passou a designar os presentes e acepipes tra-

---

[1] Vid. *Portugaliae Monumenta Historica*, «Leges et Consuetudines», p. 486. (Foro de Fontarcada, anno 1193).

[2] Isso não exclue a possibilidade de em regiões muito férteis e bem cultivadas e em anos privilegiados alguns já estarem maduros em maio. Veja-se mais abaixo um passo relativo a Lamego e arredores nos bons tempos de mil quatrocentos e tantos.

[3] Os Diccionaristas que registam *lampo, temporão*, juntam em geral como exemplo mais usado *figo lampo* = «o que primeiro amadurece». Alguns acrescentam, s. v. *lampas*, a definição: «fruta colhida na noite de S. João». Outros classificam o vocábulo de termo algarvio, interpretando: «fruta que cae de madura na noite de S. João».

[4] Vid. *Cancioneiro da Ajuda*, vol. II, p. 829. Lembre-se o leitor das peras de S. Bento, isto é, de S. Bento das peras. — É provável que antigamente, antes da reforma do calendário, dedicavam as primeiras cerejas a Santiago Menor e S. Felipe. Hoje subsistem ditados como: «Em maio cerejas ao borralho». E os velhos contam que no tempo antigo, em Portugal, já se comiam cerejas no dia das cruzes (2-3 de maio).

[5] Ramos *verdes* enfeitados de fruta temporan em junho. Ramos *floridos* nas festas de maio. D'aquelles deriva mesmo o título de S. João o Verde, mencionado por ex. por Gil Vicente, em cantigas populares (vid. vol. II, p. 491).

dicionaes do S. João, isto é, os primeiros representantes das frutas da estação [1], pendurados igualmente nos ramos.

Em prova alegarei agora alguns passos typicos, de autores quinhentistas e seiscentistas, que juntei.

D. Francisco de Portugal refere-se numa das suas prosas conceituosas a certa moça de cántaro (*Inês*, de Almada), gabadinha pelos ganhões do lugar, e conta que á sua porta «nunca faltou Maio florido em dia de Santiago, nem ramos verdes com perinhas no de S. João, a que os práticos d'aquella noite chamão *lampas*» [2].

Muito antes o Plauto português havia citado as lampas. Na *Comédia de Rubena* um dos pretendentes da princesinha Cismena enumera as homenagens com que a distinguia:

Trago-lhe aqui mil gaiteiros;
lampas cada San-João,
carreiras no meu ruão;
folias de tanoeiros
em calças e em jubão;
e *alvoradas* de cravo
(e canela, [se] vem á mão!)
servindo-a como escravo... [3]

Jorge Ferreira de Vasconcellos fala tambem, com relação a outra rapariga e seus namorados, das mesmas homenagens, lembrando «aquelas maias que punham, aquelas *lampas*, aquelas alvoradas!» [4]

Quem tinha o direito de enramar as portas e janelas da amada — levando-lhe as lampas em sentido positivo — *levava as lampas* aos demais pretendentes, em sentido figurado, isto é, conseguia, por se lhes haver antecipado, o que os demais debalde ambicionavam. D'esta metáfora (equivalente a levar vantagem, levar dianteira, ficar superior a alguem, sobrelevar-lhe, deixá-lo para trás, excedê-lo, vencê-lo (*prae-stare, ante-cellere*), serviu-se com graça o espirituoso autor da *Feira dos Anexins*. No capitulo

---

[1] Bluteau, que parece ter visto mais claro do que os posteriores lexicógrafos, comquanto se abstenha por completo de propostas etimológicas, define *lampa* como: «cousa que se manda para o dia de S. João de presente», e s. v *lampas* como «presente de figos».

[2] *Prisões e solturas de hũa Alma*, p. 19.

[3] Gil Vicente, vol. II, 51.

[4] *Ulysipo*, fl. 166 *v*.

Dos fructos [1], os figos dizem ás tamaras: «Vossês nunca viram presentes de figos passados, que vem do Algarve? Algumas de vossês levam-nos as *lampas* em tempo de figos? Nem ainda as frutas verdes pela vindima! pois chegou a dizer o texto das velhas [2] que «quando ha figos, não ha amigos» [3].

Outro exemplo, extrahido da *Côrte da Aldeia*, de Rodríguez Lobo (Dialogo 13, fim), por Bluteau Moraes e outros, diz: «Quereis que o cortês com mesuras rebatidas leve as *lampas* ao liberal?»

Recapitulemos:

Lampa — 1) forma popular de *lampada*, passou a denominar: 2) ramos verdes, enfeitados com fruta temporan (peras e figos), no dia de S. João das lampas ou lámpadas, e talvez originariamente tambem de lampiões; 3) essa mesma fruta, tão precozmente madura [4]; 4) a vantagem, superioridade e primazia que a oferta de taes primícias dá ao oferente sobre todos os demais pretendentes; 5) em sentido figurado, qualquer vantagem, excelência, superioridade. Á segunda ácepção se liga o emprêgo de *lampo, lampa*, como qualificativo das frutas de San-João: peras temporans e figos precozes.

D'esse adjectivo deriva *lámpão*, sem alteração do sentido [5];

---

1 Parte III, fábula 2.ª, p. 195.

2 Texto das velhas, evangelho das velhas, bíblia das velhas é naturalmente o Refranário popular.

3 Este trecho, assim como o provérbio irónico «Amigo, amigo, de longe te trouxe um figo, quando te vi comi-o», escapou a João Ribeiro nas suas explicações conjecturaes enunciadas na obra *Frases Feitas*, p. 23.

4 Na *Vida de S. Francisco Xavier*, de Lucena, liv. V, cap. XXIV, p. 366, se fala de um enxerto, «donde colheo as *lampas*».

5 Conheço dois exemplos: um, de 1531 ou 1532, pertence á descrição da cidade de Lamego, viçosíssima de fruta, antigamente muito temporan, se o autor não exagera. Dos figos diz que duram «des maio atee natal, e os *lampãos* começam por mayo... inda os figos *lampãos* nom som acabados na terra fria, quando começam já os vendimos na ribeira».— Mais abaixo afirma que ha certas figueiras que em muitos anos dão figos *burjaçotes* maduros no mês de abril! (*Ineditos*, V, 557 sgs.).

O segundo exemplo, tambem relativo a figos:

Os *lampãos* que primeiro são prezados
Como bens que se dão antecipados,

contido na *Insulana* de Manuel Thomás (x, 95), já foi registado por Bluteau e seus successores.

Quanto ao sufixo átono -*ão*, -*an* (de -*ãa*), -*ăno*, em Hespanha, veja-se *Fragmentos Etymologicos*, n.º 44; *Pucaros*, p. 194; e Menendez y Pidal, *Sufijos átonos en español*, p. 392.

lampeiro, que em metáfora familiar designa o moço que faz alguma coisa muito cedo e rapidamente, antecipando-se a todos; o precipitado, espevitado, estoivado [1]; *lampinho*, tambem como característico d'esse rapaz, geralmente muito novo, ainda desbarbado, e por isso chamado *barbilampinho* [2] (por etimologia popular *barbilimpinho*).

O substantivo *lampo*, mais usado em Hespanha (incluindo a Galiza) do que em Portugal [3], tem cá como lá o sentido de «*relámpago*, raio». Os antigos diziam *alampo* [4] e *relampo*, de onde *relámpar* [5], mas tambem *lámpado* [6] e *alámpado* [7]. Estas contribuições para a história dos sufixos átonos faltam nos notaveis estudos de Cornu (Vid. §§ 196 e 201).

Creio que *lampo, lampa*, são formas regressivas como *soto* de *sótão, orfo* de *órfão*. A existência de *lampo* no país vizinho e a falta de *lampaa, alámpaa*, em documentos portugueses, formas que deviam existir, se se tratasse de símplez queda do *d* intervocálico, falam a favor d'esta ideia.

Lampada, alámpada, como nomes de luminárias, pertencem á linguagem da igreja. Considero-os semi-eruditos [8].

*

No seu livro já citado [9], rico de materiaes e de conjecturas em parte felizes, João Ribeiro deriva a frase *levar as lampas* do

---

1 Segundo Moraes, ha nas obras de Gregório de Mattos a oração seguinte: e «ela vem muito *lampeira*, para lhe ouvir o rompante».

2 *Gelbschnabel, Grünschnabel* (em alemão). — Usa-se em Tras-os-Montes, perto da fronteira; e corresponde á forma castelhana *barlilampiño*, comquanto *lampo, lámpano, lampero, lampiño*, não existam na linguagem literária dos vizinhos, ou pelo menos não andem nos Diccionários.

3 Os lexicógrafos registam um único exemplo (de J. F. Barreto, *Eneida*, XII, 104).

4 Vid. *Cantigas de Santa Maria*, 311, estr. 5:

E fezo ventos mui grandes
Et começou de chover
Et *alampos* con torvões
Desi coriscos caer...

5 *Poema de Alexandre*, estr. 87: «tanto echava de lumbre e tanto *relampava*»; estr. 97 da ed. Morel-Fatio, onde ha a variante *relumbrava*.

6 *Demanda do Santo Graal*, fl. 147 *a*: *chuivas, torvões e lampados*.

7 *Ibidem*, fl. 164 *d*: *torvões e alampados*.

8 O sufixo *-ado* no vulgarismo *cómmado, incómmado* (e em *côvado*) é secundário, e tem por isso explicação diversa.

9 *Frases Feitas*, p. 20.

costume de irem á frente das procissões homens com archotes ou faroes. Neste caso, o sentido primitivo seria: *alumiar* (*Jemand leuchten, Jemand heimleuchten*). Bem conheço os lampadóforos helénicos e as corridas olímpicas em que vencia o que, com a lámpada acesa, chegava primeiro á meta. Não esqueço tambem a bela figura retórica pela qual Schleiermacher caracterizou a teologia como ancila da filosofia, serva que, tomando a dianteira, lhe ilumina o caminho com o facho aceso. Mas não creio que a frase popular *levar as lampas* tenha origens tão remotas e tão nobres.

A praxe tradicional de que falei, arraigou profundamente no solo nacional. As procissões por igual. Desconheço, todavia, «lampas de procissões» e desconheço «privilégios de tocheiros e lampadários».

TAIBO

Julio Moreira ocupou-se ha pouco das origens da palavra *taibo* [1], aparentemente antiquada, e muito escura, e da interpretação de uns quatro passos do século XVI, em que ocorre. Não me parece que os esclarecesse a contento de todos, e que a identificação com o árabe-vulgar طيب *taib*, «bom, bem», mereça aplausos.

Ao benemérito autor dos excelentes *Estudos da lingua portuguesa* dedico as notas seguintes, já antigas, agora retocadas, mas ainda assim insuficientes, fazendo votos para que todos quantos se ocupam da pitoresca linguagem do povo português contribuam para o pleito com factos e ideias.

Além dos trechos analisados na obra citada, conheço apenas mais dois, anteriores, do seculo XV.

Um poeta palaciano do *Cancioneiro Geral* empregou *taibo* num rifão de folgar. É o Conde de Borba, D. Vasco Coutinho [2], que responde ás trovas em que Pero de Sousa Ribeiro, motejando ou brasfemando de diversos cortesãos «casados», mas apaixonados *extra-matrimonium*, havia aludido aos amores do titular citado com uma filha de Jam da Silva. Chasqueando da vaidade

---

[1] Nos *Estudos da lingua portuguesa,* Lisboa 1907, p. 204, e anteriormente na *Revue Hispanique,* vol. XV.

[2] Vid. Braamcamp Freire, *Brasões de Cintra,* II, 407 e 428.

e das louçaínhas tafues do agressor, diz numa das cinco estrofes com que colaborou na obra colectiva dos satirizados [1]:

Tudo isto nom he *taybo,*
antes era muy marfuz [2].
Quero-lhe leyxar hum ssaybo
com que tragua
na ssa boca a vera-cruz [3].

Meio-século antes, o Coudel-mór havia composto versos em *guinêu* (porventura os mais velhos que subsistem) em que um régulo da Serra-Leoa cumprimenta a Infanta D. Joana nos seus esponsaes com Henrique de Castela [4] e promete dançar uma mourisca retorta, tambem novidade então. Na sua geringonça — duas oitavas á castelhana [5] — emprega duas vezes o vocábulo de que se trata: «mandar fazer *taybo*... e logo meu negro senhora balhar... aqueste gente meu *taybo*».

Como se vê, os trechos nada nos adiantam; tão pouco claros são. Póde mesmo ser que no último haja erro de leitura [6] e que em lugar de *meu taybo* se deva ler *muy taibo,* como na comédia de Camões.

A meu ver, o preto da Guiné, entrando na côrte em dia festivo, acha a gente do paço muito divertida, lembrado de que na sua terra não ha taes festanças, por ela estar sempre em guerra.

---

1 O pequeno processo, instaurado quando el-rei se partia com a rainha para Almeirim (vol. III, pp. 216–230) deve ser anterior a 1506, visto que nele figuram nominalmente as «Donzellas da Infante», isto é, de D. Beatriz, mãe de D. Manuel, a qual faleceu no ano indicado.

2 Vol. III, p. 229, fl. 173 *e.* Note-se que a décima que segue, principia: «Tudo isto vay muy brando».

3 Quem me explica a alusão?

4 Em 1455, portanto. — T. Braga julga que se trata das bodas, muito mais faladas, da Emperatriz D. Leonor (1451). O bailador da Mourisca diz, porém, expressamente: «folgar muyto negro estar vós *raynha*».

5 Vol. I, 172 (= fl. 23 *b*).

6 Na edição fac-similada, que devemos á *Hispanic Society* ha mais erros do que no exemplar aproveitado por Kausler. Por ex.: *lodar cayt bela* em lugar de *andar carabela,* e *muao* em lugar de *muyto.* Pelo contrário, dois erros rectificados na reimpressão de Stuttgart (*namdou* por *mandou; falgar* por *folgar*) não se acham no exemplar americano. — Taes divergências confirmam o que deixei exposto em 1881, á vista dos tres exemplares da Bibl. Nac. de Lisboa: a tiragem nos prelos de 1516 efectuou-se pouco a pouco, e no entretanto correctores oficiaes ou extra-oficiaes emendavam a folha composta, mais ou menos voluntariosamente. Vid. *Zeitschrift,* v, 80.

Não sabendo bailar á moda portuguesa, propõe tomar parte nos folguedos, dançando uma mourisca ratorta, á moda da sua terra, pronto, bem se vê, para receber em seguida os dons com que o queiram gratificar. A fim de dar provas da sua arte, espera as ordens do mestre-sala.

Muy taibo na acepção «mui divertido, muito folgazão» [1]—eis a minha conjectura. Na trova do Conde de Borba *taibo* pode ter a mesma significação. E os trechos analisados por Julio Moreira não destoam por completo.

Devo todavia acrescentar que a minha interpretação, principalmente do texto de António Prestes, diverge notavelmente. O *Mestre* da obra simbólica no intrincado *Auto da Ave-Maria* recomenda aos pedreiros que repousem, na hora de folga, mas sem dormirem. É idealista e rigorista. Em resposta, o oficial Bom-serviço, materialista e comodista, replica: «Dormir guarda nunca *taibo*». Júlio Moreira interpreta: «nunca é bom que um guarda durma», procurando nessa sintaxe infantil a traducção imperfeita de um proverbio árabe (claro está que a isso o leva a etimologia que propõe). Quanto a mim, a resposta deve ser a apologia de um bom sono regalado. Tanto mais que o *Moço*, personificação do *contentamento terrestre*, continua:

> Eu sou de festa (leia-se *da festa*)
> té lançá-lo pela testa!
> já agora fará bom saibo!

prelibando o bem-estar que Morfeo proporciona ao obreiro manual [2]. Entendo: um sono regalado nunca deixa mau gosto; nunca sabe mal, por prolongado que seja. — E passo a dizer como tento combinar e derivar da mesma raiz as duas acepções «folgazão» e «mal gostoso e cheiroso de podridão» — raiz latina, tão facilmente reconhecível que ela se apresentaria de pronto a todo o Romanista que, sem se preocupar com o significado, olhasse exclusivamente para a forma [3].

Pelo modo como *taibo* aparece, só em poesias jocosas e em alguns *Autos*, que são ricas minas de materias folklóricas, sempre

---

[1] «Meu divertimento, meu gozo», se nos cingirmos á lição impressa.

[2] No *Auto* não se trata de *guardas*, mas sim de oficiaes (pedreiros)!

[3] Alguns diccionaristas nacionaes, conhecedores de apenas um exemplo, ou dois, apontaram *tab-* (ou *tabes*).

julguei que nas locuções *ter de taibo, fazer taibo, guardar taibo* (onde é substantivo) e em *ser taibo* ou *parecer muy taibo* (onde é adjectivo invariável [1]), possuiamos metáforas provenientes de factos positivos da vida do povo. Notei que *taibo* quási sempre rima com *saibo* e ás vezes com *raivo*, o que atesta a pronúncia *taivo*, comquanto não esteja registada até hoje. E como *saibo* (subst. e adj.) [2] provém de *sapidus*, considerei-o como representante privativamente português de *tabidus, tabio* (como subst. verbal) [3]. Por isso liguei-lhe o sentido de» moleza extrema, podridão», pensando em frutas de inverno, amadurecidas artificialmente em cama de palha (o *toñil* dos rapazes asturianos), como nésperas e maçans, e que d'esse processo saem muita vez com certo gosto e cheiro desagradavel que recorda o de carne muito *manida*, o de peixe *ardido* e outras coisas estragadas. Á procura de processos semasiológicos que de mole, corrupto e consumido de podridão (*überreif, überweich, mudig, faulig*) conduzissem a devasso, e dessem á cama de repouso, — chamada *taibo* na linguagem do vulgo —, o sentido figurado de lugar de folguedos e devassidão (o qual Jorge Ferreira de Vasconcellos e António Prestes tivessem por ventura em mente) [4], lembrei-me do germanico *lotter*, variante de *locker* (mole, fôfo, solto), que designa exclusivamente coisas devassas (*Lotterbank, Lotterbett, Lotterleben, Lotterbube*, etc.).

O sair o vocábulo da boca de um Negro no texto mais antigo que conhecemos, não nos conduz forçosamente á Guiné [5]. Nem a oposição, em que *taibo* está, nos versos do Conde de Borba, para com o termo árabe *marfuz* [6], é motivo suficiente para procurarmos as suas origens entre os Mouros.

---

[1] Não me lembro de haver encontrado o feminino *taiba*.

[2] Igualmente desconheço *saiba*.

[3] Seria singular que do grupo latino *tabeo, tabes, tabum* (= vurmo), *tabesco, tabidus, tabitudo, tabefio, tabificus*, não ficasse herdeiro algum directo da família románica.

[4] A frase camoniana «essa [cantiga] parece muy *taibo*» é digna de atenção e de uma nota explicativa da parte do autor de tantas observações lúcidas a respeito da syntaxe popular e arcáïca.

[5] Os trechos em *guinéo*, contidos no *Cancioneiro* e nos *Autos* de Gil Vicente e seus imitadores, exigem exame detido a que por ora não os submeti. Parece-me que nenhum d'eles está inçado de vocábulos africanos. Curiosos fenómenos fonológicos e uma morfologia e sintaxe infantil são os traços característicos de que me recordo.

[6] Não registado nos Diccionários. Dozy tambem desconhece exemplos portugueses. Significa «vil, sem valor», e provém «de مرحوص (de رحص — rafez».

Confessarei, todavia, para concluir, que tambem pensei um dia em origens semíticas. Como diversos outros termos, usados apenas até meados do século XVI, v. g. *trefe, malsim, manser* [1], *taibo* podia referir-se a qualquer cerimónia judáïca.

ESTADAL—ESTANDARTE

Do verbo *stare* provieram naturalmente numerosos vocábulos. Alguns adjectivos, derivados do particípio passado, com a significação de «firme, fixo, erecto, em pé», eram familiares aos clássicos latinos. Por ex.: *statarius, stativus*. Na idade-média juntaram-se-lhes outros, de sentido especializado: v. g. *statalis*. Substantivado este teve na península aplicações interessantes, algumas das quaes subsistem no reino vizinho.

I. Na primitiva o neutro *statale*, pronunciado *estadal*, designava certa medida, cuja unidade, servindo de bitola a objectos erectos, era o que em Roma fôra chamado *status hominis* [2], um estado de homem, isto é, a estatura normal do corpo humano (metro e meio). Hoje denomina em Hespanha uma superfície agrária de 16 varas quadradas (ou 111 miliares) [3]. Ignoro quanto vale nos exemplos arcáïcos, contidos em textos relativos á raia da Beira, escritos num dialecto que tem quasi tanto de castelhano como de português.

Nos *Costumes e Foros* de Castel-Rodrigo, de 1209, o cap. XVIII do Livro I determina que «Vinna aya XX *estadales* en coto: Prado, ó viña, ó orto, si fore aredrado XX *stadaes* da deanteyra casa, aya coto» [4]. E nos de Castelo-Melhor ordena-se com respeito a moinhos, azenhas e pescarias: «e las pesqueras seyan defessadas de suso XX *estadales* e de juso fasta» [5].

II. O nome da medida passou a diversos objectos: cintas benzidas em algum santuário, de tamanho marcado [6]; rolos de

---

1 O *Cancionero de Baena* contém numerosos exemplos.

2 *Status* = estatura, grandeza do corpo (*Magnum Lexicon*).

3 *Estadal* (de *estadio*) m. «Medida superficial ó agraria que tiene 16 varas cuadradas y equivale á algo mas de 111 mili-áreas». (*Diccionario de la Academia*.

4 *Portugaliae Monumenta Historica*: «Consuetudines», pp. 849 e 851.

5 *Ibidem*, p. 926.

6 «Cinta bendita en algun santuario que se suele poner al cuello». (*Dic. Acad.*). D'essas cintas, espécie de amuleto, e que servem de prendas de amor, fala-se a miude nos Cancioneiros arcáïcos. Não se lhes dá todavia o nome usado em Hespanha.

cera [1], empregados em diversas festas populares [2]; círios grandes e grossos [3]; candelabros, como suportes stativos d'essas velas. D'esses *cereostatas*, e sucessores dos *lampteres* e *lychnuchos* helénicos falarei no artigo imediato, dedicado ao *castiçal*. Aqui me ocupo apenas de velas *estadaes*, stativas, quer em castiçaes, quer nas mãos dos homens, e muita vez da altura (e tambem do pêso) dos devotos que em geral as oferecem *ex-voto* a Nossa Senhora ou a algum Santo.

É natural que de tão importantes acessórios religiosos, que dos ritos do paganismo passaram para as festas cristianizadas, se trate muitas vezes tanto em documentos em latim bárbaro [4] como em monumentos da era trovadoresca. Neles se vê que *candea* era o nome geral da vela de cera de uso doméstico [5], emquanto *estadal* denominava os ciriaes grandes e grossos que ardiam nas igrejas, quer diante dos altares, quer ao pé das tribunas dos prègadores, e serviam eventualmente nos adros-cemitérios, em enterros e vigílias de santos, mas tambem nos paços de reis e príncipes [6].

---

[1] É hoje provincialismo meramente andaluz, segundo o *Dicc. Acad.*: «hilada de cerilla que suele tener de largo un estado de hombre. Llamase comunmente asi aunque tenga más ó menos de esta longitud». — Em Catalunha é actualmente o único sentido que se liga a *stadal*. Vid. Esteve e Belvitges. — Em Portugal denominam-no *candea*, *candeia*. Vid. *Elucidário*.

[2] Acêrca do emprêgo de rolos de cera benta ou pavio de cera enrolado em festividades tradicionaes, como as da Purificação ou Candelaria e da véspera de Pentecostes (*domingo dos fogareos*) veja-se T. Braga, *O Povo Português*, II, 265; F. A. Coelho, *Revista de Ethnologia*, II, p. 67 sgs., e Sousa Viterbo em *Portugalia*, I, 629-631. — Em Alemquer dizem que a procissão da Candea foi instituida pela Rainha Santa. Talvez em memória de festividades locaes? O costume de cercar vilas com um rôlo de cera acesa no altar, existe todavia em outros lugares, por ex. em Braga.

[3] No sentido de *cirio ó hacha de cera*, *estadal* é antiquado tanto no domínio hespanhol como no português.

[4] Vid. Du Cange-Henschel (vol. VI, p. 344 ed. de Paris, 1846), s. v. *stadal*: «stadallus, candela major».

[5] Quanto á *candeia* na mão dos moribundos e das parturientes, vid. Sousa Viterbo em *Portugalia*, l. c., e C. M. de Vasconcellos, «Romances velhos em Portugal», em *Cultura Española*, fasc. VI, n.º 10.

[6] Tambem se empregava *ciro* (*CM.*, 211) e *vea* (*CM.*, 5 e 95), (reconduzido á forma latina *vela* nos tempos clássicos), mas com pouca frequência por causa da homonímia com *vela* de navio e moinho, e no século XV com *vea* = *vena*.

Exemplifiquemos:
No seu *Poema de San-Domingos*, Gonzalo de Berceo diz:

compraron mucha cera, fizieron *estadales*,
cercaron el sepulcro de cirios cabdales.

(Estr. 533).

e no de *San-Milan:*

tovieron su vigilia con grandes *estadales*.

(Estr. 361).

No *Cancionero de Santa Maria*, de Alfonso X, repertório abundante de milagres e actos de devoção, é que se colhem indicações pormenorizadas.

A morte ou doença mortal de uma mula aflige um lavrador [1] a ponto tal que promete á Virgem o *ex-voto* do costume:

mas decingeu log' a cinta
et a mua mediu ben
e fez *estadal* por ela,
que ardess' ant' a que ten
voz ante Deus dos culpados
....
O *estadal* enviado
et a muleta viveo!

(*CM*. 178, 7 e 8).

Outro prometeu que iria ao Puerto de Santa Maria *et que de cera leixasse un estadal sen falida* (385, 5) [2]. Umas vezes vemo'-los arder *ant'o seu altar* (114, 1; 275, 11); outras vezes *antr'o altar et o coro* (332, 5); ora *encendudos* (ib.), ora no momento de alguma monja os *encender* (275,11) ou *acender*. Ficamos scientes de que eram feitos de propósito (332, 5; 358, 4), segundo as ordens do oferente, e por ele colocados no sitio próprio (114). Um negociante de Salamanca, doador de candeas e estadaes a diversas igrejas, dá a preferência ás candeas de Toledo, *porque non son*

---

[1] Ao traçar estas linhas, vem-me á lembrança um conto exemplar de D. Anna de Castro Osorio, — *A maior dôr* —, premiado em Paris e traduzido para alemão por D. Luisa Ey, cujo assunto é o grande prejuizo que a morte de um animal de lavoura ou de carga causa, e a dôr que inspira ao lavrador pequeno.

[2] Cfr. 358, 7. *Estadal de cera*, como *ex-voto* renovado cada anno, ocorre nas cantigas 247, 12; 275, 11; 332, 5, 6, 8 e 9.

feas, ca eu taes alá vi melhor arder que teas (= taedas). Em sentido figurado equivale a lume (*Leuchte* e *Kirchenlicht*). A Virgem é *estadal* do mundo (292, 9). Algures justifica-se o dom de luminárias, no Refram:

dereit' é de lume dar
á que Madr' é do lume.

(116).

Metaforicamente diz-se dos corpos queimados de uns criminosos:

et ben com' ard' *estadal*
ardeu a carne d'aqueles.

(116, 4).

Passando aos lindos cantares de romaria — espécie de *cantares de amigo* dos jograes galego-portugueses — tão ingenuamente religiosos, encontramos um de Nuno Fernández [1] em que uma menina namorada, cheia de saudades do amigo ausente, implora San Clemenço [2], e peitando-o sem malícia promete obras de vulto:

ca se el m'adussesse
o que me faz penad' andar,
nunca tantos *estadaes*
arderan ant' o seu altar!
....
ca se el m'adussesse
o por que eu moyro d'amor,
nunca tantos *estadaes*
arderan ant' o meu senhor.

(*CV.*, 807) [3].

Nas quadras imediatas vemos que para os fins indicados havia, além de estadaes singelos de cera, feitos *ad hoc* no país, outros vindos de fóra: artefactos de pouca valia, provavelmente

---

1 Ou Nuno Perez. A abreviatura não é clara.

2 Por ele ser mais benévolo e carinhoso (*clementius*) do que os outros santos? ou meramente por haver altar de *S. Clemenço* ou *Cremente* na igreja da sua vila?

3 Ha bastantes confissões como a que reza:

Non por mia alma candeas queymey,
mays por veer o que eu muyt' amey.

(*CV.*, 339).

feitos de sebo como *lume de Bogia* (*bougies*); e candeas de Paris [1], seguramente preciosas, enfeitadas porventura com festões, silvas e relevos de côr, como os que ainda hoje se vêem em santuários de fama (v. g. no Bom-Jesus de Braga), como outr'ora os fachos helénicos [2].

Obras de vulto, disse eu, porque em regra as moças de aldeia restringiam-se ao dom de candeas pequenas, que as mães queimavam (isto é, gastavam por completo) dentro das capelas, emquanto elas bailavam em volta de árvores floridas, cantando:

Pois nossas madres van a San-Simon
de Val de Prados candeas queimar,
nós, as meninhas, punhemos d'andar
con nossas madres; e elas enton
queimen candeas por nós e por si!
e nós, meninhas, bailaremos i.

(*CV.*, 336).

Com estes e outros versos de Pero de Viviães e do já citado Nuno Fernández confiram-se os de Ayres Corpancho e do ricohomem D. Afonso López de Baião [3].

Como, antes de mim, outros investigadores já falassem de *candeas* [4], advertindo que as do século XIII eram velinhas de cera

---

[1] Eu leio:

Pois eu en mia vontade
de o non veer son ben fis,
¿que porei por caridade
ant' el candeas de Paris?

e dou ao *que* da pregunta o sentido final de *para que?*

[2] Os estrangeiros curiosos encontram representações na *Portugalia,* num artigo de Rocha Peixoto, relativo á *Illuminação Popular* (vol. II, 35-48). Rico e bem elaborado, ainda assim não exgota o assunto. Com relação a Portugal-o-Velho podia-se haver tratado tambem, etimologicamente e quanto aos materiaes, modo de fabrico, etc., de *teas, teias* (= taedas); *archotes, chotes; tochas* e *antorchas; fachas* e *fachos; brandões;* isto é, de cordas de esparto, tranças de palha, embreadas, fibras de madeiras resinosas, torcidas e ligeiramente revestidas de cera.

[3] *CV.,* 265, 339, 808.

[4] T. Braga, *O Povo Português,* II, 263; Sousa Viterbo, «Candeias na industria e nas tradições populares portuguesas», na *Portugalia,* I, 365-368, 629-631, e *Artes e Artistas,* cap. XI. Ambos parecem imaginar que unicamente a festa da Senhora das Candeas (*Candelaria,* 3 de fevereiro) se festejava com candeas e rolos, esquecendo que a entrega de *ex-votos* de cera se verificava nos maiores dias santos do ano, em peculiar na Pentecostes, conforme já deixei dito

ou sebo, destinadas para castiçaes colocados no altar (*Kerzen*, e não *Lampen* como posteriormente), direi apenas de passagem que as sucessoras das *lucernas* oleárias de Roma tinham o nome de *lámpas, lámpadas, alámpadas,* de origem grega, peculiarmente quando eram luminárias eternas de imagens e paineis dentro e fóra das igrejas, conforme se verifica em Testamentos e Doações medievaes [1].

Sempre fui de opinião que a etimologia *statale* > *estadal* era óbvia, e que só por isso ninguem lhe dedicava artigos especiaes. Houve todavia algum desvio da linha recta, por confusão entre *estadal* de *stare* e *estandarte* de *extendere*. Na edição diplomática, nunca assaz louvada, do *Cancioneiro da Vaticana,* Ernesto Monaci propôs (em 1875) nas Annotações a modificação *estandaes* por *estadaes* [2]. E esta alteração foi sancionada e propagada nas transcrições de T. Braga e Sousa Viterbo [3]. Não me parece difícil eruir as origens da falsa interpretação. O ilustre Italiano lembrava-se dos *stendali* da *Divina Comédia,* — d'aquelas sete árvores douradas que o Dante viu numa das grandiosas visões do Purgatório —, candelabros andantes, de muitos ramos, em cujos topes havia luzes bruxoleantes que, agitando-se em faixas das sete côres do arco-iris, semelhavam flámulas ou bandeirolas [4] — *Estandartes.*

Stendali, no sentido de *stendardi*; isto é, *estandartes.* Ambas as formas italianas, assim como a portuguesa, a castelhana e a inglesa (*standard,* e o germanico *Standarte*), derivadas do antigo francês *estendart,* nada tem com *estadal,* a não ser o sufixo da primeira. A raiz a que está fundido o sufixo germánico *-ard, -hard,* é o latino *extend-* [5]. A pronúncia francesa que se repercutiu em toda a parte, originando o baixo-latino *standardum* e formações paralelas como *standale, extendarium, extendale* [6], a definição usual e apropriada de *standardum* como *vexillum statorium præ-*

---

1 Vid. *Lampo, lampa.*

2 P. 437.

3 José Joaquim Nunes conserva a lição correcta na sua *Chrestomathia Archaica* (p. 362 e *Glossário*).

4 *Purgatório,* XXIX. «Un lustro subito trascorse... la gran floresta... tal quale un fuoco acceso... sette alberi d'oro... eran candelabri... fiamette... e di tratti pennelli avean sembianti». No verso 79 chama-os «questi *stendali*».

5 Vid. Körting, s. v. *extend* + *ardum.*

6 Vid. Du Cange-Henschel, VI, 356, s. v. *stantareum,* e 354, s. v. *standardum.*

cipuum totius exercitus (= *Standfahne*) e a existência de diversos nomes populares, derivados de *stare* pelo particípio presente *stant* [1], tudo isso conduziu na mente do povo inculto á confusão entre *stend-* e *stad-*, e á etimologia exarada no verso — *dicitur a stando standardum quod stetit illic.*

Para completar o paralelismo, *standardum* [2] significava tambem bitola, padrão (*ponderum et mensurarum exemplari et modulo*). E na Inglaterra, onde essa acepção subsiste, o vocábulo designa em terceiro lugar o candelabro (*candlestick of large size standing on the ground with branches for several lights*) e várias outras espécies de postes, pilares, esteios, e objectos de haste comprida [3].

*

Posso apontar *estandal* = *estandarte* num unico texto castelhano, que, porém, é tradução do francês [4].

Em português ha *estendal* apenas no sentido idiomático de estendedoiro, extensão, superficie extensa e lisa. Ainda outro dia i nas *Rimas* de um eminente poeta vivo:

E o mar sereno, á luz radiante, similhava
um *estendal* de seda azul, franjado d'oiro.

As franjas talvez provenham de reminiscências inconscientes de *estandartes?*

---

1 A única forma de que não ha exemplo é *stadardum.*

2 Quanto ao sufixo germánico *-hard,* vid. Meyer-Lübke, II, 519. Não é todavia completo o que nota com relação á Península e á tendência medieval de o substituir aos sufixos menos vigorosos, como *-al, -ar.* Abstraindo de *lagarta* < *lacerta; betardo, batarda* < *ave tarda;* de *alabarda* e *guarda,* de *bacamarte* e *baluarte* (germ.), de *albarda* e *alardo* (ar.), assim como de *leopardo,* em que só aparentemente ha o sufixo *-ardo, -arda,* e de *talabarte* cuja origem é desconhecida, ha em português vocábulos comuns a todas ou a algumas línguas románicas, como *bilharda, mostarda, espingarda, petardo, galhardo;* e outros só peninsulares como *espadarte, fajardo, gabinardo, javardo* (derivado de *javali,* por processo regressivo), *lapardo* (de *láparo,* com troca de sufixo) no verbo *alapardar-se* = acaçapar-se. E depois os nomes próprios *Bernardo* (bernarda), *Clenardo, Leonardo, Ricardo, Duarte* (vindo de Inglaterra), aos quaes o povo juntou *Felizardo* (alcunha de homens venturosos), e mesmo *Desinfelizardo* (alcunha de desastrados).

3 De *estadulho* (cast. *estadojo, estadoño;* astur. *estadoñu, estadueño, estadorio;* gal. *estadullo*), nome comum dos fueiros (*funarios*) do carro de bois, já falei nos *Fragmentos Etymológicos.*

4 *Gran Conquista,* p. 266. De um chefe vencido e ferido diz-se «alzaronlo e levaronlo á su tienda cabo do estaba el *estandal*».

CASTIÇAL

Estadaes eram, como estabeleci, entre outras coisas, candelabros grandes, sucessores de *lychnuchos* e *lampteres* helénicos e de candelabros romanos, — postados no chão, diante dos altares, e ao pé das tribunas que nas igrejas cristans serviam de púlpitos aos prègadores, entre o altar e o côro, nos *ambones*. *Candelabrum majus quod per se stat; cereostatæ quæ per se stant vel in quibus cerei stant* [1]. (*Standleuchter, Stativleuchter*). De base firme, ás vezes tripartida, haste erecta, e bocal com prato (*arandela*), ou de braços, servia de sustentáculo de luminárias diversas: candeas de cera, tochas, brandões, lámpadas. De bronze ou prata (*ænea, ærea, argentea*), ás vezes dourada, de pedra-mármore, mas tambem de argila, tanto na antiguidade como entre os povos románicos. Muitas vezes de metal (cobre, ferro, latão), e em igrejas modestas mesmo de madeira, quer dourada, quer sìmplezmente pintadinha de azul e amarelo.

Pensando nos mais baratos e humildes, existentes em igrejas de aldeia, imaginei que sendo em regra de castanho, o termo *castiçal* seria propriamente o nome vulgar d'essa madeira, uma vez que a variante *castinçal* (que ouvi em Paço de Sousa, Vilarinho de Vizela e Vilar de Frades) designa o castanheiro ou *castinheiro* bravo, criado de propósito em bosques para madeiramentos [2].

Errava todavia. Os productos naturaes que deram nome ao candelabro rústico são mais modestos e humildes ainda. Meras *canas*, indígenas com certeza.

Num documento galego, em latim bárbaro do século x, encontrei o vocábulo *canicistales*. Trata-se do inventário extenso dos bens móveis e immóveis doados em 955 ao mosteiro do Sobrado por dois Godos nobres, Hermenegildo e Sisnando, futuro bispo de Santiago [3]. Entre os que destinavam á igreja ha *candalabra tria*

---

[1] Du Cange-Henschel, *l. c.* — Nos dois trechos ahi citados, em que os oferentes falam de candeas da sua altura, *stadal de candelis* significa, a meu ver, *candelabros* de várias velas ou lámpadas, e não essas velas ou lámpadas.

[2] Vid. Moraes, s. v. — Na Galiza, ao par de *castiñeiro* existe *castiro*, segundo Cuveiro-Piñol. Não é tanto a forma regressiva que causa admiração, como o sufixo, desusado.

[3] Vid. López Ferreiro, *Historia de Santiago*, vol. II, p. 324, e Apend., n.º LXVII, p. 156.

enea fusilia, canicistales duos ex ere; lucerna cum pede suo eneum fusile.

Desde o dia em que li estes dizeres (1899), que seguramente hão de encontrar confirmação em outros, creio que *castiçal* está por * *canstiçal,* * *cainstiçal,* forma que nascera na boca do povo por metátese instintiva de *st* e *ç*, porque o sufixo duplo *-içal* é vulgar, emquanto *-istal* não se encontra em palavras vulgares.

E a razão da nomenclatura? De duas uma. Houve de facto castiçaes feitos de canas, e o nome passou dos mais humildes a todos os suportes altos e stativos de velas, por eles todos serem de haste erecta, encima ôca, de forma cilíndrica *como canas* —, ou então houve um tempo em que a própria vela ou candela tinha um nome derivado de *canna,* pelo mesmo motivo formal. A primeira hipótese é mais provável.

Cannex, cannicis, existe em *canniciæ. Stal* é o germánico *stall* = *Gestell* [1]. O castiçal primitivo, caseiro, era um stativo, uma estante de canas: *Ein Rohr-gestell.*

Os mais antigos documentos portugueses, relativos a castiçaes, que conheço até hoje, são inventários do século XV (1437 e 1457) [2]. Neles aparecem (além de muitas lámpadas argénteas, de azeite, para capelas) castiçaes grandes dourados; outros mais pequenos de ter cotos; outros de prata, brancos, do altar; alguns de cobre, de ter tochas; de ferro, para tochas de mesa; tocheiras para brandões, e tocheiras para candelas. Claro está que a evolução de *canicistales* estava concluida muito antes.

Além dos nomes mencionados havia na linguagem erudita *candelabro* e *cirial,* na popular *candeeiro* [3]. Este caiu todavia em desuso na acepção de castiçal, passando a denominar candeas de azeite.

*

Heureka! Ao copiar as minhas investigações sobre os *Ratinhos-ratinhos,* reli naturalmente todas as trovas do *Cancioneiro Geral* em que *fidalgos da Beira,* repatriados nas suas terras,

> .... perto da serra
> onde abytam os pastores,

---

1 Vid. Körting, 9015.

2 Caetano de Sousa, *Hist. Geneal.,* Provas, I, 505, 506, 572, 573: Testamento do Infante D. Fernando antes de ir para a África; e Enchoval da Infante D. Brites quando casou com o Infante D. Fernando.

3 *Candeeiro* tambem era nome do fabricante de candeas oleárias, em documentos do tempo de D. Denis, e posteriores. Nos Romances tradicionaes designa o homem que trata do *candil.* Vid. Abade Tavares, n.º 61.

dizem bem d'elas e mal das pousadas, em que os encafuavam emquanto eram palacianos. Quem procura, sempre acha! — Numa Carta muito entretida — se não *ratinha*, pelo menos *ratona* — mandada por *Joam Roiz de Castell-branco, contador da goarda a Antonio Pacheco, veador de moeda de Lixboa*, em que se trata de cadeiras desengonçadas, lençoes de mês a mês, quartos sem candea, aparece tambem o *castiçal de cana!* Abram o vol. II, p. 293, e leiam toda a composição. A p. 293, l. 12, é que o encontrarão.

RATINHOS

A explicação do termo, como picuínha tópica aplicada em especial aos Beirões, não é de hoje. No século XVI, alguns decénios depois de algum anónimo dizedor da côrte o haver inventado e de o fundador do teatro nacional haver feito d'ele um tipo cómico, Jorge Ferreira de Vasconcellos punha na boca de um escudeiro vilão da sua comédia *Eufrosina* a pregunta humorística, dirigida a outro companheiro seu: *Porque engordais tanto, vilãozinho de Ratis?* [1]

Posteriormente, o autor do joco-sério poema dos *Ratos da Inquisição* disse:

Com ser a gente de Rates
tão simplez e boa gente,
vós, ratos, á unha e dente,
na roupa me dais combates!
Olhai que são disparates
(quando somos tão vizinhos)
o serdes vós tão daninhos
com esses trapos coitados,
quando *tão aproveitados*
da Beira são os Ratinhos.

(Estr. XIII, p. 117).

Houve mesmo quem em prosa didáctica estabelecesse a mesma opinião, equiparando os Saloios aos Ratinhos porque «sendo o concelho de Rates huma só freguezia de quatorze ou quinze

[1] «Parece-me que se vos enxerga o bom pasto». (*Eufrosina*, II, 2; p. 94 da ed. de 1786). Como nessa impressão, crivada de erros, e talvez tambem na primeira, se lia *de ratis*, com minuscula, os lexicógrafos não perceberam o sentido. Quem quiser procure nas tão gabadas primeiras edições de Moraes — para ouvir que *de ratis* (do francês *ratis!*) significa «de marca»; ou «das hervas» — e tambem que será melhor ler *de ratim!*

lugarinhos ou aldeias, e estes sós sejão os *ratinhos,* delles se estendeo o nome a quasi toda a Beira (que quer dizer bordas do mar) e a outras comarcas» [1].

E como não haja senão uma única vila de Rates de certa fama [2], é naturalmente essa que assim se apontava como étimo, comquanto a sua situação ao Norte do Doiro se oponha virtualmente [3]. É curioso, embora triste, ver como os modernos motivam a aplicação de um termo, segundo eles minhoto *ab initio,* aos Beirões.

Rates [4] tem «nomeada no mundo católico», pelo martírio que aí recebeu em 44 ou 45 um pagão convertido, ordenado e sagrado por Santiago Maior: S. Pedro, primeiro arcebispo de Braga e (na mente dos Portugueses) primeiro que tiveram as Hespanhas [5]. Nesse *Rates* (chamado S. Pedro de Rates, porque o santo era oriundo da vila e fundador da sua igreja) havia naturalmente muitos Cristãos quando o resto do país ainda era dos Gentios. Por isso, eles tratavam de *Ratinhos* todos os adeptos da nova religião, depreciativamente! [6] — No século I da era cristã!

Outros preferem a esta lenda a de os habitantes de Rates haverem sempre deixado por costume a sua terra, no fim da primavera, para irem trabalhar nas ceifas do sul: Beira, Estremadura e Alemtejo [7].

Ainda outros querem que a alcunha proceda dos amiudados e fecundos partos das mulheres, não só de Rates, mas de todo o

---

[1] Miguel Leitão de Andrada, *Miscellanea,* Dialogo XII, p. 245. — Para dar força á ideia enunciada refere um exemplo análogo: «Como do Lácio, que erão pouco mais de outros tantos lugares no território de Roma, se estendeo o nome e a lingoa latina a toda Italia, e della a outras províncias remotas qual era a nossa Hespanha, onde se veio a falar antigamente essa lingoa a que chamavam falar em *romance* como quem diz falar romano».

[2] Além de S. Pedro de Rates, vejo apontadas em diccionários corográficos apenas umas pequenas *herdades: Rates, Ratos, Ratinhos.*

[3] S. Pedro de Rates, no concelho da Póvoa de Varzim, antigamente da comarca de Barcelos, fica a uma legua d'esta povoação.

[4] Os que se ocupam da terra, ou de seu filho mais ilustre, derivam o nome de *ratis* = jangada, explicando que o mar levava outr'ora embarcações até a localidade por um esteiro de que ainda ha vestígios.

[5] Vid. Duarte Nunes de Leão, *Descripção de Portugal,* cap. 72.

[6] J. A. de Almeida e Pinho Leal: s. v. *Rates.* — Cfr. Cardoso, *Agiológio,* I, 426 *b.*

[7] J. M. Baptista, *Chorographia Moderna,* II, p. 851. (E-m-9).

Minho, e assentam que os emigrantes veranís povoaram quasi todas as mais províncias do reino! [1]

É possível que se lembrassem da locução plebea «parir como rata, sete de cada vez»; ou mesmo dos ditos injuriosos com que nas bodas de Salas a noiva conspurcou a fecunda mãe dos *Infantes de Lara,* num romance castelhano, conhecido e citado em Portugal [2].

A explicação de *Ratinhos* como *ratinhos,* deminutivo de *ratos,* a que acabo de aludir, é minha; creio todavia que passou pelo espírito de alguns, como Antonio Serrão de Castro, e entre os modernos Leite de Vasconcellos. A fim de ver se era fundada a oposição que o erudito director d'esta *Revista* fez á derivação tradicional [3], para indagar quaes as qualidades salientes dos Ratinhos, em que o nome chulo se baseia, e tambem para estabelecer se realmente ele se aplicava exclusiva ou primordialmente a trabalhadores da Beira-Baixa, examinei os apontamentos que pouco a pouco fôra coligindo [4]. Eis o que apurei até hoje:

Em primeiro lugar darei a documentação indispensável, recor-

---

1 Carvalho da Costa, I, 336 *e,* e III, 5.

2 Duran, *Romancero,* n.º 665. Mas ahi o animal immundo não é rata: *que siete hijos pariste, como puerca encenagada.*

3 Num artigo sobrescritado «Em Evora», impresso no *Reporter* de 20 de julho de 1888 (n.º 200), do qual tive conhecimento, por favor especial do autor, em princípios d'este ano. — As consequências a que chega, depois de esmiuçar dois passos de Gil Vicente (II, 443 e III, 237), a prosa de Leitão de Andrada, Jorge Cardoso, J. M. Baptista e o *Diccionário* de Bluteau, são as seguintes: «alguns auctores, preocupados com a semelhança entre Rates e Ratinhos, imaginaram logo uma relação etymologica, embora falsa, e suppuzeram inverosimilmente que o nome se propagou do Minho á Beira. Outros finalmente, seguindo mais afoitos neste terreno escorregadio das aproximações nem sequer se referiram mais aos Ratinhos da Beira, e attribuiram a denominação aos Minhotos». Visa aqui o P. Rafael Bluteau que dissera: «*Ratinhos se chamam os povos do Bispado de Braga,* porque fóra da sua terra, perguntando-lhes donde vem, costumavão responder que vinham de S. Pedro de Rates». — São importantes as palavras finaes de Leite de Vasconcellos: «De mais na Beira creio que não ha nenhuma terra chamada Rates. Por outro lado nunca ouvi dar á gente de Rates o nome de Ratinhos, comquanto eu tenha já nas minhas *Tradições Populares de Portugal,* § 161 *a,* uma lenda de lá». — Não propõe a etimologia que advogo; mas de carta particular sei que não lhe repugna.

4 Claro está que não me é desconhecido o que T. Braga escreveu a respeito de *ratinho,* por ex. no *Povo Português,* I, 106, e II, 415; nem tão pouco as reimpressões das suas opiniões em jornaes como a *Epoca* (1886, n.º 43). — Ele aceita as ideias dos antigos, na fé de que deviam estar bem informados.

rendo sobretudo aos *Autos* do Plauto português como fonte mais arcaïca e mais caudalosa.

1) *Ratinho da Giesteira* [1], é uma das pulhas que Joanne, o Parvo, dirige ao Diabo. (Gil Vicente, I, 224). Na edição *princeps* ha, não só neste trecho mas em todos quantos cito, *ratinho*, com *r* minúsculo.

2) Se casasses com pàção
que grande graça seria!
e minha consolação.
Que te chame de *ratinha*,
tinhosa cada meia-hora,
inda que a alma me chora
folgarei, por vida minha!

(*Ibid.*, II, 435).

Um pastor da Serra da Estrela repreende e increpa assim a rapariga que ama, porque, esquiva e orgulhosa com ele, seu igual, se deixa enlevar pelas graças dos cortesãos. —

3) Muitos ratinhos vão *lá*
de *cá da serra* a ganhar.

(*Ibid.*, II, 443.)

É um folião do Sardoal [2] que assim vem desafiar os bailadores da Serra, provando-lhes que já conhece a arte d'eles. —

4) E no mais triste *ratinho*
s'enxergava hũa alegria
que agora não tem caminho.

(*Ibid.*, II, 447).

D'esta vez é o Autor que fala, no Prólogo do *Triunfo do Inverno*, referindo-se ao bom tempo antigo em que na aldeia de Barcarena havia tambor em cada moínho. —

5) Onde he o vosso *ratinho?*
não tem os cheiros colhidos?

(*Ibid.*, III, 66).

---

[1] Talvez: *da giesteira*, como quem dissesse ratinho do mato? — Ha edições soltas do Auto, em que falta o trecho. — *Giesteiras* são freqüentes nos *Autos* de Gil Vicente (vid., por ex. II, 216).

[2] Creio que se trata do concelho, pertencente á comarca de Abrantes, bispado de Castello Branco (Baptista, IV, 276).

Pertence á moça que assim interroga o Velho da Horta a respeito do seu criado, o Parvo da farsa. —

6) Toma *ratinhos* por pagens.
(*Ibid.*, III, 203).

É o capelão do fidalgo pobre de Coimbra que assim fala do seu amo, porque sem renda nem nada quer ter muitos aparatos.—

7) *Ratinho* és de má casta!
....
Ratinhos são abantesmas
e quem por pagens os tem.
(*Ibid.*, III, p. 21).

É o proprio fidalgo que ralha assim, indignado pelo saibo, pouco fino, da fala do vilão. —

8) Mais fermoso está ao villão
mao burel que mao frisado,
e romper matos maninhos;
e ao fidalgo de nação
ter quatro homens de recados
e leixar lavrar *ratinhos*.
(*Ibid.*, III, 220).

Assim discursa, sensatamente o almocreve Pero Vaz, de a par de Viseu, dirigindo-se a um dos pagens, *ratinhos*, do mesmo fidalgote,—pagem cujo pae cavava bacelo, bem cansado e bem suado, emquanto a mãe *levava o gado pera Val de Cobelo, mal roupada qu'ella ia*. —

9) Logo vos foram dizer
qu'era eu *ratinho*, senhor.
(*Ibid.*, III, 237).

Assim replíca um moço do paço ao outro, que aludira a centeios, mondas, gado da serra, para chasquear d'ele. —

10) essa *ratinho*, canseira,
....
ficar abora, *ratinho*
....
a mi abre oio e ve
ratinho tira bes[t]iro
....
ratinho, quem te forcasse!
ratinho nunca bi[n]tem.
(*Ibid.*, III, 245-247).

É um negro ladino, grande ladrão, que trata de enganar um pobre e simplório vilão, filho de um lavrador das bandas de Pedrógão — já roubado e enganado pelos dois moços do paço.

Passo aos poetas cómicos da escola de Gil Vicente: António Prestes e Chiado:

> Será agora o homem como *ratinho*
> que nasce d'um freixo, vem cá tomar honra
> aos naturaes de Douro e Minho.
>
> (Prestes, p. 5).

A Sensualidade consola o Diabo, que decaiu para sempre de anjo luzente, emquanto o homem vilão, se se penitenciar, subirá a anjo. Ignoro se o poeta, — muito escuro, conceituoso e simbólico no seu *Auto da Ave Maria,* — pensa em algum *Freixo* de Trás-os-Montes, ou nos *ratinhos* do mato que tem as suas luras no raïzame das árvores.

No mesmo drama alegórico o moço *Ganhar-pera-ruins,* que acumula dinheiros para morrer rico, aparece *em trajo de Ratinho.* A respeito d'ele o Cavaleiro e a Sensualidade trocam o diálogo seguinte, antes de o despirem do seu:

> C. Vem em trajos de *ratinho* !
> S. Vem o próprio, singular.
> É *ratinho* no ganhar,
> e pombo no fazer ninho.
> C. Quem-no ha de saltear ?
> O demo lhe leva tudo,
> e mais, quem se fica rindo [1].
>
> (P. 88).

Se no citado *Auto da Ave Maria* o Moço *Ganhar-pera-ruins* está na lista das figuras como *Ratinho*, na do *Auto do Procurador* aparecem dois, sem outro nome [2]: vilões do concelho de Elvas, gente de agricultura, rude e testaruda, que fala á moda da terra natal, sem pejo nem circumlóquios [3], mesmo em Lisboa onde

---

[1] Cfr. p. 90:

> O demo é que leva tudo,
> quem se fica rindo alto.

[2] Vid. pp. 104, 138, 140, 155, 164, 167 e 169.

[3] A p. 169 alguem diz d'elles: *falam ratinho.*

visitam um primo que fez fortuna, casando com a filha do Procurador.

No *Auto dos dous Irmãos* o Criado, velhaco e teimoso, ora é tratado de *Ratinho* (p. 239), ora de *Vilão* (p. 249).

Na *Pratica de oito figuras,* do Chiado, um moço conversa com outro, que na capital serve de escudeiro a um fidalgo, se preza de muito discreto e pàção, e tem pretensões de ser del Rei, dizendo:

Hontem viestes da Beira
e aprendestes tão asinha?[1]

acrescentando ditados como

....
oi vindo e cras garrido![2]
Hontem pascendo no feno,
e hoje sois-me tão lido!

Mas não lhe apõe a alcunha de que me ocupo.

Passo pela locução de Jorge Ferreira, e por um trecho pouco característico no *Auto do Dia de Juizo* (p. 11), para chegar ao já citado Leitão, que intercalando na sua prosa um romance na rude linguagem pastoril da vila de Pedrógão, o classifica como ratinho vilanesco (Dialogo 1, p. 3). D'ahi aponto ao *Entremês do Poeta,* de Francisco Rodrigues Lobo, em que um *Ratinho,* chamado Mendo, faz o papel de vilão gracioso, ou digamos de Sancho Panza de seu amo quixotesco e cultista, falando linguagem rústica e chula, um tanto artificial, que serviu de modelo a outros autores posteriores, como a Simão Machado, o qual introduziu nas suas *Comédias* alguns tipos populares a falarem *castrejam* ou á *castrejana,* i. é, á maneira dos de Castrodaire. Treslado em nota umas linhas do Apologo Dialogal dos *Relógios Falantes,* em que Francisco Manuel de Mello caracteriza os da Beira como parvos, teimosos[3]. E para não me tornar enfadonha demais, registo apenas

---

[1] P. 9 da edição moderna (1889). — Muito desejava saber se no original se lê: TAM *asinha* ou *tamasinha.*

[2] Provavelmente á castelhana: *hoy venido i cras garrido.*

[3] «Porque tal ha d'elles que por teima de que seu vizinho não seja almotacé nos coutos de Leonil vem a pé sessenta légoas á côrte, gasta o que tem, mata aos ministros, e no cabo volta á sua terra e por dois magustos que am-

que no século XVIII o tipo surge ainda, como criado gracioso, ora lorpa, ora ladino, tanto nos *Folhetos de ambas Lisboas* [1] como nas farsas e nos entremeses da *Musa Jocosa* [2], comquanto os Galegos e Saloios já começassem então a fazer as vezes dos *Ratinhos*. *Ratinhos* quer da Beira, quer do Alto Minho, quer de Trás-os Montes. Alego — como muito digno de atenção, que mesmo em obras castelhanas do tempo da União, lobrigamos a sua cara ingenuamente tosca e risonha, mais larga que comprida como a do Zé Povinho [3]. E concluo a documentação com dois adágios importantes. O primeiro apregoa: «Entre Douro e Minho, Portugal *ratinho*» [4], justificando o modo de ver de Bluteau, que acreditava na origem minhota do tipo. O segundo parece estender o termo a Portugal inteiro, Portugal agrícola, bem se vê: «Portugal *ratinho*, falta-lhe para pão e não para vinho» [5]. Tal generalização tem provavelmente as suas raizes em Hespanha — nas regiões cerealíferas. — Os proprietários ricos até englobavam na palavra Portugal as montanhas de Leon, o *Bierzo*, e não sei que mais! Se não for assim, como se explica que um bachiller, ludibriado pela Pícara Justina, lhe dirigisse pessoalmente a invectiva: *Naceste entre sebosos ratiños?* [6] a ela que em Mansilla abrira os olhos á luz do dia? Que digo? *uma* invectiva? Duas, e ambas elas das que o Castelhano costumava lançar contra o Português: *seboso*

---

bos merendam... ei-los amigos». (P. 25 da reimpressão moderna, Lisboa 1900). — E note-se que no princípio da oração emprega de propósito o termo *ratinho*, falando pouco depois dos *fidalgos da Beira*.

[1] Vid. os de 1730, n.os 13 e 20. — No último, de 11 de novembro, note-se a oração seguinte: «Neste bairro ha um célebre namoramento entre a moça de um grumete e um *Ratinho* natural da Villa de Monção».

[2] Por exemplo, no entremês entitulado: *O que perde o mês não perde o anno*.

[3] Na novela leonesa da *Pícara Justina*, repleta de idiotismos, fala-se diversas vezes de *un caballero ratiño de junto á Portaalegre* (sic). Vid. parte I, cap. III, § 3.º, pp. 51 e 52).

[4] Em castelhano: *Entre Duero y Miño português ratiño*.

[5] Em castelhano: *Portugal ratiño fáltale para pan y no para vino*. — De ambos estes rifões se fala num estudo de Gabriel Maria Vergara, *Refranes, modismos y cantares geográficos empleados en España, con relación a otros pueblos*, publicado na excelente revista do entusiástico lusitanófilo J. Nombela y Campos (*Vida Intelectual*, I, 156). — Outro provérbio relativo aos *ratiños* diz: *Aunque somos gente de la Vera no nos echan de la iglesia* (*ibid.*, p. 173).

[6] *Pícara Justina*, III-4-2.

por *derretido*[1]; e *ratiño* por *lapuz pobre, humilde, tosco!* — *Habent sua fata... vocabula.*

*

Resumindo: o fundador do teatro nacional criou o tipo cómico do *ratinho* (com *r* minúsculo) como figura dramática. Mas não o inventou. Criou-o, apanhando do vivo os traços característicos da fisionomia, da psicologia e do modo de viver e de dizer da gente que nos dias faustosos de D. Manuel afluia da província á côrte — côrte que, como todos sabem, ainda não tinha residência fixa na capital, passando ora a Coimbra, ora a Évora, e os meses de verão em Almeirim e Santarem[2].

Mas que gente era essa? De onde vinha? De longe, e de perto. Ignoro se realmente a maior parte era da Beira. Em todo o caso, os que desciam da Serra da Estrela, das fraldas da Beira, eram os provincianos que pelo arcaïsmo e a originalidade do seu traje, das suas maneiras, das suas cantigas e danças populares, de sabor muito primitivo, e pela sua linguagem plebeiamente pitoresca produziram na alma do poeta a mais profunda impressão de contraste. Não se pode negar que tivesse predilecção pelos serranos, pelos pastores.

O drama profano nasceu do sagrado. Nos Autos do Natal, pastores eram as figuras principaes. Nas mais antigas poesias bucólicas, cultas, d'aquelle tempo, tanto nas adaptações vergilianas de Encina como nas suas Églogas originaes, esses mesmos pastores eram interlocutores. Se lá se serviam de dialectos salmantinos (especialmente do *sayagués*), porque Encina e Lucas Fernández[3]

---

[1] Não é este o lugar para tratar do assunto. Apenas tirarei do ensaio mencionado na nota antecedente, a copla:

Portugues seboso,
Rabo de cuchar,
No tiene blanca
Y quiérese casar.

[2] É nessas cidades, mas tambem em Santos, Almada, Abrantes, Sintra, Tomar, Odivelas e Caldas da Rainha que os *Autos* de Gil Vicente se estreavam — os *divinos* em capelas, os *profanos* em paços reaes.

[3] Já contei em outra parte que entre os Moços da Capela da Rainha D. Maria havia (em 1517) um Lucas Fernández, Castelhano, que julgo ser o futuro catedrático de música da Universidade de Salamanca (1538) e autor, antes de 1514, de *Farsas y Eglogas al modo y estilo pastoril.*

eram da região de Salamanca, o fundador do teatro de cá escolheu, para diferençar essas ingénuas ou grosseiras personágens populares, das polidas da côrte, o falar dos serranos que mais caracteristico lhe parecia, ou que tinha mais ocasião de estudar [1]. E este ficou sendo «o modo e estilo pastoril português», quer os pastores figurassem efectivamente *Beirões*, quer não.

Nas obras relativas á Beira (como a *Tragicomédia da Serra da Estrela*, a farsa do *Clérigo da Beira*, a dos *Almocreves*, e o *Triunfo do Inverno*), mas tambem no *Velho da Horta* e mesmo na *Barca do Inferno* — surgem *ratinhos*, descidos da Serra [2]. Em geral moços imberbes; filhos de pastores ou de lavradores; gente de agricultura; vilões; humildes e pobres; ás vezes disformes e simplórios, ás vezes, finos, sob aparências toscas. Para que vinham? De modo algum para continuarem com as canseiras aborrecidas da lavoura e criação de gado. Uma só ambição os levava ao Eldorado da côrte. A de medrar e trepar. A de *serem del-rei*. De criados (eufemisticamente págens) de algum fidalgo, morador da côrte, querem subir a págens da lança, a moços da cámara, a cavaleiros-fidalgos [3]. Esta cobiça, que contribuía a despovoar as províncias não menos do que as expedições á Índia, tantas vezes fustigada pelos poetas e historiadores, e tantas vezes ridicularizada pelos Castelhanos, o Poeta condensou-a no desabafo

---

[1] Gil Vicente (bilíngüe nos seus *Autos*, em geral, e poliglota em alguns, enfeitados com trechos comicamente deturpados em francês, italiano, e com bocados de guineo) não estudou, por certo, o dialecto de uma localidade distincta, com entusiasmo e critério de filólogo. O conjunto das expressões mais típicas da fala rústica dos serranos, em geral bastante distanciada da linguagem culta dos palacianos na gramática e no vocabulário, eis o que elle parece ter reproduzido. A p. 211 do vol. III ha *falar ratinho*. Cfr. Prestes. O assunto exige ser tratado amplamente. Por ora só existe um esboço de Leite de Vasconcellos: *Gil Vicente e a linguagem popular* (1902). — Já mencionei que os pastores e lavradores de Simão Machado falam castrejão.

[2] Como se viu, Gil Vicente apresenta *ratinhos* da Serra da Estrela, mas tambem da Serra de Sintra, de Barcarena, da Giesteira (?). Os successores apresentam outros nascidos em Pedrógão, de Castrodaire, dos coutos de Leonil, de Elvas, de Portalegre, de Monção, de Freixo (?), estendendo o nome á gente da Estremadura, do Alemtejo, de Entre Douro e Minho e Trás-os-Montes.

[3] Gil Vicente, III, 219. — A p. 435 do vol. II conta-se a anedocta típica da pastora que adora o monarca e todos os cortesãos, porque a seu pae já lhe falou um dia el-rei, dizendo: «Affonso Vaz, em Fronteira e Monçarraz, como val o trigo lá?».

irónico seguinte do próprio pagem *ratinho* do fidalgo pobre de Coimbra, em réplica ás promessas tambem irónicas do amo [1]:

boa foi logo cá a vinda!
Assi que até os pastores
hão de ser del rei samica!
Por isso esta terra é rica
de pão, porque os lavradores
fazem os filhos pàçãos!
Cedo não ha de haver villãos!
todos del rei! todos del rei!

Para ganhar e fazer fortuna na côrte o *ratinho* era económico, cainho, illiberal—embora de vestido loução [2], ou muito loução [3]—como o Moço *Ganhar-pera-ruins* que dormia com a bolsa por baixo do travesseiro. D'ahi o derivado *ratinhar* = regatear ceitis e arrecadá-los.

E o nome que forma o assunto d'este artigo? Pelos modos, ele já estava fixado e consagrado na côrte quando o poeta cómico o acolheu. O génio aproveitado e ganancioso da gente da Beira, a sua fama de comilões, e talvez a qualidade de invasores da capital, podia levar alguem a equipará-los a pequenos roedores vorazes e daninhos. Acho todavia mais provável que, sem longas observações e reflexões, algum repentista e forjador de alcunhas, «dizedor de supitas graças» [4] (talvez chocarreiro castelhano dos muitos de que rezam Cancioneiros, Autos e Crónicas) lançasse o nome de *ratinhos* sob a forte impressão visual de um grupo de serranos, no seu típico traje de burel pardo-escuro, que tristemente se destacava das galas e garridices dos moços do paço [5].

Não é de admirar que a figura retórica passasse a outros pastores e lavradores, vindos de outras serras (mesmo das de Leon); nem tão pouco que a aplicassem de vez em quando a *fidalgos* da Beira, porque em alguns traços se pareciam por certo aos vilões da região. Sei de vários que, fartíssimos da vida palaciana, pensa-

---

1 Na boca dos amos, que ralham, não faltam epítetos injuriosos, como: *abantesma; de má casta; muito mal acepilhado.*

2 Gil Vicente, III, 220.

3 *Ibidem*, III, 236.

4 *Ibidem*, II, 133.

5 Do trajo dos *ratinhos* fala Prestes (p. 88).—Gil Vicente (III, 320) refere-se ao burel.—Garcia de Resende menciona o *vilão vestido de pardo* (*Canc. Ger.*, III, 588).—E quem procurasse havia de encontrar muitas mais alusões.

vam com saudade nas propriedades ruraes e nelas se refugiaram, depois de casados, para ahi criarem família, maldizendo das exigências de porteiros, veadores, tesoureiros e apousentadores. Um é aquele que remata uma sua filípica com as palavras:

Por isto, senhor Mafoma,
tresmontey ca nesta Beyra
....
que por nam ser cortesão
fogirey d'aquy tee Roma!

(*Canc. Ger.*, II, 295).

Se algum leitor me disser que a demonstração seria boa se a par de *ratinho* eu apontasse *rato* na mesma acepção, respondo que Simão Machado nos apresenta na *Alfea* (Parte I) um lapuz que invectiva um seu camarada chamando-o: «*rato* em cabreiro enxertado». Na Parte II, lá o tratam de *Rato-ninguem*.

AUFAS

«Acaesçio qu'ella andando un dia trebejando sin *aufas* ninguno e cantando con las otras donzellas muchas, pasó por ay el rrey».

Ela — é a filha do Conde Julião, a lendária Cava ou *Allacaba;* el-rei é portanto o último dos Godos. E o narrador do drama histórico é o Mouro Rasis, na afamada *Crónica,* cuja tradução portuguesa foi vertida para castelhano, e entrou na *Crónica General de 1344,* que pela sua vez serviu de base á *História Geral da Hespanha,* contida no MS. 4 do núcleo português da Biblioteca Nacional de Paris [1].

O trecho que transcrevi está, evidentemente, errado, muito embora tres entidades de primeira ordem o imprimissem sem o emendar [2].

Aufas é erro de leitura por *anfas; anfas* é grafia incorrecta de *anfaz*. E este, reduzido ás vezes no século XIII a *enfaz,* é forma popular contraída de *antifaz* < *ante-faciem* (*Kopfbinde, Schleier-*

---

[1] Morel-Fatio, *Catalogue,* p. 248.

[2] Ramon Menéndez Pidal, *Crónicas Generales de España,* p. 30. — Juan Menéndez Pidal, *Leyendas del último Rey Godo,* p. 124. — Menéndez y Pelayo, *Antologia,* XI, 147. — A *Chronica de Rasis* está integralmente no MS. 2-1-2 da Biblioteca Regia de Madrid. O passo que traslado é da fl. 28 *c.*

binde). *Antifaz, anfaz, enfaz,* designam o veo, a máscara, ou semi-máscara, com que as mulheres do Oriente, da seita de Mahomet, encobriam a cara; e tambem designam os rebuços diversos de que, em lances románticos dos livros de cavalaria e novelas pastoris, as heroínas cristans se serviam ocasionalmente para não serem reconhecidas, ou para que o sol e a poeira das estradas não lhes estragassem a tez.

Recordemo-nos das scenas em que, na obra prima de Cervantes, o Cura se disfarça em donzela andante e se encontra com D. Quixote. «Ciñose por la frente una liga de tafetan negro, y con otra liga hizo un *antifaz* con que se cubrió muy bien las barbas y el rostro... y pedió que no la mandase quitar su *antefaz*» [1].

E lembremo-nos do episódio do *Palmeirim de Inglaterra,* em que Floraman «encontrou uma donzella ricamente vestida, com duas donas, e ao passar tirou o *rebuço* que levava posto por se defender da calma, como quem desejou ser vista d'elle» [2].

Em castelhano: «encontró con una doncella ricamente ataviada, acompañada de dos dueñas, que al pasar se quitó *el antifaz* que llevava por amor del sol, *y le compuso* como quien dessea ser vista del» [3].

As formas arcáïcas são freqüentes nas *Cantigas de Santa Maria.* Tanto a Virgem como as suas devotas, quer monjas, quer mundanas, costumavam velar castamente o rosto, descobrindo-o apenas, de propósito, em ocasiões solenes.

E disse-ll' assí: Toll' as mãos d'ante ta faz
et pára-mi mentes, ca eu non tenno *anfaz*.
(*Cant.* 16, 13).

et tal se ficou como xe vẽera
porque pois non ouu' a trazer *enfaz*.
(*Cant.* 105, 7).

et ela chorando pos' seu *enfaz*.
(*Cant.* 122, 9).

et non tynna *enfaz*
et parecia mas crara
que é rubí nem crestal.
(*Cant.* 235, 19).

---

[1] Parte I, cap. 26 e 27.
[2] Francisco de Moraes, vol. III, cap. CXXXVII, p. 65 da ed. de 1852.
[3] *Biblioteca Nueva de Autores Españoles,* vol. VI, cap. XXXVI, p. 289.

Nos versos profanos dos trovadores galego-portugueses não ha exemplos, salvo êrro. Parece que *anfaz* e *antifaz* não eram usados em Portugal. Resta todavia conhecermos o teor português do passo da *Crónica do Mouro Rasis*. — Na impressão incompleta da *Hist. Geral* ele não está [1], porque fôra reproduzido em *fac-simile* litografado que infelizmente falta no exemplar de que me sirvo [2].

ANDILHAS — ANDAS — ANDES — ÁMEDES

Todos sabem o que são *andilhas*. Uma espécie de sela (alemão *Trage*); armação de pau, bem ou mal almofadada; espécie de cadeirinha em que se sentam mulheres que vão a cavalo. Lingüisticamente, e quanto ao sentido, é deminutivo de *andas* (alemão *Tragbahre, Bahre*). Tanto esse nome derivado como o antigo do leito portátil — espécie de liteira sem caixa, sobre varaes, levada por homens ou por animaes em que viajavam as damas nobres, mas tambem meros varaes que serviam para transporte de caixões de defuntos — era usadíssimo no século XVI. Aos exemplos abundantemente apontados nos diccionários não vale a pena juntar outros novos [3].

Da forma anterior *andes* ha um único exemplo na *Grammática* de João de Barros, que o alega entre os *pluralia tantum*, designadores de objectos duplos *pera serviço da pessoa e casa*, como *andes, andilhas, ciroulas* [4]. A suspeita, enunciada no *Diccionário* da Academia e no de Domingos Vieira, que *andes* seja mero êrro de imprensa, é justificada, porque o mesmo autor emprega sempre *andas* nas *Decadas da India* [5]. Mas, seja como for, a forma intermédia entre *andas* e a arcáica *ámedes*, que inspira este artigo, foi forçosamente *andes* (no século XV).

Ámedes pertence á linguagem galego-portuguesa de Alfonso o Sábio e do tradutor anónimo da *Demanda do Santo Graal* (segunda metade do sec. XIII ou princípios do XIV, conforme já indiquei [6]):

e *amedes* fezeron
log' en que o leuauan.
(*Cant.* 218, 6).

---

[1] Vid. p. 169 da ed. de A. Nunes de Carvalho.

[2] Devo-o á boa amizade do Exmo Sr. Sampaio (Bruno).

[3] Quem precisar d'eles recorra aos capitulos V e VI da *Menina e Moça*. Ahi encontrará mais de meia-duzia.

[4] Fl. 97 da ed. *princeps*.

[5] Por ex.: Dec. III, 2, 7 e IV, 9, 8.

[6] *Ámedes* continuava a usar-se quando se escreveu o precioso apógrafo conservado em Viena de Austria, porque entre as numerosíssimas modernizações, que o copista introduziu, não ha *andas* nem *andes*.

«Nom ha i al senom guisaremos (inf. pess.: *guisáremos*) hũus *amedes* e deitarmolos a nossos caualos». (*Graal,* 115 *d*)[1].

«Pois ouuerom guisado como levas[s]em Erec desarmarom-no e deitarom-no nos *amedes*». (*Ibid.*, 116 *a*).

«Entom fizerem *amedes* e liaram-nas a seus caualos e deitaram el Rei (notabene: Bandemagus!)». (*Ibid.,* 102 *d*).

«Enton guisarom hũus *amedes* e deitarom i o corpo de Lançalote». (*Ibid.,* 198 *c*).

Não se explica, em nenhum dos passos, se as padiolas improvisadas para transporte de mortos ou malferidos, levadas ora por dois homens, ora entre dois cavalos, constavam de ramos de árvores, cortados *ad hoc,* ou de varaes levados providencialmente na bagagem dos escudeiros.

Na versão castelhana, retocada para a impressão, conforme deixei dito, ha sempre *andas.* Eis o passo primeiro (deturpado como tantos outros): «No fagamos otra cosa... sino guisar *andas* y meter nuestros cavallos en ellas (!)».

A forma primitiva portuguesa, muito próxima do étimo latino *amĭtes,* é sempre plural e sempre masculino (com uma só excepção, que talvez seja êrro de escrita no apógrafo do Dr. Otto Klob, o qual tive entre mãos durante mais de trinta dias). O vocábulo latino, designação de uma estaca (talvez bipartida, de modo que formasse forquilha), em que se armava a rede para caçar pássaros), e das travessas de grades, denominava tambem os varaes para transporte de liteiras, como se vê em Palládio, *De Re Rustica,* 7-2-3.

De *amites, amedes, andes,* nasceu *andas* (fem.) sob influência de *andar.*

Andas subsiste no país vizinho, onde tem, a mais das acepções indicadas, a de *andor:* estrado assente em varas paralelas para transporte processional aos hombros de devotos.

Em Portugal desappareceu da linguagem viva.

Subsiste todavia o homónimo *andas,* pernas de pau (*Stelzen*), que deriva directamente de *andar.* Nem como veículo de transporte em terrenos pantanosos, nem como brinquedo de rapaz, essas muletas de pau com estribos a meia altura são porém muito freqüentes no país. As únicas que vi eram de equilibristas viandantes, vindos das *landes* de França, onde são tradicionaes.

---

[1] Para Erec, o simpático cavaleiro que nunca mentiu. Cap. 179, p. 229 *a.*

ESTEIO—ESTELO

Esteio, esteo, é vocábulo muito usado ao Norte d'este país, onde quási toda a gente possue uma ramada com sustentáculos de granito. No período arcáico já tinha a mesma forma [1]. Nos Diccionários castelhanos não se encontra o paralelo. Houve todavia, e talvez ainda se conserve em qualquer província, o termo registado no título d'este artigo, bem-vindo porque confirma a derivação de *stele* (lat.) στήλη, já indicada por Jules Cornu, na sua excelente *Gramática Portuguesa* (§§ 9 e 130).

No *Graal* castelhano, onde em geral se emprega *pilar,* ha pelo menos um passo em que *esteo* foi traduzido por *estelo.* Vid. p. 258: «e vio el escudo de Galaz colgado en un *estelo*» (cap. 255); = fl. 160: «e viu o escudo de Galaaz pendurado em hũu *esteo*» [2] Como todavia se podia impugnar a valia do termo num texto de proveniência portuguesa, apontarei outro no *Cancionero* original de Gómez Manrique. No vol. I, p. 204, menciona-se por duas vezes *astelo,* como instrumento da Paixão, juntamente com a soga [3]; *a* por *e*, por influência de *haste, hasta.*

Claro está que onde em lugar de *estelo, astelo,* surgir *esteo* em textos castelhanos, devemos considerá-los como traduções mal feitas de originaes portugueses. Tal é tambem a opinião acertada de Menéndez Pidal, que relevou ha tempos um caso na *Crónica do Mouro Rasis* [4].

No maravilhoso paço toledano chamado *Casa de Hércules,* violado pelo último rei Godo, os que o acompanhavam viram no

---

[1] Sem *i*, bem se vê. Vid. *CV.*, 920, 921, 953, 1024, e os passos do *Graal* que vão trasladados no texto.

[2] Cfr. fl. 142: «espada pendurada em hũu *esteo*». Este passo foi omitido na versão castelhana.

[3] Na *Representación del Nacimiento* os Arcanjos apresentam ao Meninc Jesus os *Martirios* e entre elles

> El *astelo* y la soga

dizendo:

> E será en este *astelo*
> tu cuerpo glorificado
> poderoso rey del cielo,
> con estas sogas atado.

[4] Vid. *Crónicas Generales de España,* Madrid 1898, p. 26, nota.

centro [1] «un *esteo* non muy grueso e era todo rredondo e era tan alto como un hombre, e avia hy en el una puerta... e encima della letras gruesas [2]... E despues que estas letras leyeron vieron en el *esteo* una casa fecha en qu'estaba una arca de plata» [3].

Em português: «non virom nenhuma cousa nelle senon que no meo estaua hum *esteo* non muy grosso e era todo rredondo... e auya em elle huma porta muy sotilmente feita e em cima della leteras gregas... Poys que estas leteras leerom virom no *esteo* huma casa feita em que se vya huma arca de prata».

Em acepção figurada ocorre a fl. 194 *c.* onde se diz del rei Artur «ca este era *esteo* do mundo, onrra do segre». Na versão: «*castillo* del mundo e honrra de los cavalleros»! Evidentemente, *castillo* está por *astelo.*

IDOSO (DIOSO) — E MAIS CASOS DE HAPLOLOGIA

Num capítulo das suas *Questões de linguagem,* publicadas no *Correio do Norte,* e reimpressas no volume *Estudos da língua portuguesa* [4], Júlio Moreira cita, com relação á fórmula chula *tuta e meia,* o adjectivo *bondoso* por *bondadoso,* de *bondade,* para tornar provável a omissão da sílaba átona *ma-* em *uma* (*ma*)*tuta* [5]. D'esses casos de simplificação de reduplicações aparentes, inúteis no sentir do povo, ha bastantes nas línguas hispánicas [6].

Formando grupo com *bondoso* ha *caridoso; cuidoso* de *cuidado,* este ao par de *cuidadoso* com variante de sentido [7]; *curgidoso,* vulgarismo de *curgidade* por *curiosidade; habilidoso; idoso,* de onde saiu *dioso* antes do século XV; *maldoso; piedoso, piadoso,* com *apiedar-se, apiadar-se, apiedado, compiadar-se, des-*

---

[1] O trecho está deturpado: «e nunca podieron ver nin asmar sino lo mejor que vieron estar un *esteo*».

[2] Por *griegas.*

[3] A tradução é em geral muito má, muitas vezes incompreensível sem ajuda do texto português, de que felizmente subsiste uma tardia cópia na *Crónica de 1457* (Paris, n.º 4). Entre os disparates que ha no trecho transcrito pelo investigador castelhano, sem que este os notasse, apontarei *bestias* (por *beestas* = *ballistas*), porque o erro se repete na versão do *Graal.*

[4] Porto, 1908.

[5] P. 214. A doutrina é discutível.

[6] Tratei de alguns (como *moganga, ligamba, cotiano, cotio*) nos meus primeiros ensaios etimológicos. (*Jahrbuch,* XIII, pp. 57-59).

[7] *Cuidoso,* freqüente nas obras de Bernardim Ribeiro, é em allemão «*besorgt, beeifert*»; *cuidadoso,* «*sorgenvoll*» e «*sorgfältig*».

piadar-se[1]; *saudoso; vaidoso* com *envaidar-se*. *Humildoso* e *ruindoso*, a par de *humilde* e *ruim*.

Para o mesmo fim, a linguagem serve-se ainda de outros processos, como, por exemplo, metátese da vogal átona. *Empardeada* de *emparedada* era muito usado no período galego-português.

Entre os numerosos particípios adjectivados em *-udo*, derivados de substantivos, ha dois, pelo menos, provenientes de proparoxítonos, em cuja última sílaba ha *-d-*. Para evitar *-dudo* é que se deixa subsistir a vogal átona em *espadaúdo, codeúdo*. Ha mesmo casos em que a introduziram. Por exemplo em *sedeudo*, de *sedas*. Para evitar *-dado* é que em lugar de *atordado* se diz *atordoado*, como se viesse de *tordão* que não existe; e *estonteado*, em vez de *estontado*.

ADIANO

Este adjectivo arcáïco, substantivo em sentido derivado, talvez seja mais um exemplo de haplologia.

De *edoso, idoso*, proveio *dioso*, (al. *betagt*) por metátese, ou talvez por influência de *dia*. Foi usado em Portugal e Hespanha. No *Alexandre* designa o Nestor do Poema: «Parmenio el *dioso* que lo auje creado»[2]. Nas *Obras* de Gil Vicente é um dos qualificativos dos provérbios, isto é, do bom sengo antigo[3]. Numas trovas do *Cancioneiro Geral* sobre terceiros de amor lê-se:

> Antes peytay hum porteyro
> com vestidos e dinheyro,
> e seja porem *dioso*.
> (II, 5).

A par de *idoso* formaram, com mudança de sufixo, *ediano* e *adiano*, por influência do prefixo *a*.

Quanto á semántica, *idoso* é, em sentido figurado, equivalente de *digno de atenção e respeito; valioso; precioso, esmerado;* e tambem de *experimentado, sábio por longa experiência* (*à toute épreuve*). *Anciano* (port. *ancião*) e *antiguo* (port. *antigo*[4]) tem,

---

[1] *Apieda-te!* mostra quão arreigadas são essas formas.
[2] Estr. 1242 (= 1383 na nova edição de Morel-Fatio).
[3] «Exemplo *dioso*». (Vol. III, 370).
[4] «Azeite, vinho e amigo: o mais antigo!» — É um exemplo, entre muitos.

muita vez, a mesma acepção, em particular com relação a obras de arte. Ou quererá alguem negar que o coleccionador de obras de arte, e qualquer *laudator temporis acti* se sirva d'esses termos exclusivamente em sentido encomiástico? [1] E o substantivo *adiano*, nos poucos exemplos de que tenho nota, denomina obras de arte, de grande preço, ofertadas á Virgem ou aos Santos (*Weihgeschenke*). O adjectivo qualifica *homens* (ombre, cuerpo, bracero); ou obras, com especificação *tumbas; riquezas*, com sentido menos preciso. Uma vez ha *dias adianos*. Ha mesmo um trecho em que é variante, sinónimo de *anciano*. Nem mesmo falta a forma *ediano* — que parece vinda de propósito para valorizar a minha hipótese.

Os textos em que ocorre são: o *Poema de Alexandre*, de cujo leonismo estou convencida e que torno a atribuir a Juan Lorenzo de Astorga (6); os poemas sacros de Gonzalo de Berceo (2); e as *Cantigas de Santa Maria* do rei sábio (3). Em Portugal ainda não encontrei vestígio algum.

Eis os materiaes de que tirei as minhas conclusões:

1) Esforciaua sus yentes como *ombre adiano.*

(*Poema de Alexandre*, Estr. 272 da ed. Rivadeneyra) [2].

2) Cobrios' el almofar, de *obra adiana,*
dessuso el yelmo, de oura esmerada.

(*Ibid.*, 432).

Na redacção publicada por Morel-Fatio ha a variante:

cubriose vn almofle, vna cofia delgada,
de suso puso vn yelmo, de *obra anciana.*

(Estr. 441).

3) Ector..............................
el cond don Eneas, dos cuerpos *adianos,*
tan bien se aiudauan cuemo si fuessen hermanos.

(*Ibid.*, 530).

---

[1] *Velho* tem frequentemente sentido depreciativo. Mas não sempre.

[2] No texto (Paris.) publicado por Morel-Fatio, posterior ao de Madrid, e evidentemente retocado, a estrofe correspondente (279) não contém o vocábulo. O copista expurgou-o de muitos leonismos.

Houve retoque, mas d'esta vez não abrange o adjectivo:

el e don Eneas, dos cuerpos *adianos*,
tan bien se aiudavan como unos hermanos.

(*Ibid.*, 542).

4) .... dos hermanos,
valientes caualleros, de dias *adianos*.

(*Ibid.*, 586).

Variante:

.... dos hermanos,
amos valientes omes, braceros *adianos*.

(*Ibid*, 613).

5) digamos del aruol que enna vinna estaua
que azie hy riqueza fiera e *adiana*.

(*Ibid.*, 1968).

digamos de un arbol que sedie en la plaça,
que yaze alla riqueza fiera e *ediana*.

(*Ibid.*, 2110).

6) Fallaron un palacio en una ysla llana
era dentro e fuera de obra *adiana*.

(*Ibid.*, 2314)).

Trata-se de uma antiga morada de Diana e Phœbus. Portanto, é quasi certo ter sido *antiquissima* na mente do Poeta.

7) Nos *Milagros de Nuestra Señora* o clérigo Gonzalo de Berceo conta como mancebos vigorosos foram degolar um ladrão já enforcado. Para este fim levam instrumentos [1] *grandes e adianos* (Estr. 155).

8) No *Poema de S. Domingos* menciona uma

tumba firme e *adiana*.

(Estr., 274).

9) *Cantigas de S. Maria:*

aa Virgen grandes *adianos*
deu ....

(141, 8).

---

1 *Seraniles*. — *Serras?* ou *cutelos serranis?*

10) dando grandes *adianos*, todos a Santa Maria.

(273, 10).

11) .... o fillo
en logar que [1] *adianos*
dess end' a Santa Maria.

(43, 6).

Nas interpretações, completamente arbitrárias de Sánchez e do Marquês de Valmar, não ha elementos aproveitáveis.

ENTRÈVADO

Entrèvado = tolhido dos membros (*gliederlahm, gelähmt*, alemão), de onde *entrèvar, entrèvamento, entrèvação*, mal pode ter as mesmas origens de *entrèvado*, metido em trévas (*tenĕbras*), de onde *entenebrecer* e *entrevecimento* [2]. Em sentido figurado este último podia aplicar-se a um cego, mas não a um paralítico. E o povo percebe isso, porque em geral transforma o termo, dizendo *emprègado* (como se derivasse de *prégo, epigrus*) e *entrègado*.

Julgo que está por *entravado* (* *intrabatus*, de *trabe*) cujo símprez *travado* tinha originariamente a significação de «peado, preso com peias, immobilizado por meio de prisões nos pés». D'ahi a significar «preso das pernas por doença» não ha senão um passo.

A substituição de *a* átono por *e* (como em *rezão, sezão, Estorga, Esturas, estilha, desestrado, crestar*, etc. [3]) não seria de admirar. A de *e* por *è* talvez se deva á influência de *trévas* e seus derivados.

Lembrei-me d'isso ao comparar o *Palmeirim de Inglaterra*, de Francisco de Moraes, com a descuidadíssima tradução toledana. Chegada ao cap. 156 li no texto português: «O imperador... tolhido de todolos membros corporaes, estava de todo *entravado* e não se levantava d'uma cama» (vol. III, p. 248, da ed. de 1852). E no castelhano: «El emperador ... tullido de todos sus membros corporales estaba *trabado* de manera que no se levantaba de una cama» (cap. 53, p. 340 da *Nueva Biblioteca de Autores Españoles*).

Resta procurarmos nos dialectos de ambos os países *travado* e *entravado* mais exemplos com a acepção indicada.

---

[1] Entenda-se: *de adianos?*
[2] Meter em trevas; ficar em trevas; escurecer.
[3] Vid. Cornu, § 96.

ARIAS

«E la espada del rey fue cortada cabe el *arias* e quedó al rey la empuñadura en la mano» (*Merlin*, cap. 173, p. 67) [1].

«E diole en la espada un tan gran golpe que la quebró, assi que la cuchilla con el *arias* cayó en tierra e finco al cavallero la mançana en el puño». (*Ibid.*, cap. 263, p. 109).

O sentido é claro, mesmo para quem não puder recorrer ao original francês [2]. O manuscrito castelhano, modernizado em fins do século XV, com pouca perícia e pouco cuidado, tinha seguramente *aRias*, isto é, *arrias*. Esta transcrição do termo árabe الرياس = *capulus ensis, garde d'épée* [3], é preferível ao moderno *arriaz* (com z) [4]. O português *arreás, arriaz*, parece ser a mesma palavra. Resta averiguar se as definições dadas por Moraes são exactas [5]. Pessoalmente, não tomei nota de exemplo algum; nem tenho ao meu dispôr o livro de Galvão de Andrade sobre a *Cavallaria da Gineta*, a que o lexicógrafo nos remete.

QUINCHOSO

Por *conchoso*, de *conchouso* = lat. *conclausus*, como já foi provado por Leite de Vasconcellos [6]. — Camillo [7] e Castilho empregaram freqüentes vezes esse nome minhoto de pequenos cortêlhos, cerrados ou quintaes. O mais antigo exemplo literário que conheço,

---

1 *Nueva Biblioteca de Autores Españoles*, vol. VI.

2 *Merlin*, ed. Gaston Paris e Jacob Ulrich, Paris 1886. — Vid. vol. I, p. 192: «en copa il l'espee le roi tout outre par mi par devant le *heut* si que li brans l'en chei a terre, et le *heudure* en remest le roi en sa main. — Vol. II, 27: si fiert en l'espee si durement qu'il le brise par devant le *heut* si que li brans en chiet a terre et il poins... (lacuna)».

3 Vid. Dozy, s. v.

4 «Fivelas sem fusilão por onde se enfiam os loros dos estribos pegados á sella. Peça do arreyo do cavallo, de metal». Os outros Diccionários pouco ou nada nos adiantam.

5 Vid. *Gran Conquista*, cap. 368, p. 493: «con una espada... en la mano... e diosela al Emperador por el *arriaz*».

6 *Rev. Lusitana*, IV, 72.

7 Vid. *A Brasileira*, p. 129.

e que ninguém citou até hoje, pertence ao *Cancioneiro Geral* (I, 257). Um pàção, transformado em lavrador, diz ahi:

> Mays me quero hum soo conchoso (*sic*)
> de laranjas e ljmõoes,
> e com repouso,
> que preguntar onde pouso
> oo d'Abreu sobre payxõoes.

O verbo *claudere* deu *choïr* e *chouvir*, com introdução do *v* para desfazer o hiato (como em *ouvir, gouvir, louvar, louvor*, etc.). No tempo de Alfonso X ainda se dizia *chauso* (Vid. *CM*., 262, «portas *chausas*», mas tambem *choir, enchoir* (40, 2: *enchoisti*).

Os Galegos ainda hoje usam de *choer, deschoer*, com particípio forte e fraco, *chouso* e *choido*.

Quanto á moderna redução da vogal átona, confira-se *quingosta* por *congosta* [1]. Tanto *Quinchosa* como *Quingosta* pertencem á toponímia nacional [2].

ALCÁFAR

Dozy conhece apenas a significação primitiva de «xairel, cobertor de cavallo», *stragulum quod equi lumbis imponi solet* (do arabe الكفل). A mais usada, tanto em português como em hespanhol, foi todavia a derivada: *ancas* (= *clunes*) como lugar onde assenta o xairel, ou toda a parte traseira do cavalo, incluindo a cauda.

No *Graal* lê-se a fl. 111 *d*: «e Erec... firio Sagramor em meo o peito, de tam gram colpe que o meteo em terra por cima do *alcafar* do cavallo». — E a fl. 162 *d*: «Então se leixou Mordret ir a Galaaz. Galaaz o pôs em terra por cima do *alcafar* do cavalo».

Na tradução castelhana os passos correspondentes tem o teor seguinte: «e(n) Erec... firió a Sagramor por medio de los pechos que dio con él amortecido en tierra por las ancas del cavallo (cap. 164, p. 224). — Estonce se dexo Morderec yr para Galaz y el recebiolo atan bien que dio con el en tierra por cima del cavallo al caer del» (cap. 267, p. 263). Aqui houve, evidentemente, má

[1] *Rev. Lusitana*, IV, 72.

[2] Ha *Quinchosa, Quinchosinhos, Quinchoso, Quinchosos; Quingosta, Quingostas, Quingusto, Quingustos*.

interpretação, da parte do impressor, de um manuscrito emendado. Leia-se «por cima del *alcafar* (ou *alcafer*) del cavallo».

Mais importante é a descrição da dessemelhada *besta ladrador* no livro de *Merlin* (cap. 146, p. 54): «ca ella avia la cabeça e cuello de oveja, blanco como nieve, e pie e piernas de can, negras como carbon; e auia el cuerpo e el *alcafar* como raposo».

RETOÑO — RETOÑAR

As etimologias propostas [1] não satisfazem, porque não tomam em conta o caracter fundamentalmente popular da concepção, nem tão pouco definem bem o significado.

As plantas *retoñan* ou deitam rebentos novos fóra do tempo, depois de já uma vez haverem frutificado regularmente. Quem não viu com agrado e enternecimento pessegueiros, damasqueiros, cerejeiras e outras árvores de fruta, em flor, com aspecto primaveril no mês de Novembro, depois das chuvas equinoxiaes? Mesmo em sentido figurado *retoños* são sempre rebentos *outoniços* — tardios como os *Johannis-triebe* do Norte — paixões e afectos em troncos velhos que pareciam próximos de secar-se, faltos de seiva.

Nas Astúrias, *toñada* designa a herva que os prados produzem depois das segas do verão: de Novembro a Janeiro. E *otoñada* significa exactamente a mesma coisa: «la segunda cria de hierba verde que dan los prados y que se pasta desde Nov. a Enero» [2]. *Toñil* é o nome do ninho de herva ou de palha em que os rapazes põem a fruta verde para a amadurar. Evidentemente, tambem quando o calor natural já não é suficiente para esse fim.

Mencionando *otoñada* já enunciei o meu modo de ver. Separo *re + toñar*, *re + toño;* entendo *nach + herbsten, spät + treiben;* e reconheço em *toño* uma forma popular de *otoño < auctumnus.*

Aos numerosíssimos casos de aférese, já registados por mim e por outros investigadores, juntarei aqui alguns menos conhecidos em que houve suppressão de *o, ho, u: baço < opacio; chavo* (gal.) [3] *< ochavo, octavo; Degebe* por *Odegebe, Guadigebe; Diana,* por *Odiana, Guadiana; geriza,* (cast.) *ogeriza; liado* de *oleado; licornio, unicornio; menagem* de *homenagem; mezio, homezio < ho-*

---

[1] Vid. Körting, s. v. *retumidare.*

[2] Vid. Rato de Argüelles, *Vocabulário Bable*, 1892.

[3] Em português ha a locução «isto não vale um chavo galego».

micidio; penião, punião, de *opinião*; *ror* de *horror*; *repiar* < *horripilare*; *sufruto* de *usufruto*.—*Bispo* (*obispo*) e *riço* (*ouriço* < *ericius*) são casos um pouco diferentes.

Vocábulos populares reforçados pelo prefixo *re-* (ou mais ainda por meio de *ar* + *re*) são numerosíssimos e tão conhecidos que não vale a pena constituir a lista. Lá vão ao acaso alguns:

(ar)-re-atar
(ar)-re-vezar.
(ar)-re-cadar.
(ar)-re-cear.
(ar)-re-ganhar.
ar -re-fanhar.
(ar)-re-medar.
ar -re-fecer.
ar -re-fentar.
(ar)-re-boar.
ar -re-gostar.
ar - r -edrar.
ar - r -empuxar.
ar - r -estregar. (Vid. o artigo que se se segue).

O símplez *re-* umas vezes acrescenta a significação, outras vezes modifica-a. No nosso caso, *re* duplica, pois *retoñar* significa «dar rebentos *segunda vez*» ou mesmo «dar fruto *segunda vez*».

Em *arrebanhar*, *re* não é prefixo, se a etimologia de Cornu, *rebanho* <* *herbaneus*, for certa, como é possível.

ESTREGAR — ARRESTREGAR

Os Diccionaristas continuam a excluir este verbo das suas listas, apesar de filólogos acreditados lhe haverem ligado a devida atenção [1]. E os editores dos *Lusíadas* continuam a riscá-lo da única oitava em que ocorre, substituindo-o pelo sinónimo *esfregar*, persuadidos de que houve erro de imprensa na edição *princeps* [2].

Sem razão nenhuma. *Estregar*, assim como a forma reforçada *arrestregar*, subsistem na linguagem popular dos Bercianos, portanto em comarcas fronteiriças de Portugal. Nos *Ensayos poéticos em dialecto berciano* (1861), temos (a p. 350) *estregar os ollos* e (a p. 354) *arrestregar as mãos*. A prova de que no século XV a primitiva era geralmente usada, está no ditado proverbial: «Xó que te estriego», citado pelo Marquês de Santillana nos seus *Refranes*

---

[1] *Estregar* falta por ex. no *Manual* de Coelho e no *Novo Diccionário*.

[2] Refiro-me ás edições do Dr. Mendes dos Remedios (1900 e 1903) e de José Agostinho (1907–1908). Claro está que na que publiquei (*Biblioteca Românica*, fascs. 10, 25, 45) me cingi á lição primitiva por ela ser boa.

que las viejas dicen tras el fuego; repetido mais completo, pela velha Celestina: «Xó que te *estriego,* asno cojo»; e variado por Sancho Panza: «Xó que te *estriego,* burra de mi suegra» [1].

Estregar significa evidentemente «almofaçar», (all. *striegeln*) no provérbio; tendo a acepção mais vaga de «esfregar [2], friccionar, roçar», nos textos bercianos. Com estes, os hendecassílabos de Camões estão em boa harmonia. É pois de toda a justiça que no canto VI, oitava 39, na famosa descrição naturalista da sonolência dos marujos que, para afastar o entorpecimento do corpo, estiram os membros, torcendo-se e porventura roçando as costas na amurada da caravela, se leia:

> Vencidos vem do sono, e mal-despertos
> bocijando a miude se encostavam
> pelas antenas, todos mal-cubertos
> contra os agudos ares que assopravam.
>
> Os olhos contra seu querer abertos,
> mas *estregando* os membros estiravam;
> remedios contra o sono buscar querem,
> historias contam, casos mil referem.

Em vista dos casos apontados, julgo muito mais provável a derivação de * *striga* por * *strigula* — ambos na acepção de *strigilis* (all. *Striegel*) — já proposta por Baist [3], do que a de * *ex-tericare* (de *terere*), advogada por Parodi [4] e Gonçálvez Viana [5].

LOURO

Gonçálvez Viana já deu a explicação de *louro,* aplicado ao *papagaio* [6], tirando-o do malaio *nóri* por uma d'aquellas curiosas etimologias populares que, sem se importarem um ápice se-

---

1 Creio que entrou nas *Comédias* de Jorge Ferreira de Vasconcellos — minas de provérbios, como é sabido. Mas não encontro apontamentos a este respeito.

2 *Esfregar* < *exfricare* concorre com *fregar* e derivados (tenho em mente a *Ilustre Fregona* das *Novelas Exemplares*). Em Portugal *esfregar* (com *esfrega, esfregação, esfregadela, esfregador, esfregadura, esfregalho, esfregamento, esfregão*) — desbancou aparentemente por completo o verbo de que me ocupo.

3 *Zeitschrift,* v, 562.

4 *Romania,* XVII, 67.

5 *Apostilas,* I, 425.

6 *Apostilas,* s. v. (II, p. 83). Cast. *loro.*

quer com o sentido de uma palavra, transformam o seu conjunto sónico, pouco vulgar, identificando-o com outro conhecido, ou aproximando-o d'ele.

Deixou de indicar todavia o primeiro trecho da literatura portuguesa em que surge, não modificado ainda: as *Decadas* de João de Barros (IV-8-10). Ahi figura, como era de esperar, na descrição das cinco Ilhas do Maluco, e em particular da de Ternate: «Nos matos ha muitas aves, bravas e domesticas, e algumas das que ha na Europa. Ha uma sorte de papagaios, a que chamam *Nores*, de côres muito formosas, e ainda que gritam muito, falam algumas cousas».

*

Quanto ao adjectivo (pronunciado com frequência *loiro*), que designa um matiz entre amarelo claro e côr de avelã, — o *blond* dos franceses, e *rubio* dos castelhanos—, julgo que é *laureus* (cfr. *ciro* de *cirius*, *liro* de *lilio*, etc.). Isto é: qualificativo de Apolão-Hélios, o mais loiro dos loiros. Mas não exponho por ora os meus materiaes, incompletos ainda.

SOBĨO — SOBINHO

«Caen en terra *sobĩo*». (*Graal*, fl. 195 *a*).— «Enton se leixou caer *sobinho*». (*Ibid.*, fl. 194 *b*). — No terceiro exemplo, que conheço, o til falta sobre o *-i-*, por descuido vulgaríssimo: «Quando Meraugis isto ouvio leixou-se caer *sobio* com tam gram pesar que bem quisera ser morto». (*Ibid.*, fl. 115 *a*).— O tradutor castelhano não compreendeu. Duas vezes tomou o expediente de substituir o curioso representante popular do lat. *supinus* = «lançado de costas» (posição oposta a «de bruços») por *sobre el*: «Entonce se dexo caer *sobre el*» (p. 326). — «Merengis quando esto oyo dexose caer *sobre el* con muy gran pesar que mas quisiera ser muerto aquella hora (p. 228). — No caso restante escreveu á toa: «dexose caer en tierra mas no a su poder» (p. 328).

SIIRA — ASSIIRAR

«Tolhe[o]lhi o elmo e o almofre por lhi dar algũu vento que o *assiirasse* mais». (*Graal*, fl. 195 *a*) [1].

---

[1] Introduzo «*o*» para facilitar a compreensão.

«E Palamedes se defendia como aquele que era de gram *siira* e de gram coraçon». (*Ibid.*, fl. 178 *a*).

«Onde av[i]ia que quando o cavaleiro da torre era chagado ou preto ia de seer vençudo, pedia prazo que podesse cobrar *siira* e folgo, e ia-sse a[a] fonte». (*Ibid.*, fl. 177 *c*).

E assy andou uun ano
tolleit' e fora de sen
que *siira* non auia.

(*Cant. de S. Maria*, 334, 8).

O sentido do substantivo é, evidentemente, *alento, espirito vital, animo* (*Lebensgeister, Lebensodem*); o do verbo, *animar, recobrar alento.*

D'onde virá?

Pensando no vulgarismo *consirar* por *consiirar* de *considerare* pergunto se *sidera* (*Gestirn, Stern* = *Glück, Geschick*) teve em qualquer parte a acepção indicada, motivada por acaso por ideias astrológicas.

Da versão castelhana não nos advém elementos elucidativos. Como de costume, o tradutor eludiu as dificuldades. A primeira vez abreviou dizendo «y quitóle el yelmo porque le diesse el viento» (p. 328); a segunda, deu outro giro á oração; a terceira, misturou os dois processos, pondo: «pedia plazo que le dexasse bever» (p. 327.)

BOLSAR — GOSMAR — ESVURMAR

«Vomitar leite, expectorar mucosidades, expremer pus e sangue purulento». Não é impossível que os tres verbos, de significados tão pouco estéticos, tenham a mesma origem. Todavia é mais provável que, diversos etimologicamente, o vulgo os tenha aproximado um do outro, quanto á forma e quanto ao sentido.

Continuando a deduzir o primeiro do arcáico *boomçar* < *vomitiare*, inclino-me agora a aproximar o segundo do francês *gourme*, nascido do nórdico *gormr* [1]; e o terceiro, de que nunca me ocupara, do germánico *wurm* («verme») [2].

---

[1] Vid. Körting, s. v. *gormr*. — Entre as etimologias propostas é a que tem mais visos de verdadeira. — *Vulnus* (aceitado por A. Coelho, no *Manual*, por Jules Cornu, § 32 e 121, e por Leite de Vasconcellos em *Rev. Lusitana*, III, 304), não é hoje aceite. — O mesmo vale de *morbus*. D'este ha um derivado em português antigo: *amorviado* = doente por infecção. (*CV*. 993).

[2] Vid. *Zeitschrift*, XI, 499; Cornu, 2.ª ed., § 32; *Rev. Lusitana*, IX, 45.

Ao artigo que em tempos dediquei a *bolsar* [1] tenho de acrescentar apenas uma nótula folklórica: «Quando ás creancinhas não se lhes conserva o leite no estómago, dependuram lhes ao pescoço uma bolsinha de chita, contendo alfazema». Para os que sabem das curiosas exemplificações inconscientes do ditado *nomen-omen* que o povo realiza, não será duvidoso que *bolsar,* erroneamente aproximado de *bolsa*, seja causador da praxe supersticiosa [2].

Quanto ao segundo verbo, encontrei nas obras de Camilo Castelo-Branco *goʒmar,* com *ʒ* [3]. Esta grafia seria de pêso, se a pronúncia, arcaïca, de Trás-os Montes lhe correspondesse. Não me consta todavia que assim seja.

Em Urros e Adeganha, pelo menos, dizem *gosmar,* com *s.* Mas tambem *gormar,* com o substantivo *gurma* e o adjectivo *gurmento.* Sempre com referência a mucosidades doentias de galináceos e de poldros.

No país vizinho a forma usual é *gormar* [4].

Com relação a *vurmo,* registe-se, primeiro, o óptimo exemplo que ha no *Livro de Esopo*, descoberto e magistralmente publicado por Leite de Vasconcellos. Na Fábula XXVII, *Do leão ferido,* lê-se: «E o pastor tomou hũa ssouella e tiroulhe a espinha e muyto *uurmo* que já trazia» [5]. Em segundo lugar, ainda ha gente do povo que acredita que em tumores, em espinhas, e sobretudo no panariz, se trata de vermes que é preciso espremer. Nos fios de materia e sangue podre que saem das chagas, saem os vermes. Em terceiro lugar são notáveis as formas dialectaes: *brumo* (Minho), *brume* (Galiza). E mais ainda: o antiquado *vorm,* da Catalunha, porque parece ter sido equivalente de *gourme,* significando mucosidades [6]. *Esvurmar* (com as variantes *esvrumar, esverumar*, *esverrumar*) é *isgrumir* na Beira Baixa [7].

---

[1] *Rev. Lusitana,* I, p. 299.

[2] Nos seus notáveis *Subsidios,* Cortesão trata a derivação de *boomçar* de admissível mas forçada. Com toda a razão.

[3] «*Goʒmar* motes», no *Judeu* e alhures.

[4] No *Dicc. Acad.* ha: GORMAR (¿ Del lat. *grūmus,* cuajarón ?) a. ant. vomitar || ant. fig. Volver uno por fuerza lo que retenia sin justo título. — GORMADOR, m. ant., el que gorma ó vomita.

[5] Pag. 99.

[6] No *Diccionário* de Esteves Belvitges *vorm* ant. é traduzido por *moc* (= *mucus*). O grupo *gormand* = llépol (lambareiro); *gormandejar*; *gormanderia,* consta evidentemente de galicismos.

[7] Vid. *Rev. Lusitana,* II, 249 (extrair pus a qualquer úlcera).

Entre *vurm, grum* e *brum* ha, portanto, pelo menos, aproximações, muito embora Leite de Vasconcellos rejeite decididamente a identidade de *gourme* e *vurmo*[1].

No artigo *taibo* lembrei que *tabes* (= humor corrupto, podridão), não deixou descendentes.

A antiga substituição de *gormar* por *gosmar* não se explica senão por acção de *boomçar*[2]. Nos casos aparentemente análogos — *fòrfro* de *fosf'ro; murga* de *mus'ga* (*música*); *ormar* de *osmar; cirne* de *cisne*, o *-r-* é secundario e o *-s-* primitivo.

BROCA

Bucc'la, significando «fíbula, firmal», existia em Portugal no século XV como *brocha,* hoje *broche.* Representado por *broca,* e designando o botão do escudo, é provençalismo (*bloca,* de *bocla*). — Exemplo no *Graal,* fl. 197 *c*: «feriu-o tam toramente (êrro freqüente por «feramente») que lhe fendeu o escudo atee a *broca*».

UCHA

Provincialismo da Serra Cabreira. Denomina a queimada ou queimação (*ustio, ambustio*) da urze branca, cujas varas carbonizadas servem para transmittir lume. Vem de *uscla,* por *ustŭla.* A adicionar, em Körting, ao provençal *uscla.* Creio que em todas as palavras em que *ch* responde a *scl,* quer primitivo, quer proveniente de *stl,* houve metátese para *csl.*

A ideia de Cornu de tirar *magosto* de *ambustio,* tão sedutora, não recebe confirmação pelo asturiano *magüestu.*

HEIRE — HONTEM

A existência de representantes populares do latim *hĕri,* na linguagem do primeiro período da literatura portuguesa, já foi comprovada. J. Cornu até citou todos os exemplos arcáicos de que tenho nota: dois no *Graal,* — «*heire* manhãa» (fl. 143), «*eire*» (fl. 162 *v*) —, e diversos nos Cancioneiros trovadorescos: tres na lindíssima Alba de Juião Bolseiro:

> Da noite d'*eire* poderan fazer
> grandes tres noites.......
>
> (*CV.*, 772, Estr. 1).

---

[1] *Rev. Lusitana*, IX, 45, contra Baist (*Zeitschrift*, XXVIII, 111).
[2] Falta-nos por ora *gomsar*.

E pois m'eu *eire* senlheira deitei...
(*Ibid.*, Estr. 2).

E comecei eu *eyre* de cuidar...
(*Ibid.*, Estr. 3).

um na cantiga de escárnio de Mem Rodríguez Tenoiro:

Don Estevan, eu *eyri* comi,
en cas del rey ....
(*CV.*, 1084);

outro de Martim Soárez:

e as jornadas sey eu bem,
como lhi-*eiry* oí falar. [1]
(*CCB.*, 1151).

O que posso acrescentar de novo é apenas a subsistência do advérbio até o seculo XVI. Nos *Autos* do portuguesíssimo Chiado emprega-se por duas vezes, pelo menos, a fórmula *ir-noite* (p. 62) e *hir-noite* (p. 88). —

É de admirar que nos Cancioneiros galego-portugueses nunca se empregue *ontem*, ao passo que na prosa do *Graal* esse advérbio, privativamente português, apareça nas diversas grafias citadas por Cornu: *onte, ontẽ, ontem, õtem, oontem*, e mesmo *hontem, hoontem*, a par de *õoite, anoite* (fl. 162 *c*), e *aanoite* (fl. 127 *a*), formas anteriores, d'onde as outras saíram no século XV, conforme se vê dos textos explorados pelo insigne catedrático de Graz. Curioso é, tambem, que o tradutor castelhano hesitasse a respeito do vocábulo. Em geral põe *anoche*, em conformidade com o significado primitivo e a origem de *hontem*. Mas tambem emprega *anteyer* (fl. 108 *c* = 219 da *Nueva Biblioteca*) e *antenoche* (fl. 127 = 236).

Como ambas as redacções foram retocadas, a portuguesa na primeira metade do século XV, a castelhana por volta de 1500,

---

[1] Por um descuido lamentavel deturpei este verso no *CA.* 395, imprimindo: *como lhi oj' oi falar*. Cfr. *Zeitschrift*, XXXII, 388.

não é fácil dizer se foram variantes de expressão (como *eire* e *ernoite, irnoite, anoite, ãoite,* e demais representantes gráficos de *ad-nocte*) que motivaram as variantes da tradução [1].

A substituição pela única fórmula *hontem,* mais restricta, pois apenas se referia á noite passada, imediatamente anterior ao dia presente, é devida talvez ao uso e abuso que se fazia do advérbio *er* «tambem, igualmente», que não raras vezes foi abusivamente escrito com *h* (por ex. *Graal*, fls. 83 *c* e 84).

Por causa d'esta confusão o modernizador do *Graal* extirparia o latinismo herdado, pondo em seu lugar o romanismo já evolucionado, mas deixando subsistir *anoite, aanoite,* onde realmente se tratava de horas vespertinas.

Recapitulemos: No século XIII e princípios do XIV, *heiri, eire, er*, designavam o *dia* passado, imediatamente anterior ao presente; *anoite* designava a *noite* passada. Em fins do XIV e princípios do XV, *eire, er*, confundido este com *er, her,* foram substituidos para todos os efeitos por *anoite,* que formalmente passara, por *ãoite, õoite,* a *onte,* terminando a sua evolução com *ontem* que absorveu as suas próprias funções e as de *er* (*heri*).

AMEIXA

Não acho plausível a etimologia *damascēnus, damascīnus,* muito embora autoridade tão altamente cotada, como Cornu, a propusesse [2], e Meyer-Lübke [3] e Leite de Vasconcellos [4] a aceitassem.

Como entre os nomes greco-latinos da *ameixa* (*prunus domestica* [5]) haja *mixa,* μύξα (Plinio, 13, 5), é preferível admitir o deminutivo **mixŭla*, que dava *meixoa* [6]. Todos sabem que ao lado de *ameixa* ha *ameixoa*, e *ameixia,* com os derivados *ameixoal, ameixoeira; ameixial, ameixieira; ameixeira, ameixal.*

Quanto ao molusco bivalvo *ameijoa, ameixoa,* tão apreciado nesta costa marítima, tão pouco percebo a sua evolução, de *mytilus*, como é costume admitir. Pelo contrário, o nome do fruto

---

[1] Em francês *anuit* significava «hoje, esta noite, ainda não passada», e *arsoir* «a que já passou».

[2] *Gram. Port.*, § 122, 176, 234.

[3] *Gram.*, I, § 473.

[4] *Rev. Lusitana,* II, 373.

[5] De *pruneus* veio *brunho, abrunho.*

[6] O homónimo *myxa* (*Docht, Dille*) deu *mecha.* — Quanto a *eix* de *-ics-*, compare-se *peixe* de *piscis.*

pode ter sido aplicado ás conchas, por ellas serem as mais redondinhas entre as que se comem, e do tamanho de ameixas regulares. Compare-se o allemão *Meerkirschen* («cerejas do mar»).

OSMAR USMAR

A tendência de distinguir entre *usmar* = «farejar, sentir pelo olfacto» (al. *wittern*), e *osmar* = «avaliar, orçar aproximadamente, julgar, cuidar» (al. *schätzen, einschätzen, abschätzen*), tirando-se o primeiro do grego ὀσμή, e só o segundo de *aestimare* (por *asmar, esmar*), afigura-se-me justificada, comquanto *usmar*, como mera variante gráfica de *osmar*, ocorra bastas vezes, e no sentido figurado de *ausspionieren, ausschnüffeln* ambos os verbos se semelhem bastante [1].

Eis alguns modismos dialectaes em que julgo reconhecer a significação real de ὀσμή, «olfato, cheiro». Em Asturiano, *gusmiar* (cast. *husmear, husmar*) é interpretado por *goler onde guisen*; um *gusmia* é o que *anda á la gusma, gusmiando (oliendo donde guisan)*. Os galegos dizem *andar á usma de untos e toucinhos*. Em Trás-os-Montes é usual a frase: *o gado usma chuva*.

No *Graal* ha *usmar*. Á fl. 127 *a* pertence o trecho: «meteo toda a lança en ele e meteu-o en terra chaguado a morte, e sacou a lança d'elle são, ca bem *usmou* que ainda lhe seria mester». O tradutor, tomou-o no sentido de *aestimare* e pôs *cuidó*; a meu ver, com razão, pois temos *osmar* neste sentido a fls. 119, 132 *a* e 174.

Juan del Encina tambem o empregava no sentido de avaliar. Por exemplo, na Egloga III (Estr. 14):

No te puedes perllotrar
ni me puedes rehuyr.
Yo te porné sin mentir
lo que querras apostar:
Quien quisiere puede *vsmar*
nuestras repuntas e aquestes.

Nos *Cancioneiros* ha apenas *osmar* [2], *osmo* [3], *osmança* [4], sempre com os significados que derivam de *aestimare*.

---

[1] Enganam-se os que afirmam que *o* átono ainda não andava em constante oscilação no período galego português. Especialmente em fim de palavras, mas tambem no meio. No *Graal* ha infinitas formas, como *saiamus escodeiro*. E mesmo no *Cancioneiro da Ajuda* não faltam.

[2] *CA.*, 758, 764, 888, 1016, 3236, 7166, 7507, 8289, 8924—4962, 5951.

[3] *CM.*, 51, 180, 328; *CA.*, 758, 7174.

[4] *CM.*, 9.

ADRUNAR

No *Duelo de la Virgen*, Gonzalo de Berceo fala da quadrilha de atormentadores que no dia da Paixão martirizaram Jesus-Cristo. Narrando como lhe vendaram os olhos e lhe cuspiram á cara, dando-lhe punhadas e pescoçadas, cita as palavras de escárnio do Evangelho [1]:

Adruna Christo, qui te dió la colpada? [2]

(Estr. 42).

Adrunar, no sentido de «adivinhar, profetizar», está por *alrunar* e deriva do germánico *alrun, alruna* (*Alraune*), nome dá raiz *mandragora circæa* (Plinio, xxv, 13) que na mitologia desempenha o papel de fatídica e feiticeira, reveladora de segredos e coisas futuras, sendo nome tambem da pitonisa, *mulier vaticinans,* (*Weise Frau*), intimamente ligado com o verbo *rúnen, raunen* = «segredar» [3].

NAÇÃO

Além dos sentidos, registados nos Diccionários, a palavra teve outro, tanto em português como em castelhano: o de *condição natural de pessoas ou animaes; qualidade ingénita, nativa, innata,* correspondente ora a *espécie, casta, ordem, variedade,* ora a *geração* (*Art, Naturanlage*) [4].

Muito comum em fins do século xv e princípios do xvi, conserva-se na boca do povo em fórmulas tradicionaes, como as de talhar bicho, fogo louro, cobrela, e outras doenças de pele. Eis a mais conhecida:

Eu te talho
bicho-bichão,
sapo-sapão,
bicho de toda a nação.

Que talho?
bicho e bichão,
sapo e sapão,
aranha aranhão,
bicho de toda a nação [5].

---

1 S. Marcos, xv, 65; Matthaeus, xxvi, 68.

2 Nas Bíblias portuguesas o seu teor é «quem é que te feriu».

3 Vid. Grimm, *Mythologie,* 78, 334, 352, 1005-1007 e 1025.

4 Outros trataram já do sentido restrictivo contido na fórmula: *gente de nação.*

5 Prova de que hoje nem todos entendem bem a fórmula, é a variante de Guimarães e Vila Real: *todo o bicho da nação.* — Cfr. tambem Leite de Vasconcellos, *Ensaios Ethnographicos,* iii, 193, nota 3, onde regista *nação* «espécie», do lat. *natio.*

Agora alguns exemplos de Gil Vicente [1].

No *Auto* (avulso) *da Festa,* editado com fino critério pelo Conde de Sabugosa, um Parvo zomba do vilão Janafonso, da Beira. Num aparte este desabafa, dizendo:

Isto deve ser rascão
(ou eu sei pouco da feira)!
porque tem tão má nação!

(P. 25, v. 8).

O leitor já conhece o seguinte trecho da *Farsa dos Almocreves:*

Mais fermoso está ao villão
mao burel que mao frisado,
e romper matos maninhos.
E ao fidalgo *de nação*
ter quatro homens de recado
e leixar lavrar *ratinhos!*

(III, 219).

No *Clérigo da Beira,* o filho do lavrador pregunta:

E rascões que aves são?
samicas são alguns bichos?

recebendo a resposta

Mas são lobos pera michos
e raposos *de nação.*

(III, 236).

Na *Náo de Amores* ha, entre os motejos a diversos fidalgos, um que diz:

Dom Jorge fôra ditoso,
mas casou-se temporão.
Tem o pescoço airoso
e tem de *sua nação*
falla de moço mimoso.

(II, 318).

---

[1] No *Cancioneiro Geral* (I, 3), Jorge d'Aguiar diz numas trovas contra as molheres:

suas desleays *nações*
causaram tuas tristezas;

e logo depois:

deixa-as com sua *naçam;*
seu bem nunca lh'o esperes.

Na *Comédia de Rubena* explica-se no Argumento que o pae da protagonista fôra *fuerte, cruel por nacion* (II, 5). D'esta vez não se trata todavia de um lusismo (como no caso de *condon*).

No *Cancionero General*, de Castela, ha mais de um exemplo. Numa das suas composições liricas, Garci Sanchez de Badajoz refere que a terra e o mar, as aves e os animaes se entristecem com as suas queixas:

assi que *a toda nacion*
le da dolor y passion,
si no á ella.

(N.º 887).

A todas as criaturas, a todas as coisas criadas. Em outra poesia diz-se das perdizes:

D'estas aves su *nacion*
es cantar con alegria.

(N.º 343)

No *Dialogo de la lengua* [1] Valdés reprova esta acepção, imaginando que apenas a necessidade de rimar levava os poetas a escreverem *nacion* em lugar de *natura* e *naturaleza*.

Engano evidente! Duarte Pacheco fala, no seu *Esmeraldo* [2], de *desvairadas nações de pexes*. E, como elle, procederam muitos outros.

TROFA

Nome de uma povoação minhota (perto de Famalicão) e nome da capa de junças ou palha de centeio, tambem chamada *palhoça* ou *croça*, com que os lavradores d'aquella provincia se agasalham tão agradavel e pitorescamente contra a chuva.

Croça ou *coroça* = a amarella; de *crocea* derivado de *croco*.— *Palhoça*, de *palha*. *Trofa*, do germanico *troufe, traufe* [3], «goteira, biqueira, cano de telhado» de que a agua escorre em bicas como das trofas de junça.

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS.

---

1 Ed. de Boehmer, p. 408.
2 Ed. de Epifânio Díaz, liv, I, cap. 13.
3 Do verbo *troufan, trouffjan* = *traufen*.

INVESTIGAÇÕES ETHNOGRAPHICAS

I

A procissão de Corpus Christi no seculo XVII

Na *Fenix Renascida,* tomo IV, vem umas *Redondilhas,* de Jeronimo Bahia, muito curiosas sob o aspecto ethnographico. D'essas *Redondilhas,* que tem por titulo «*Pedindo a cada huma das Freyras de villa do Conde, danças para a Procissão de Corpus*», vou fazer alguns excerptos:

. . . .
Vòs Prelada cuja fama
Gloriosamente retumba,
. . . .
Dareis com grão bizarria
Doze Apostolos fatais.
. . . .
Hum David fazendo danças
O Padre Confessor dê.
. . . .
Vòs de Santa Anna Maria,
. . . .
Day com pompa Soberana
Do Egypto a bella Senhora,
Das almas tão roubadora,
Que bem parece sigana.
. . . .
Vòs Ignacia sempre illustre,
. . . .
Day a gentil Magdalena.
. . . .
O Padre Feytor não perde
Seu pasto em dar espadana.
. . . .
E vòs Padre Capellão,
Dareis com lustroso alinho
Charamellas Superiores,
Mas primeyro aos Tangedores
Dareis lambedor de vinho.

. . . .
As amantes ao Divino,
Madres da porta galantes,
Podem dar feros gigantes,
De que fuja Amor menino.
Item mais sem mais razões
Dem vacas bem folgadeyras.
. . . .
Jeronyma, cuja lyra
Por arcos de Apollo atira
De amor as douradas settas,
Visto ser tão peregrina,
Por graça, & por fermosura,
Dará quem faça a figura
Da famosa Catharina.
. . . .
A Thesoureyra, thesouro
De perfeições estupendas,
. . . .
Dê com decentes concertos
Santo Estevão sem Soldados.
. . . .
A Mestra da Ordem destra,
Com brios, sem desarranjos,
Dar pode huma gloria de Anjos,
Pois que de Anjos he Mestra.
. . . .
À Menezes sublimada,
. . . .

Os ramos encarregamos.

. . . .

Dona Maria Coutinho

. . . .

Dê, vestido de Sayal,
Com barba feyta & corôa,
Santo Antonio de Lisboa,
Espelho de Portugal.

. . . .

A Madre Dona Violante

. . . .

Darà o grande Bautista
Da Santidade Gigante.

. . . .

Dona Anna Bautista grave,

. . . .

Darà de Assis o portento.

. . . .

Madre Francisca Bautista
Darà a Raynha Sancta.

. . . .

As duas Madres das Rodas

. . . .

Dança de espadas darão
Triunfando de todo o posto
Mais com armações do rosto,
Que com espadas na mão.

. . . .

E vòs ò Madre Adegueyra,

. . . .

Day São Jorge com seu pagem
Valerozo de talarte.

. . . .

Vòs galharda Provizora

. . . .

Vòs, por quem tudo se abraza,
Nos dareis huma folia,
Pois para tal armonia,
Tendes as vozes de caza.

. . . .

Vòs que na Roda escutais
De tão diversos sugeytos,
Jà bem limados conceytos,
E jà bem sentidos ays;
Vòs, Joana perigrina,

. . . .

E vòs, linda Mariana,

. . . .

Péllas dareis, & tão bellas,
Que se a seu claro luzir
O Sol quizer competir,
Possão ter ao Sol as pellas.

. . . .

E vòs, que servis na grade,
Escutas authorizadas,
Já depois de jubiladas,
Cargos da menor idade,
Se quereis merecer gabos,
Day diabos dos farellos,
Que tambem dos Anjos bellos
Se fazem feyos diabos.

. . . .

E vòs, ó gentil forneyra,

. . . .

Dareis a Mourisca à risca,
E veremos desta ves,
Que quem dà triago tremès,
Dà tambem dança mourisca.

. . . .

Refeytoreyra deidade,

. . . .

Huma dança haveis de dar
De bugios com mil brios.

. . . .

Moças da Communidade,

. . . .

Dareis dança, & vão sem guia,
De negras com tal primor,
Que furtando à noute a cor
Dem mil envejas ao dia.

. . . .

Vòs, em quem com graça leda
Reyna Abril, florece Março,
Que sois damas de cadarço,
Se as Freyras damas de seda;
Particulares ufanas,
Que sabeis mais do que as cobras,
Pois sois siganas nas obras,
Na dança sereis siganas.

. . . .

E vòs, ó Brites famoza,

. . . .

Guardareis da serpe o panno,
Com todas as mais alfayas.
E para o anno que vem,
Fareis outra procissão
Com maior ostentação,
Com melhor Poeta. Amen.

II

Chacotas, folias e danças do seculo XVII

Tambem na *Fenix Renascida*, tomo IV, em a *Relaçam do triunfo, com que em Lisboa se receberão os Serenissimos Reys D. Affonso Sexto, & D. Maria Francisca Izabel de Saboya, em 29 de Agosto de 1666*, se faz allusão a varias folias, danças e chacotas:

Principio forão do triunfo
  Clarins, trombetas bastardas,
  Atabales, charamellas,
  Chacotas, folias, danças.
Péllas forão as prymeiras,
  De Portugal antigualha,
  Festa que sempre se uzou
  Naquella idade dourada.
Vestidas muy lindamente
  Baylando vinham as siganas,
  Mas em quanto baylão ellas,
  Eu mil nòs na bolça dava.
Com duas adagas fez
  Hum homem tantas mudanças,
  Que a vista do que està vendo
  D'isso mesmo duvidava.
Pelos olhos parecia
  Que mil vezes as passava,
  Que as metia pelo peyto,
  Que atravessava a garganta.

Vinhão de Montelavar
  As folias estremadas,
  Dando admiraveis voltas,
  O de São João das Lampas.
Vinha huma dança de fontes,
  E com ser a secca tanta,
  Em cada volta das suas,
  Soltavão diluvios de agoa.
Dos Amigos deste tempo
  Vinha curiosa dança,
  Por que esta dança, & mais elles
  São homens de duas caras.
Duas chacotas de fora,
  Com outras mil danças varias,
  E à chacota do cègo
  Ultimo lugar se dava.
Da Rybeira, & do Terreyro
  Vinhão feytas humas pascoas
  As dançadeyras com arcos
  E de joyas adornadas.

III

Arratel folfurinho: medida da distancia (seculo XVI)

«Eu elRei faço saber a quamtos este meu alluara virẽ q̃ martim roiz como procurador que he do c.º da çidade delluas me fez sua petição de que o trellado he o seguinte: — Diz martim roiz como procurador q̃ he da çidade delvas que na dita çidade ha poucos fornos de cozer pão semdo a pouação gramde e que tẽ muita necesidade daher mais fornos e por na dita çidade se vsar huu custume amtiguo deste Rejnno de que em allguas partes ha

posturas que se não faça forno a par de out.º forno tanta distançia como huu homẽ poode atirar cõ huu aratel folfurinho se leixão de fazer muitos fornnos e he gramde opresão do povo vsarse o dito custume porque allguas pesoas q̃ tẽ fornnos e são podrosos com o dito custume impedẽ q̃ outra p.sa os não fação pede a V. A. que avemdo respeito ao sobredito aja por bem pasar prouisão pera que na dita çidade se não vse do dito custume amtiguo e que quẽ quiser fazer fornno que o posa fazer posto que nã aja a dita distamcia de huu forno a.º out.º e reçebera merce. — E visto seu requerimẽto e avemdo respeito ao que na dita petição diz ey porbem e me praz que na dita çidade delluas se nã vse daqui ẽ diamte do custume amtiguo de que na dita petiçã faz mẽção, e que sẽ embarguo dele qualq.r pesoa que na dita çidade quiser fazer fornno de cozer pão o posa fazer posto que nã aja tamta distancia de huu forno a out.º como huu homẽ poode atirar cõ huu aratel folfurinho. noteficoo asj a quaisq.r justiças a que o conhecimto disto pertencer e lhe mando q̃ cuprão e fação imtra-mẽte cumprir este allu.a como se nele cõthem o ql ey por bẽ q̃ valha e tenha forsa e vigor como se fose carta feita ẽ meu nome por my asynada e pasada pr minha chamcelria posto q̃ este nã seja pasado pr ella sem embargo das ordenançois do segumdo liuro que o comtrº dispoem. Jorge de seixas o fez ẽ llixa a xbij de Janeiro de 1548. Manoel da Costa o fez espreuer — Rey».

(Livro III das *Proprias* da Camara de Elvas, fl. 57).

IV

A pedra da alegria

«Nesta occasião passou por esta Ribeira hum Chimico ao qual dey conta do meu mal [1], e me respondeo, que para entertello, havia muitos remedios; mas para desarreigallo, só hum. O qual vinha a ser a pedra da Alegria, de que se achava nas Indias Orientaes tão pouca quantidade, que de maravilha apparecia huma, singular na qualidade, que quem a trazia no pulso do coração, logo ficava isento deste mal. Porem com advertencia, que em a tirando, tornava á sua primeira força com brevidade. Pouco ali-

1 [O mal da melancolia].

vio me deixou a noticia do Chimico, porque o meu mal estava em mim, e a pedra na India; e se alguma houvesse em Portugal, seria bem defendida importancia de quem a lograva».

(Soror Maria de Ceo, *Obras de Misericordia, A Preciosa*, parte II, p. 123).

V

A fogaça de Nossa Senhora do Rosario

«Eu sou natural da Serra, adonde com meu pay me faltou o remedio; assim de tudo necessito; para a festa da Senhora do Rosario he uso o buscarem a Serrana mais fermosa, para que leve a fogaça ao Juiz, que sempre he o Mayoral da mesma Serra: tambem a querem bem fallada, porque trava sua pratica com ella, e demais lhe dão huma arenga de trovas, que meta na cabeça para que diga á Senhora; a mim, como sou muito bonita, logo me escolherão para acarretar a fogaça, os que tinhão só conhecimento da minha vista, e não do meu juizo; chegou o tempo, vierão saber se podia já dizer as trovas, e os comprimentos, que havia de fazer ao Juiz, e me acharão em tudo tão bruta, que logo me engeitarão, e tratão de buscar outra, fazendo me perder o vestido, que dá o Juiz a quem lhe leva a fogaça; e esta he a causa de meu pranto».

(*Ibidem*, p. 101).

VI

Endemoninhados

«Direi alguma coisa da romaria do Amparo (na villa de Barcellos), por ser a mais curiosa que tenho visto; do que o leitor talvez ignore a razão. Pois vou fazer lh'a saber em duas palavras: — na romaria do Amparo *tira-se o diabo.*

É divertido presencear os tregeitos, as voltas, as carantonhas, que fazem as pessoas endiabradas, levadas á força diante da Senhora, aonde apparecem sacerdotes sempre prontos a sujeitá-las ao poder dos exorcismos. Ellas cospem na cruz e caldeirinha, nas contas e escapularios, que em vão procuram os padres dar-lhes a beijar, e se pilham livre algum braço ou perna, distribuem pancada á direita e á esquerda com uma profusão maravilhosa.

Quem ali fôr pela primeira vez, e, ignorando que tambem ali concorre gente endemoninhada, por acaso vir solto algum d'aquel-

les entes furiosos, como eu já vi um, que parecia decidido a jogar o pugilato com o mundo inteiro, persuade-se necessariamente, se já leu algumas rapsodias de Homero, que tem deante de si algum d'aquelles heroes!

A receita para tirar o diabo, que elles tem na cabeça, talvez esteja em Rilhafolles; mas quê?... se os padres não querem que o Dr. Polido tenha esse incommodo!...»

(*Jornal do Commercio de Lisboa*, de 12 de setembro de 1862).

VII

Os Lobishomens

«Encontra-se nas obras de muitos medicos gregos, e entre as de outros, nas de Marcello Sida, que vivia no tempo de Adriano e Antonio, a descrição de uma extraordinaria enfermidade nervosa. Poremos aqui o retrato, que de tal molestia nos deixou Oribaso, medico do Imperador Juliano: «Os que são atacados d'este mal saem de suas casas alta noite, imitam em tudo os habitos do lobo, e vagam até o nascer do sol em torno das sepulturas. Facil é conhecê-los; são pallidos, tem os olhos empannados, sumidos e encovados, a lingua sequissima, falta-lhes a saliva na boca, e devora-os a sêde; cobrem-lhes as pernas ulceras incuraveis porque dão de noite frequentes quedas». Os medicos gregos chamaram a taes doentes lycantropos [1], e o vulgo, em o nosso país os designa com o nome de lobishomens. Elles pullularam, na verdade, na idade media; e estes individuos, que uma estranha perversão das faculdades intellectuaes induzia a fugir para os logares ermos, a errar de noite, e muitas vezes até a andar com as mãos de rastos e a satisfazer horriveis appetites; estes individuos, que uma superstição não menos estravagante fazia crer sujeitos á influencia dos demonios, foram numerosos em certas epocas. Ha tempos em que se estabelece uma reacção entre as opiniões reinantes e certas alterações mentaes, e em que estas, quanto mais communs as julgam, mais se multiplicam. Os homens propensos á loucura ou já dominados de alguma mania, e que não ouviam fa-

---

[1] Vid. Dr. Leite de Vasconcellos, *Tradições populares de Portugal*, p. 261.

lar á roda de si senão nas transformações de entes humanos em animaes selvagens, caíam subitamente acommettidos do mal que reinava, e iam engrossar a turba d'esses desgraçados loucos, que se julgavam realmente convertidos em lobos. Um Léger, de Versailles, que recentemente fugiu para as selvas, onde viveu muitos meses solitario, e por fim assassinou uma menina, e devorou parte do cadaver, padecia uma especie de alienação em tudo semelhante á d'aquelles a que nos tempos passados se dava o nome de lobishomens».

(*Pharol do Alemtejo*, periodico de Evora, n.º 114, de 21 de junho de 1863).

VIII

A festa do Sacramento, em Beja, nos meados do seculo XIX

«Pertenceu este anno á irmandade da freguesia de S. João esta festa, que se fez, segundo o costume, com toda a pompa e solemnidade.

. . . .

No domingo depois da missa teve logar a procissão do jantar dos presos. É costume antigo ser o jantar levado á mão, e percorrer as ruas da procissão para ser visto por toda a gente. Vae na frente a cruz alçada seguida da musica, e depois o pão e mais iguarias de que se compõe: o jantar é levado em alcofas simplesmente, ou em tachos de lata collocados nas alcofas, pegando a cada uma d'ellas duas pessoas por meio de uma toalha dobrada que lhe atravessa as argolas. As pessoas que as conduzem são os irmãos da irmandade, com as suas opas vestidas, devotos e convidados. Costumam fechar a procissão as dignidades da irmandade e as autoridades, que tambem são convidadas, e a quem as dignidades offerecem as chamadas insignias, que são uma faca e garfo, bacia e jarro (de prata) e toalha. Que significarão aquellas insignias levadas na procissão do jantar? É evidente que significam que o jantar primitivamente era repartido pelas proprias dignidades, que, por um acto de caridade e humanidade verdadeiramente christã, iam servir os nossos irmãos desgraçados.

Actualmente o jantar é distribuido ás alcofas pelos presos, não só com largueza, mas até com excessiva profusão, e comquanto muita gente necessitada receba parte do jantar que se chama dos

presos, parece-nos que poderia chegar a mais pessoas e satisfazer melhor o preceito da caridade repartido por outro systema.

As alcofas este anno eram 192. O jantar constava de sopa de pão, carne cozida com toucinho e linguiça (chouriço de carne), arroz, carneiro assado com batatas, e ensopado, azeitonas, arroz doce, laranjas, bolo de mel e vinho. Far-se-ha ideia da profusão sabendo-se que aos oito presos que estavam na enxovia se lhes distribuiram 19 alcofas com as differentes iguarias que compunham o jantar. Eis as quantidades de generos empregados na sua preparação:

Um boi, que pesou 227 kilogrammas; carneiros, 14; carne ensacada, 10 kilogrammas; toucinho, 10 kilogrammas; arroz, 22 kilogrammas; leite, 16 canadas; açucar, 8 kilogrammas; laranjas, 500; azeitonas, 3 alqueires; vinho, 3 almudes; bolo de mel, 20 kilogrammas; farinha, 20 alqueires; batatas; hortaliças; etc.

. . . .

No domingo de tarde teve logar a procissão com os irmãos das confrarias do Santissimo das quatro freguesias da cidade, levando, alem de outros andores, os dois riquissimos andores de prata de S. João Baptista e S. João Evangelista, que pertencem aos partidos das senhoras religiosas do convento da Conceição. São duas preciosidades pelo seu valor intrinseco, e pelos seus delicados lavores.... Depois de recolher a procissão, a irmandade que termina a festa vae dar a posse áquella a quem compete no anno seguinte, levando o andor de S. Sezinando, bispo, natural d'esta cidade.

Tomou posse este anno a freguesia de S. Tiago, em cuja igreja se cantou o competente *Te-Deum*. A chegada do santo da posse á igreja é festejada por successivas girandolas de foguetes, que se repetem ao acabar o *Te-Deum*. Gastaram-se este anno na posse 75 duzias de foguetes. As irmandades, ao entrarem na igreja, possuem-se de tal enthusiasmo que parece delirio. Ouvem-se gritos estrondosos de alguns irmãos, e do povo, bradando *viva a tripa, morra a carda,* epithetos porque são designadas as duas irmandades de S. Tiago e S. João. Comquanto estas manifestações tenham um caracter pacifico, e não conste mesmo que tenham produzido desordens, causam certa estranheza, e parecia mais proprio, mais christão, mais fraternal, que os irmãos dessem vivas uns aos outros, porem *morras,* nunca».

(*O Bejense*, n.º 80, de 28 de junho de 1862).

IX

O bodo do Divino Espirito Santo em Sant'Iago do Cacem

«O Sr. Antonio Parreira Louzeiro de Lacerda, actual Presidente da Camara Municipal d'esta villa, resolveu, em virtude de certo voto, dar um bodo aos pobres, nos dias do Espirito Santo e primeira oitava 8 e 9 do corrente; o que effectivamente cumpriu. Os preparativos para a festa principiaram dez dias antes, começando pela feitura dos fartes e cozedura do pão, o que se seguiu todos os dias até quinta-feira 5 do corrente.

Na sexta-feira 6, de tarde, e no sabbado pela manhã, houve um divertimento a que chamam «correr as vacas» e ao qual assenta bem o nome, pois consiste em andarem com as vacas de corrida rua abaixo rua acima. No sabbado pela manhã, depois da missa, seguiu-se a benção do pão e das vacas, as quaes pelas 10 horas foram para o local onde deviam ser mortas. Cabe aqui fazer menção de um costume antigo que, com quanto seja digno de respeito, por nascer de um sentimento religioso, comtudo desejavamos vê-lo banido, porque é realmente repugnante e não está em harmonia com a doçura dos costumes da epoca.

No entanto a sua extincção — que não terá logar tão cedo — parece que, em virtude da origem, só poderia ter logar por via dos reverendos parochos, fazendo ver aos seus fregueses repetidas vezes o absurdo de tal costume. É o caso: no local que serve para matadouro das vacas, destinadas para o bodo do Divino Espirito Santo, reune-se quasi toda a gente que tem qualquer soffrimento, munida da sua tigela, panela, pucaro, etc., etc., para encher do sangue das vacas, e logo que o obteem começam a untar o logar onde existe o padecimento, e mesmo outros onde não existe, com o fim de não apparecer no sitio untado mal algum. Quem não leva bilha, aproveita a occasião do sangue correr para se untar com elle: de sorte que não é raro nesse dia ver muitos homens, mulheres e crianças, com uma completa e perfeita mascara vermelha. Algumas mulheres bem novas vimos nós que causava horror olhar para ellas! Isto é realmente um espectaculo repugnante, que não se conforma com o estado actual de civilização e que carece absolutamente de ser banido.

Vamos á festa: no sabbado á noite está aberta a igreja do Hospicio onde se faz a festa do Divino Espirito Santo, onde con-

correm á oração quasi todas as pessoas da villa e de fóra, que já se acham presentes para assistirem á festa; á porta da igreja, num simples mas elegante coreto, tocava a musica da Sociedade Harmonica; a alguma distancia ardia uma grande fogueira do aromatico alecrim. A chegada da musica e o começo da cozedura dos assados foi annunciada por um foguete de oitenta respostas e por muitos outros dos ordinarios. Uma linda noite de luar fazia realçar esta festa, em que todos á porfia concorriam a abrilhantá-la e gozá-la; a musica tocou até a meia noite. Muita gente não se deitou nesta noite e levou-a a ver cozer os assados. Na manhã do domingo e ainda cedo vae muita gente, e boa «beber» a sua porção de caldo, ao qual se liga grande importancia e devoção. Pelas 10 horas veio em procissão a coroa do Espirito Santo da igreja da matriz para a do Hospicio, onde se seguiu a festa de missa cantada e sermão, findo o qual principiou então a grande festa dos pobres. Na manhã d'este dia tinha-se armado ao largo da praça uma mesa do comprimento de 60 metros com os respectivos assentos.

Concluida a festa da igreja, e estando já pronto o jantar, começou este pelos doentes do Hospital que estavam em convalescença, aos quaes foi conduzido pelas pessoas mais notaveis da villa, levando cada uma sua toalha a tiracollo e um dos pratos de que se compunha o jantar.

Seguiu-se depois o jantar dos presos na mesma ordem e depois começou então o jantar aos pobres, servido não só por aquellas pessoas mas tambem pelo autor da festa e por sua esposa.

. . . .

Na segunda-feira houve repetição do jantar, e de tarde teve logar a distribuição do comer pela gente pobre da villa. Era bonita esta festa. Ia na frente a banda de musica tocando; depois muitas pessoas, munidas de salva de prata, iam distribuindo por todas as casas, ora merendeirinhos, para metter no trigo e preservá-lo do gorgulho, ora fartes, ora pão; isto conforme as casas, onde havia trigo, crianças e pobres; seguia-se a isto muitos homens, conduzindo, em grandes tachos, sopa, vaca e arroz, e um carro cheio de pão cozido.

Não houve casa alguma da villa que deixasse de receber qualquer d'aquellas tres especies. Nas casas de reconhecida pobreza dava-se tambem sopa, carne e arroz e 3, 4 e 5 pães. O reverendo parocho e o seu coadjutor acompanharam esta festa de caridade, servindo os pobres no hospital, na cadeia e na mesa. Todas as mais pessoas da villa, sem distincção de classe, acudi-

ram a prestar os seus serviços á porfia nesta festa. Era bello ver tanta gente, de toalha a tiracollo, disputar qual faria melhor serviço aos pobres».

(*O Bejense*, n.º 81, de 12 de julho de 1862).

X

A lenda da Virgem Senhora do Mileu

«Veiros é uma antiga povoação do alto Alemtejo, situada a 10 kilometros da villa de Estremoz. A simplicidade dos seus costumes fá-la amar a cultura dos seus campos, e o fruto colhido do seu trabalho fá-la crente e religiosa; os seus *Quadros historicos* são as suas *tradições;* possue Moiras encantadas, que no silencio da noite buscam ainda o logar onde jaz sepulto um Christão por quem doidejaram de amores; conta uma *Pastora Rainha, alva como uma estatua de marfim,* em cuja cabeça nascera um vello de ouro: ainda hoje, em noite de S. João, apparece ás margens da ribeira de Anna Loira o velho João Barbadão, com suas longas barbas, alvas como a neve, e respeitaveis como *o homem que cem annos lavrou pão!...* ainda hoje apparece invocando no meio das trevas o lindo nome da formosa Anna Loira: *Anna! Anna!* (conta-se que diz elle) *mais valera, que quando tu lavavas nesta ribeira os vellos dos nossos cordeirinhos, te tivesses namorado da tua lindeza e te houvesses afogado nestas aguas!...* Que grande poeta é o povo!...

Tem a sua padroeira, mais mysteriosa que uma resurreição,— a Virgem Senhora do Mileu,—que vela as suas enfermidades, e aumenta a producção de suas searas.

«*Um dia, postos os Christãos em debandada pelos Moiros, cujo numero era muito maior, fugiam em completa desordem para se recolherem na villa, que em occasião de mais prospera fortuna haviam tomado aos sarracenos, quando, sem verem como nem de donde, lhes appareceu uma mulher, que trajava com uma simplicidade angelica, de maneiras sobrenaturalmente affaveis, trazia uma criancinha sentada sobre o braço esquerdo, que se sorria para os Portugueses desfallecidos e repassados de um pavor estranho; em presença d'este espectaculo de horror, a mulher milagrosamente apparecida parou em frente das tropas Christãs e fez-lhes esta fala:* «*Atrás Portugueses! para cada mil, eu!... Eu combaterei por vós!...*» *Para cada mil, eu! Exclamaram todos a um tempo,*

e animados com esta santa palavra, retrocederam, desbarataram o inimigo, e o que não fugiu ficou morto no campo da batalha! Era a planicie de valle de Calabouços (por corrupção estupida valle de Caroços) *juncada de cadaveres, e os Portugueses tomados de enthusiasmo por tão inesperado triunfo voltaram a Veiros, entoando todos a uma voz: Mileu! Mileu!*

Eis o que se conta a respeito da Senhora do Mileu e como eu o ouvi quasi *ipsis verbis* a um dos mais anciãos da villa.

Effectivamente, as tradições populares, cheias de mil aventuras cavalheirescas, presididas por lindas Moiras encantadas, flanqueadas por mil sonhos aereos, criados alem-ceu na linda imaginação do poeta, são ainda a gloria de alguns, a historia de muitos e a poesia de todos; um povo sem tradições, confessemo-lo, é uma nação sem passado, a quem mal pode sorrir o futuro». = *A. de Sousa Maldonado.*

(*Ibidem*, n.º 52, de 21 de dezembro de 1861).

XI

Nas Terras do Barroso

«Eramos entrados nesse antro de povos semi-selvagens que denominam *Terras do Barroso;* as povoações, que semelham as *cobatas* dos sertões africanos, são miseravelmente construidas, e os seus habitadores de uma rusticidade a toda a prova; ali ainda não entrou o menor vislumbre de civilização, seu trajar é o de ha dois seculos, seus costumes, porem, são simples e primitivos; abundam comtudo estas paragens em bello presunto, leite e manteiga, do que cordialmente offerecem ao forasteiro: o seguinte facto passado comnosco vae dar uma prova da hospitalidade, e embrutecimento intellectual d'estes povos.

Chegados a uma povoação chamada *Coutos* ou *Villa Grande,* pelo ardente sol de uma avançada manhã de agosto, foi-nos mister fazer alto para dar descanso aos soldados da força do meu commando, e passar a calma; então a dona de uma humilde choupana elevada á categoria de estalagem nos veio convidar para sua casa, pedindo-nos que nos utilizassemos das suas *castanholas* (batatas); acceitámos, na persuação de que a locandeira queria tirar partido no consumo de suas viandas e occupação da locanda; introduziu-nos num quarto soffrivelmente afumado, collocado sobre a estrebaria, em que se viam dois enormes leitos da era de

quinhentos com estafados enxergões de uma fazenda duvidosa, uma comprida mesa de castanho e dois bancos corridos; deitámonos em um dos leitos, tendo-lhe a mulher previamente estendido um lençol de grossa estopa, para descansarmos da fadiga da marcha, e recebermos a brisa de uma janela aberta na parede apenas dois palmos em quadrado: porem a Megera, pois bem cabe este nome á hospitaleira que, inculcando os seus 60 annos de idade, apresentava uma cara rugada, tostada pelo sol, em extremo macilenta, o cabello cortado á escovinha tendo apenas uma marrafa grisalha que lhe caía sobre a testa e fontes: trajava grossa saia de estamenha, collete de uma fazenda escura, que pouco mais abaixo dos sovacos dos braços lhe chegava, de maneira que entre o collete e saia havia um palmo de camisa a apparecer, apertava este pela frente com um cordão escuro mediando uma mão travessa entre as suas extremidades sobre a camisa, que era de grosso linho apertada ao pescoço, de onde pendiam largos folhos de fazenda semelhante; as mangas da camisa eram apertadas nos punhos por seis botões de oiro, e do mesmo metal lhe pendia ao pescoço grosso cordão, e das orelhas uns antigos brincos; pernas nuas e os pés mettidos em enormes socos; como disse, esta Megera sentou-se á nossa cabeceira, empunhando um pau forcado, dizendo que era com que governava a sua familia e os vizinhos, pois que ella tinha no logar toda a autoridade por já ter ido a Braga e ao Porto: passou a fazer a seu modo a descrição d'estas duas cidades; fallou na illuminação a gaz cheia de horror, porque, dizia ella, era sustentada com oleo de criaturas humanas, para o que numa estalagem proxima do gazometro da cidade de Braga immolam os viajantes que, incautos, ali vão pousar! Respondiamos-lhe por monosyllabos e riamos interiormente de tão crassa ignorancia.

Chegou a hora de jantar e a mesa foi ornada com grande travessão de batatas com presunto; sentaram-se a ella o marido, velho sesonatico, tres filhas que, não diferindo muito no trajo da mãe, eram, comtudo, de uma louçania selvatica que não deixava de agradar, e dois mocetões que se diziam parentes da casa; fui convidado pela minha hospeda para tomar assento á mesa; acceitei, estava reservado para mim um frangão cozido com enorme pedaço de presunto, arroz e uma garrafa de vinho; terminada a refeição, dirigi me á locandeira para pagar o que havia consumido, mas qual foi o seu espanto quando em tal lhe fallei! —V. S.ª escandaliza-me; quando o convidei para minha casa não foi para lhe levar dinheiro; para os mais sou estalajadeira, para

V. S.ª sou *patroa*. — Convenceram-me estas palavras, e agradeci-lhe, admirando como se podiam casar tanta hospitalidade com tão grasso embrutecimento». = *A. Butler*.

(*Ibidem*, n.º 97, de 1 de novembro de 1862).

XII

Tres facecias alemtejanas

a) *S. Pedro e o casamento*

Um pobre diabo, que largou este mundo, apresentou-se um bello dia ás portas do ceu.

— Que queres? lhe perguntou S. Pedro.

— Entrar.

— Vens do purgatorio?

— Não. Venho da terra; mas sou casado.

— Ah! É a mesma cousa, podes entrar.

D'ahi a pouco chegou outro pretendente.

— Que queres? lhe perguntou S. Pedro.

— Entrar.

— Vens do purgatorio?

— Não; mas agora mesmo entrou um que veio da terra.

— Sim; mas era casado.

— Casado!... E eu que já o fui duas vezes!

— Nesse caso rua, rua! que o ceu não foi feito para doidos.

b) *Conto do çapateiro*

Era de uma vez um çapateiro, que tinha muita devoção com S. Pedro; rezava-lhe todos os dias, e na caixa das esmolas do Santo, sempre que podia, ia deitar uma moeda de dez réis. Morreu o çapateiro e foi para o purgatorio, aonde se começou o processo sobre a sua ida para a ceu.

Mas o processo, como era de çapateiro, demorava-se. Um dia entrou o prior da freguesia do çapateiro no purgatorio, e o processo d'este, como era de padre, foi logo despachado. Que ha de fazer o çapateiro? Assim que viu o padre disposto a caminhar para a bemaventurança, pôs-se-lhe *ás cavallêritas*, e, escarran-

chado no cachaço do prior, foi ter com elle ás portas do ceu. O prior bateu á porta, e appareceu S. Pedro muito mal humorado.

—Que querem?

—Queremos entrar, senhor S. Pedro.

—Não ha logar.

—Ora essa! diz o çapateiro, de cima dos hombros do padre. —Então eu não sou digno d'isso? quando não havia hora na terra em que lhe não rezasse, e não havia dia em que não deitasse dez réis na sua caixa? Paga-me assim?

—Pois bem, entra tu, entra; mas deixa a cavalgadura lá fora.

c) *A Senhora do Rosendario*

Os pretos fizeram um peditorio para a festa da *Senhora do Rosendario* (Senhora do Rosario), e, sobrando-lhes dinheiro, trataram de resolver como o haviam de applicar. Houve differentes pareceres. Dizia um: compra-se um manto novo para a Senhora. Respondia outro: o manto que tem, viradinho e remendadinho, fica como novo.—Compram-se uns castiçaes.—Para quê? Os castiçaes velhos, em se esfregando, ficam novinhos.—Compra-se uma alampada.—Sim, sim, diziam uns.—Não, não, diziam outros. E arma-se grande questão, em que ninguem se entendia. No meio do barulho, um mulatinho gritou:—Para marufo, para marufo!...—Ah! dizem todos, é a voz dos Anjos! é a voz dos Anjos! Vamos empregar tudo em marufo. E veio aguardente a rodo para o estomago de todos.

XIII

Industria pastoril alemtejana: os chavões

No Museu Ethnologico Português ha uma collecção de objectos, na sua maior parte de uso domestico, feitos pelos pastores alemtejanos. Esses objectos, uns de madeira de buxo, e outros de chifre, cheios de ornamentações e revestimentos abertos á navalha, são interessantissimos, embora producto de fantasia artistica inculta. Entre elles ha alguns *chavões*,—são timbres, sinetes ou carimbos de pau de buxo, com gravuras de relevo, para marcar ***bolos de manteiga*** (feitos de farinha e de manteiga de

porco)[1]. A esses *chavões* alludem os seguintes versos do seculo XVIII:

Quando o calvo Coponio transtagano,
Vendo a destra Mulher affadigada
Com massas de *chavão* para o seu forno...

(*Poemas Lyricos de hum natural de Lisboa*, tomo II, dithirambo VIII).

Aos mesmos sinetes allude tambem D. Francisco Manoel de Mello (seculo XVII), sem porém especificar os do Alemtejo:

«Pedia uma dama a um seu irmão, homem discreto, que lhe desse uma letra para certa empresa sua, que queria mandar abrir em um sinete; respondeu-lhe: Minha irmã, deixae as empresas para as adargas dos cavalleiros andantes, as empresas, que haveis de mandar abrir, sejam *chavões* para fazerdes bolos a vosso marido quando o tiverdes.

(*Carta de guia de casados*, cap. XII).

Vide outros textos correlativos ao assunto em Moraes, *Diccionario da lingoa portuguesa*, s. v.

A. Thomaz Pires.

---

[1] [Á noticia dada pelo Sr. Pires accrescentarei que muitos dos objectos possuidos pelo Museu Ethnologico neste genero lhe foram generosa e amavelmente offerecidos pelo mesmo benemerito ethnographo. — J. L. de V.]

DOCUMENTOS PORTUGUESES

DE

PENDORADA

DO

SECULO XIII

João Pedro Ribeiro, em 1798, nas suas *Observações Historicas e Criticas,* dá conta do cartorio do mosteiro de Pendorada, o qual foi fundado, ao que parece, em 1024 [1].

Pela lei de 28 de maio de 1834, tendo sido extinctas as ordens regulares, foram encorporados os respectivos bens nos proprios da Fazenda Nacional [2]. Em 4 de junho, do mesmo anno, enviaram-se instrucções aos prefeitos das provincias para tomar posse delles [3].

O artigo 4.º da 3.ª instrucção diz respeito á formação de inventarios das «Livrarias e manuscriptos» por parte de um fiscal da Fazenda. Seria nessa occasião que o cartorio de Pendorada passou para o Governo Civil do Porto, onde, pelos meses de julho a setembro de 1854, Herculano apartou vinte cinco maços com documentos até o seculo XIII [4].

Em portaria de 11 de setembro de 1857 ordenou o Governo «a remessa ao archivo nacional da torre do tombo dos documentos escolhidos dos archivos das mitras, cabidos, conventos e collegiadas por ordem da segunda classe da academia real das sciencias para formarem parte da publicação dos *Monumentos historicos* em que n'esse tempo estava trabalhando e tem continuado a trabalhar». A entrega d'esses documentos, apenas anteriores ao anno de 1279, foi geralmente executada; apenas quatro cabidos

1 João Baptista de Castro *Mappa de Portugal,* II, 61.
2 *Collecção de decretos,* serie III, 1835, p. 189.
3 *Idem,* p. 192.
4 Folha avulsa que se guarda no Archivo da Torre do Tombo.

e duas collegiadas duvidaram fazer entrega dos que existiam em seus cartorios, e sobreestiveram na execução da referida portaria, até que o governo «... deliberasse ácerca das representações que sobre tal objecto fizeram subir. Sobre estas representações foi ouvida a segunda classe da academia real das sciencias, que em 27 de maio de 1858 fez subir a sua consulta, contrariando o pedido expressado nas referidas representações». A portaria de 11 de setembro de 1857 parece que ainda está inedita, e do teor d'ella só conheço o que diz o relatorio de 2 de outubro de 1862 dos ministros do reino e ecclesiasticos, Anselmo José Braamcamp e Gaspar Pereira da Silva, atrás transcritas [1].

A consulta acima referida da Academia foi elaborada por Herculano, correndo impresso no vol. I dos *Opusculos* o respectivo projecto.

Em 14 de Março de 1858 recebeu Augusto Soromenho, commissario da Academia Real das Sciencias nas provincias do norte, o cartorio de Pendorada, para o fazer depositar no Archivo «Nacional» da Torre do Tombo, cartorio que se guardava então na repartição de fazenda do Porto [2].

Os documentos recolhidos são em numero de 935, divididos em vinte e cinco maços. O maço 25 comprehende cinco rolos (*rotuli*), com varios metros de comprimento [3], e um manuscrito em papel que trata da historia do mosteiro.

O mais antigo d'estes pergaminhos é datado de 870. João Pedro Ribeiro, nas suas *Observações*, p. 14, e nas *Dissertações Chronologicas*, t. IV, p. I, p. 86, levanta duvidas sobre a sua originalidade, em consequencia da letra d'aquelle documento não se ajustar com a theoria que construiu. Herculano, ao imprimi-lo em 1867 nos «Diplomata et Chartae» dos *Portugaliae Monumenta Historica*, perfilha a opinião do professor de diplomatica. Parece-me infundada a suspeita, porquanto a divisão chronologica que João Pedro Ribeiro fez da letra visigotica não está de acordo com os factos. É desnecessario fundamentar aqui o meu parecer, baseado nos trabalhos de alguns paleographos.

O documento original mais antigo que se conhece em Espanha escrito em letra visigotica é datado de 857 [4]. Provenientes

---

[1] *Collecção Official da Legislação Portuguesa*, 1861, p. 303.
[2] Folha avulsa que se guarda na Torre do Tombo.
[3] As medições são em metros: 5,40, 4,50, 4, 3,24 e 3,10.
[4] Muñoz y Rivero, *Paleografia visigoda*, p. 28.

da Catalunha, dos conventos de Amer e Camprodon, todavia ainda ha tres annos a Bibliotheca Nacional de Paris adquiriu varios diplomas de alta antiguidade de outra forma de letra. Os dois mais antigos são de 843 (ou 844) e 860, e foram expedidos por Carlos o Calvo [1].

Todos os documentos do cartorio de Pendorada, muitos d'elles anteriores á fundação do convento, são escritos em pergaminho, nenhum se encontrando em papyro, o que aliás seria singular em Portugal. Esta carencia absoluta é devida por certo á difficuldade que apresenta o papyro em se conservar. Hoje, na Europa, só são conhecidas vinte e tres bullas de papyro, sendo dez em Espanha, oito em França, tres na Italia e duas na Allemanha. Das espanholas, a mais antiga é de 892, e a mais recente de 1007. Só tambem na Catalunha se acham estes monumentos. Em Gerona encontram-se duas, em Vich cinco, em Urgel uma, e em Barcelona duas [2].

Entre os 934 documentos recolhidos com a data extrema de 1279, encontram-se dois diplomas do rei Garcia da Galliza, com as datas de 1068 e 1070, unicos originaes que temos em Portugal d'aquelle rei e tambem do mais antigo soberano de que dependia o condado.

Apesar do elevado numero de documentos de Pendorada existentes até 1279, apenas oito são escritos em português. O mais antigo tem a data de 1272. Outros tres d'aquelle cartorio não são datados, comquanto um d'elles se possa attribuir ao reinado de D. Dinis.

É agora occasião de explicar o motivo ou fim por que a Academia, na consulta em que pedia os documentos que existiam nos cartorios de Portugal, marcou o anno de 1279 como limite. Ao falar-se na Academia deveria antes fazer-se referencia á intervenção de Herculano, porquanto era este historiador a quem mais interessava o conhecimento do teor dos velhos pergaminhos e a agitara nesse sentido.

Herculano começou a publicação da *Historia de Portugal* em 1846, terminando-a, no quarto volume, em 1853, no mesmo anno em que reproduzia o primeiro volume em segunda edição. Limitou, segundo parece, propositadamente, a sua historia em D. Affonso III,

---

[1] *Bibl. de l'École des Chartes,* LXV (1904), p. 364.

[2] Artigo de Omont na *Bibl. de l'École des Chartes,* LXV, p. 575.

que falleceu em 1279. No mesmo anno em que terminava o seu trabalho emprehende as peregrinações pela Beira e pelo Minho. Em 1856 começa, sob a direcção do historiador, a publicação do *Portugaliae Monumenta Historica*, ainda antes de recolhidos os documentos dos cartorios ecclesiasticos, o que se podia fazer, porquanto as duas secções com que abria aquella collecção, «Leges» e «Scriptores», não necessitavam sair fora dos estabelecimentos publicos para achar alimento. Outro tanto não succedia com a secção dos «Diplomata et Chartae», e por isso só em 1867 começou a publicar-se. Tendo em 1858 sido recolhidos na Torre do Tombo os documentos apontados por Herculano, e a que se não oppuseram as autoridades ecclesiasticas, procedeu este á revisão da sua historia, a qual deu a lume em 1863, em terceira edição. Esta é, pois, a lição definitiva, servindo as edições anteriores só como objecto d'aquelles que pretendem estudar a evolução da critica do grande historiador.

Com esta resenha chronologica pretendo demonstrar que o romantico Herculano subjugou á sua *Historia de Portugal* o interesse pelos antigos monumentos. Procedeu como bom historiador, mas como pessimo bibliothecario ou archivista, o que é tanto mais para lamentar que, dispondo de influencia e conhecimentos, não ousasse empregá-los para estabelecer uma boa organização de archivos, de que ainda completamente carecemos.

As leis de 1862 e 1863 promulgadas, não sei se com alguma interferencia de Herculano, fizeram descer o limite até 1600, mas sendo impraticavel juntar num só edificio tão grande massa de documentos ficaram até hoje em grande parte por executar, servindo actualmente só para desculpar sinecuras.

Os documentos em vulgar do cartorio de Pendorada vão de 1272 a 1278. O primeiro d'elles já foi publicado por João Pedro Ribeiro, mas de tal forma que mal representa a antiga orthographia, como era uso seu. Mais fidedignos são os documentos publicados por José Anastasio de Figueiredo nas suas obras. Elle proprio o diz: «E fui não menos escrupuloso, sempre que transcrevo palavras formaes, em conservar a Ortografia, com que se achão escritas, com a mesma variedade, e exacção possivel: não por huma curiosidade de todo vãa; mas porque ao mesmo tempo ficará este Livro instruindo aos Leitores neste não despresivel Artigo da nossa Litteratura. E álem disso lhes fará ter vencida huma das grandes difficuldades, que se encontra na desconhecida variedade de Ortografias, para lêr os sagrados depositos da nossa Historia e Legislação, ou geral, ou particular, que he indispensavel

consultar, todos em letras antigas: sendo certo que nas suas copias, quando as ha, regularmente se não póde alguem fiar, por cousa de pouca exacção e incapacidade dos Copistas, sem terem de ordinario os conhecimentos, que além do das Letras, são a cada passo necessarios, para se não pôrem os maiores disparates» [1]. João Pedro Ribeiro considerava o antigo português como lingua barbara, e por isso respeitava pouco a ortographia dos documentos. As suas vistas sobre o antigo português manifesta-as na comparação da *Noticia do torto* com outro documento: «Conhece-se do seu estilo, quam pouco a lingua Portugueza se tinha apartado da gallega, não admirando, que sendo particular, vença em barbaridade ao seguinte, por ser publica» [2].

Entre os onze documentos que publíco ha um, o n.º II, escrito no Sabugal pelo notario da villa, onde se encontram na parte final alguns termos não portugueses.

Em 1275 ainda Sabugal estava em poder de Castella, como Herculano dá a entender na nota I do vol. II da sua *Historia*. As palavras incriminadas são *Çien, Çiento* e *veynte*. Neste documento (o II adeante), o som *lh* tem a graphia *ll*, como se vê em *lle, llj* e *lly, lles* e *filley*. O som *nh* ora tem a graphia *n* ora *ñ*, como se encontra em *Azeyna, dineyros, quinon, Sanginedo, teno* e *tijna* de uma parte, e *meyriño* e *teño* da outra. *Mĩa* e *testemõyo* encontram-se tambem no documento.

Os documentos portugueses de 1272, 1277 e 1278, e outros sem data (são os n.os I, III, IV, VI, VII, IX, X) tem *Moler, filo, fila. files, Julo, les, lo* (=lh'o), *nimigala* e *foladela*. O n.º III, de 1227, tem *ly*, e o de 1227 (n.º VI), *alyos*, onde *ly* vale *lh*.

Outro modo de representação que se usa ainda em espanhol encontra-se nos seguintes termos: *llj, fillãdo, nẽllur, fillar* (n.os VIII e IX, sem data).

O documento de 1278, passado por um arcebispo de Braga (n.º V), tem *lhy* e *melhor*. No documento VIII encontra-se a graphia *uellho* que é, evidentemente, combinação de *uello* e de *uelho*.

Com respeito ao *nh* (com excepção do V e VIII) todos os documentos nos dão *n*: *Conoscã, senos* (no III); *Conucuda, gaane, conpaneyro, senor, senorio* (no IV); *Conucuda, uino, senos, tena* (no VI); *Conuzuda* (no VII); *minas, teno, testimonjo* (no IX); e *se-*

[1] *Synopsis Chronologica*, vol. I, (1790), p. IX.
[2] *Dissertações*, I, 182.

nos, senas, uina, penor (no x). O n.º v de 1278 do eleito de Braga só dá *nh: couenhauil, linhagẽ, uenha*. O n.º VIII tem *Cauanhõ, tijnha, penhorar*. O *ñ* é raro, encontra-se *ueña* no IV. O *i* nasal podia ser indicado com ou sem til: *ordiamos* (no IV); *lio, uio* (no VI); *mia, ordiou* (no VII); *Martĩo, tija, dĩeiros* (no VIII); *galias, lio, tĩas* (no x); *Esteváia, sobrĩo, vio* (no XI). Pela tradição etymologica encontramos *Cognoscam e recognocimẽto* no IV. Cruzamentos interessantes encontramos no n.º VIII em *Brugnhedo* e *pegnora*.

Parece-me que deve despertar bastante interesse, para quem estuda a orthographia dos nossos antigos documentos, a epoca da introducção do *lh* e *nh*. Admittindo-se que aquellas graphias são devidas á influencia provençal, permitte-se-nos por essa forma penetrar no desenvolvimento da civilização portuguesa do seculo XIII. É provavel que os individuos cultos, que podiam deliciar-se com as bellezas da literatura do sul da França pelo conhecimentos directo da lingua, fossem os primeiros que nas suas obras litterarias e *cartas missivas,* sem o perceber, substituissem o *l* (*ll*), e o *n* (*nn*), ora pelo *ly* e pelo *ly,* ora pelo *lh* e pelo *nh*.

Os tabelliães tambem inconscientemente adoptaram as novas graphias que, em menos de meio seculo, dos centros mais brilhantes do reino até os mais humildes villares, estavam geralmente empregados.

As combinações graphicas *lh* e *nh,* que se encontram no documento v, de 1278, não excedem em antiguidade as datas de 1269 e 1273, que já apontei na *Revista Lusitana,* IX, 263, como sendo aquellas em que eu tinha encontrado a mais remota representação dos novos sinaes.

Nessa mesma occasião notei os documentos mais antigos em português transcritos por J. P. Ribeiro, e apontei erradamente o documento de Pendorada na data de 1262, a qual se deve emendar para 1272.

Confesso que a esperança de encontrar documentos neste cartorio mais antigos que a data de 1272, e de que Ribeiro não tivesse dado conta, ficou mallograda.

Seguem-se agora os onze documentos acima mencionados.

PEDRO A. DE AZEVEDO.

I. — Aforamento de um casal a Pedro Eannes e a sua mulher feito pela abadessa de Entre Ambos-os-Rios. 1310 (1272)[1].

A C E G I

In dei nomine AMen. ego Domine[2] samcha irmigis. Abadesa damtrãbos[3] rios. Com todo ho comuemto dese moesteiro, *tibi petro*[4] *ioanes et uxor tua* cal houueres lijdima. fazemos prazo De uno casal que habemos em gõtigẽ per nome aquele em[6] que seue e morou teu padre por precio que de ti recebemos comuẽ a saber cento[7]. vi. *Morabitinos*[8] e tu dares dese casar[9] *tercio* parte. asi como sempre for[10] forado e quaéés dereituras sẽpre deu taéés dares tu e sééres hobediente a lo monesterio e séér este prazo pora[11] ti e pora[12] ta Moler e pora teu filo e se nõ houueres filo ficar ááno[13] teu prouĩco de cal te tu pagares e séér hobediente e nos que chu prazo Mãdamos fazer com nosas Manos propias ho reuoramos por reuora recebemos de ti .j.ª[14] fugasa e .j.º[15] carneiro e quẽ ti sobre este prazo pasar cãto quiser[16] tãto[17] *dupret et insuper* peitet .D.[18] soldos. feito ho prazo. viij. dias amdados de Maio. Era M.ª CCC.ª x. quaes presemtes amdré[19] uéégas ts. *Petro* ts. Joane ts. *Martino* ts. *Dominicus scrisit*[20].

II. — Testamento de Rodrigo Afonso Ribeiro. 1313 (1275)

In dey nomine Amẽ Eu Rodrigo Afonsso Ribeyro Temho o dia de mĩa morte e ffaço mĩa mãda por deus e por mĩa alma. Primeyramẽte mãdo A alma A deus e o corpo A San Johãn da

---

[1] Publicado por João Pedro Ribeiro, *Dissertações*, I (1810), pag. 282. As variantes principaes da sua leitura vão em nota.
[2] *Dona.*
[3] Dantrambolos.
[4] ...
[5] por.
[6] (Falta).
[7] canto.
[8] O documento diz *Mrs* que Ribeiro leu maravidis.
[9] casal.
[10] fou (por erro typographico).
[11-12] pera.
[13] a uno (boa correcção do texto).
[14] huma.
[15] hum.
[16-17] (Faltam).
[18] quinhentos.
[19] ...
[20] Mosteiro de Pendorada, maço 22, n.º 46.

pendorada. E mãdo o meu quinon do casal de ordj. Aquel que mj ende deu Roy vaasquez meu Tio A eygrejoo. E mando o casal de vilar [1] A san Johãn da pendorada. Et outro ssi mãdo A San Johãn da pendorada As pedras e As sortellas e o mouro. que y leyxey en Guarda Ao Abade dõ meendo E ffaço o Abade dõ meẽdo Testamenteyro desta mĩa mãda que page mĩa mãda e Todas mĩas diuidas per Todo meu Auer quanto mj. ende Achar tãbẽ pelo mouil cõmo pela Rayz pelas bestas e pelos dineyros e pelos herdamẽtos e per quanto Auer mj Achar E se meu padre dõ Afonso Ribeyro quiser ou sua vóóntade ffor Rogollj por Amor de deus e por mesura que el Ajude A dõ Meendo Abade de san Johãn da pendorada A cõprir esta mãda que lle mãdo cõprir e A pagar mĩas diuidas e mĩas malfeitorias per Todo meu Auer. E se per uentura meu padre dõ Afonso quiser vijr contra esta mãda Rogollj por deus que leyxe A san Johãn da pendorada e Ao Moesteyro de eygrejoo Isto que lles eu mãdo. e que page Todas mĩas mãdas e mĩas diuidas e Todas mĩas malffeytorias per meu Auer. E mãdo o herdamẽto de paradela que son cinco casaes e j[a] Regada. e Azeyna do porto da ffurada de san Johane no Julgado de Gaya e la herdade da rribeyra e A herdade de sangineda que teño do Moesteyro darouca. que fique A arouca de que o eu tijna. E o que eu y ey A leyxar A arouca por este herdamento que ende tijna cõuẽ. A saber ey llj A leixar o casal de vilar chão e o casal de Brafomes que y ey e mãdo que llj ffiquen. Et Teno do Moesteyro de Eygrejóó A quyntaa de vlueyra e mãdo que ffique A eygrejóó. cuja é. E mãdo e Rogo Ao Abade dõ meendo e A meu padre que se Algẽ A eles veer que diga que llj eu Alguna cousa diuia que nõ seja escrito en Esta mãda ou que llj ffilley ou Roubey Alguna cousa que aqueles que o disseren que façã A uerdade porẽ segũdo como for vso e costume da Terra e que lle lo pagẽ per meu Auer E mãdo o Casal de lourosela meu A la Ordin dauis. E mãdo quraenta liuras por Almas dos de nauarra de que as eu ouuj. E por que jsta mãda seja firme Eu Rodrigo Affõso Rogey A Martin perez Notario de Sabugal que fezesse esta mãda e que posesse en ela seu sinal por Testemõyo e por Mayor firmidõ pugi eu en ela este meu seelo e o séélo de Johãn perez mercador de Sabugal.

Estas son as diuidas que Eu Rodrigo Affonsso Ribeyro deuo. primeyramente deuo A Domĩgo da Rotea Çiento e veynti liuras. e A pero durã do porto Çien liuras e A andre meyriño Oytaenta liuras. E diuia A Bertolomeu esteuez de coỹbra xxv liuras e mãdo que as den a seus herdeyros. Testiuygos que presentes forõ Johãn perez mercador de Sabugal Johã perez cãbiador. Johãn eanes mercador. Pero eanes cãbiador. Domĩgo sousela escriuan. E eu Martin perez notario pobrico del Rey en Sabugal A rrogo de

[1] Villar de Eirigo, diz um summario do sec. XVIII nas costas do pergaminho.

Rodrigo Affonso ffiz esta mãda e pugi en Ela este meu sinal por Testemõyo + ffeyta A mãda en Sabugal Sesta feyra noue dias do mes de Agosto. Era de mill e ccc.ª e Treze Años.

No dorso. Ao Abade dõ Meendo seja Esta carta dada por Rodrigo Affonsso. E nõ seja Esta carta Aberta en quãto eu ffor viuo Ate mĩa morte [1].

III. — Composição feita perante o juiz de Bemviver sobre o casal de Gordimaes. 1315 (1277)

Conoscã todos aqueles que este estrumẽto virẽ e ouuirẽ. que na presença de mj. Giraldeanes Publico tabaliõ do senor El Rey de Portugal e do Algarue ĩ terra de Benuiuer e na presença das testemoyas de pois scriptas Dante Pay martijz Juiz de Benuiuer sobre contenda que era antre Steuã diaz dito buual da hua parte. e Sancha periz moler que foy de Lourenço martijz espinel. da octra sobrelo casal de Gordimaes e sobrela moradea que hy fazia a dita Sancha periz Pedre anes mũge e procurador do Abbade e do Conuẽto do mosteyro de san Joane da pendorada protestou e dixe que aquele herdamẽto sobre que auya contenda u dito Steuã diaz cũ a dita Sancha periz que estaua u mosteyro ĩ possissõ delle, e que o prouaria se mister fosse. e o dito Steuã diaz dixe ca sse sse dõna Sancha quitaua desse herdamẽto e sse delle saya. ca elle o octorgaua ao dito mosteyro. e depoys este precto assi andando. tal conposiçon foy feycta. conuẽ a saber que a dita Sancha periz entregou u dito herdamẽto ao de suso dito procurader ĩ nome e ĩ logo do dito mosteyro per colmo e per chaue. e sse hy algúú directo auya ou entendia aauer que o renũciava todo ao dito mosteyro, e que sse saysse do dito logar atẽ santa maria de Agosto esta primeyra que uẽ. e o dito Steuã diaz octorgou e quitousse ao dito mosteyro da demãda que fazia contra a dõna. su tal condiçon que o mosteyro nõ ly metesse hy caualeyro nẽ dõna nẽ omẽ filo dalgo. e sse per uentura alguẽ ueesse doctra parte que in aquele logo algua cousa queira demãdar. u dito Steuã diaz aja aquel logo e aquela posse ĩ que ora estaua de enparar e de defender u dito logar. Aquisto foy feycto apres de Gordimaes quatro dias por andar de Julo. Era M.ª ccc.ª xv.ª us que presentes forõ. Martin esteuaiz filo do dito Steuã diaz. Martin rodrigiz de róósendj. Migéél periz conigo de uila boa do Bispo. Martin periz rector da Egreyga de paredes. Pero domĩgiz dito feo. Domingos periz. Pedre anes mũges do dito mosteyro. fernã periz Caualeyro de Aríjz e octros muyctos ts. e Eu de suso dito Juiz de plazimẽto das partes esta conposiçon dei per Juigada. e fezi hy

---

1 Convento de S. João de Pendorada, maço 23, n.º 1.

poer meu saelo. e Eu de suso dito Tabaliõ aquestes de suso ditos presente foy e a rogo de hua parte e da octra esta conposiçon cũ ma maao propria escreui e hy meu sinal + pugj ĩ testemoyo desta cousa u qual tal e [1]

IV.—Aforamento feito por Fr. Stevão Pires, procurador de Pendorada a Martim Mendes da Fonseca de dois casaes e meio. Fevereiro de 1316 (1278)

A B C D E F

En nome de deus amen Conuçuda cousa seia a todos aqueles que [este] estormento uirẽ. e ouuirẽ Que Eu Steuã perez Monge do Moesteyro de san Jhoane de pendorada recebj hũa procuraçõ do Abade [de] san Joane da Pendorada e do Conuẽto o teor da qual a tal e de ueruo a ueruo.

Cognoscam todos aqueles que esta procuraçõ uirẽ e ouuirẽ que Eu dõ Mẽe perez abade do Moesteyro de san Jhoane da Pẽdorada e o Conuẽto desse menesmo logar stabelecemos. fazemos e ordiamos Steuã perez nosso Mõge e nosso conpaneyro por nosso procurador liidimo e abastoso pera dar a Martjn menendj en nosso nome por en dias de sa uida. húú Casal e meyo en Cotaes e outro Casal em Ydrices en prestamo. e nos auemos forte e firme que quer que seia feyto per o dito procurador en todas estas cousas e en cada hua delas e rogamos o tabaliõ ou os tabalioes da Lafoes que faça ou façã ende stormẽto ou stormẽtos quaes les o dito Steuã perez mãdar fazer e que isto nõ ueña en douida e mayor firmidoe gaane. Eu de suso dito Abade a presente procuraçõ de meu seelo fiz séélar e que nos Conuẽto seelo proprio nõ auemos en a posiçõ do seelo de nosso abade dhúú coraçõ louuamos. Dada apres do Moesteyro de suso dito. xij dias andados de Janeyro da Era M.ª CCC.ª xvj.ª

E eu Steuã perez procurador de suso dito pela autoridade da procuraçõ de suso dita dou é entrego a uos Martin menendj de ffonseca en prestamo por en todos dias de vossa uida húú Casal do dito Moesteyro en Ydriçes no qual mora Mĩgueyros e dou a uos outro ssi húú Casal em Cotaes en que mora Domigos uéégas e o meyo en que mora Pedro iohanes o qual foy da Muda. e o Moesteyro de suso dito deue aauer en cada húú ano senos Capoes por dia de Natal en recognocimẽto de senorio. desse Casal e meyo de Cotaes e Este prestamo dou eu a uos por seruiço que fezestes ao Moesteyro de san Johane e que faredes

---

[1] Mosteiro de Pendorada, maço 23, n.º 10.

e que pois isto nõ podesse uiir en douida. Eu Steuã perez procurador de suso dito mãdey a Jhoã dominicj Tabaliõ de Alafoes que fezesse ende dous prazos partidos per a. b. c. dos quaes Martĩ menendj tẽ. húú e o Moesteyro o outro. é Eu Tabaliõ de suso dito per mandado do dito Steuã perez e per a procuraçõ de suso dita a qual eu uj seelada do seelo de suso dito nẽ rasa nẽ conrũpuda nẽ borrada no Seelo nẽ na letera estes estormentos fiz e puxi eeles meu sinal ✝ en testemoyo. Ts. Mẽe ffernãdiz de Varzea. Pedro afonso Juiz de Alafoes ffernã martiiz e Johoã perez e Martĩ afonso e pedro perez clerigos Steuã ihoanis de vij.^e fontes Steuã perez e Martĩ ioanes de Siqueyros e outros muytos feytos forõ os prazos en sã pedro de Sul. viij dias andados de ffeuereiro da Era M.^a CCC.^a xvj.^a [1]

V.—Nomeação feita por D. João, arcebispo de Braga, das herdades de avoenga que tinha no couto de Pendorada na pessoa de Vasco Martins. 28 de abril de 1376 (1278)

A quantos esta carta virẽ. Nos Johãne pela mercéé de deus Esleyto confirmado na santa ygreia de Bragáá ffazemos saber que como a herdade de vila uerde dáálem Doyro uenha da nossa auoẽga e fosse dada en esta maneyra e en esta condiçom que a aia senpre clerigo o melhor da linhagẽ e que faça ende aniuersayro cõuenhauil ao Mõesteyro de san Johã da Pendorada. E nos tragamos essa herdade e outros logares en Riba de Doyro. a nossa mãao assy come da nossa auoẽga. por que deus sóó sabe nossa uida quanto ha de séér en este mũdo querendo de mentre que uiuemos nomear aquela pessõa que a deue a trager despola nossa morte Nomeamos vaasco martijnz Cóónigo de viseu e da Guarda que uẽ desta auoẽga. E louuamos e mãdamos que a dita herdade de vila uerde e os outros logares que nos tragemos no Couto de san Johã da Pendorada e nos outros logares que hora tragemos en essa terra que os aia e possuya despola nossa morte o dito vaasco martijnz cõmo os nos auemos. e que faça ende aniuersayro ao Conuento do Mõesteyro de san Johã da Pendorada. assy cõmo ó nos faziamos dando lhys cada Ano algũa cousa por aniuersayro e polas almas daquelles onde uẽe as ditas herdades. E que ante sa morte gardando a sucessom cõme se ata aqui guardou. noméé en sa uida pessõa que seia clerigo mays chegado do Linhagẽ pera auer a dita sucessom e pera tragella assy cõmo de suso dito he. En testemunho da qual cousa lhy demos esta nossa carta aberta e séélada do nosso seelo. Dada en a nossa Camara de santo Martĩho de Matheus xxviij.^o dias do Mes daBril. Ano dominj M.^o CCC. xvj.^o [1].

---

[1] Mosteiro de Pendorada, maço 23, n.º 161.
[1] Mosteiro de Pendorada, maço 23, n.º 13.

VI. — Testamento de Elvira Ermigès. 18 de abril de 1316 (1278)

In dej nomine amen. Conoçuda cousa a todolos que este estrumẽto uirẽ e ouuirẽ que Eu Eluira ermigiz encomẽdey fazer meu testamẽto. primeyramẽte mãdo meu corpo ĩ san Joane de Tarouca e húú leycto de liteyra e quaréénta moyos de pã e x. marauedis por a pitãnça dos frades e ij. pares de mãtéés e .j. casal de herdade. e todas estas cousas sõ ya pagadas ao dito mõsteyro. It. mãdo aos frades de san Joane da pendorada hua terca de casal u qual casal ey na ribeyra por ma alma e de meus filos. e de meu marido a qual terça de casal comparey de maria ribeyra ma fila. e dey por elle seseenta libras e se se meu filo agrauar desto de aos frades de suso ditos as ditas libras e file a herdade. It. a Duranca ma criada .j. cuba e j. arca. e vij. reixelas antre cabras e ouelas. e j. porca. e ij. bacoros. e ij. feltros brancos e j. almocela. e ij. chumaços. e todo u lio. e a láá, e o fiado, e feramẽtas, e escudelas. e todolas octras cousas mouedas que sõ contéénças de casa. e j. moyo de pã e j. moyo de vino. It. a Margarida uicente este meu tabardo e o capeyrote que leyxey ĩ basto. e j. quarteyro de pã. It. a Santa Locaya .j. moyo entre pã e vio e j. leycto de coreya. e j. almocela. e j. chumaço. It. a Méén domĩgiz a ma saya. It. ao Priol de san Joãne da pendorada u meu mãto. e a ma garnacha da sarga. It. a Santandre de sóóselo .j. quarteyro de pã. It. a Pero domĩgiz capelã de essa egleyga .j. marauedi e j. quarteyro de pã pelas misas que mj dixe. It. a todos meus homéés esse ãno que eu pasar senos bragaés. It. mãdo por a fazer as Egleygas .ij. moyos de centeo. e ij. moyos de vio. e j. moyo de trigo e viij. spadoas e iiij. carneyros. e sse nõ ouuerẽ us carneyros iiij[o] freamas e j. almude de mãteyga. e j. reste de alyos.

It. aquestas sõ as deuídas que deue dõna Eluira primeyramẽte ao Abbade de san Joane da pendorada .v. marauedis e sse mays demãdar denlo It. a Ramiro .ij. marauedis e meyo. It. a Martin ioanes. ij. marauedis. It. mãdo a Pedreanes que de a Sancha anes .ij. marauedis e se alguẽ uéér que algua cousa demãde faça como è pagueno aquisto foi apres das Egleygas xviij. dias andados de Abril. Era M.[a] CCC.[a] xvj.[a] e rogo a meu filo pola ma beyncõ que faça pagar esta ma mãda e mas deuidas. e rogo u priol de san Joãne que tena esta ma mãda *usque presentes forum* Domingos muniz Priol de san Joane da Pendorada. Vicente periz mũge do dito mosteyro. Méén domĩgiz rector da Egleyga de santa Locaya. Joã martijz Martin ioanes leygos da ribeyra. ts. e Eu Giral deanes publico tabaliõ do senor El Rey de Portugal e do Algarue ĩ terra de san fíjz. e de pauha a dita Eluira ermigiz presente foy e a rogo da dita Eluira ermigiz u dito testamẽto cũ ma mao propria escreui e hy meu sinal pugy ĩ testemoyo desta cousa u qual tal e ✝ [1].

---

[1] Mosteiro de Pendorada, maço 23, n.º 2.

VII. — Procuração passada por Estephania Martins a seu marido Egas Afonso. Maio de 1316 (1278)

Conozuda cousa seya que na presenza de mj Steuã méendiz publico Tabaliõ del Rej de Portugal e do algarue en lamego e das testemoyas que aqui son scritas. Steuáá martijz. estabelezeu e fez e ordiou Egas affonsso seu marido portador desta procurazõ por seu procurador léédimo e abastoso. per ante o Abbade de sayoane da pẽdurada e perante o Conuento dese méésmo moesteiro. sobre dous Casaes que esse Egas affonsso e essa sa moler steuáá martijz. an no termo de bayã. en logar que chamã louredo. húú que esse tẽ encartado do dauãdito Moesteiro e outro que est do seu herdamẽto que esse Egas Affonsso possa emprazar e ffazer Carta ou Cartas ou prazo ou prazos desses dauãditos Casaes assj come se essa Steuáá martíjz presente fosse. e prometeu ááuer firme e outorgado que quer que per esse procurador for feyto nos dauanditos Casaes. assj cõme se essa presente fosse. feyta a procurazõ no mes de Mayo da Era M.ª CCC.ª xvj.ª os que presentes forũ pedro domjngiz. Domĩgos migééiz. Domĩgos pedriz. Domĩgos ioanes. e eu dauando Tabaliõ a rrogo e a mãdado da dauandita Steuáá martijz. esta procurazõ cũ mia mao fiz e meu sinal en ela pugj que tal est + en testemoya :· — :· ——— :· — [1].

VIII. — Inquirição dos reguengos na Beira. Tempo de D. Dinis (1279-1325)

Da fréiguesia de san Martĩo do Cauanhõ que non traiẽ cõ Julgado nẽhúú. iaz y a terra que chamã Arocha o logar que chamã. Couas de mõte dizẽ as testemũias que ouuirõ dizer a seus padres e a seus Auóós e a Oméés uedros que Couas de mõte foj quatro Casááes de uedro. os. tres erã. Regéégo del Rey e hũu era de Ruberte pááiz e de pero pááiz. hirmááos. e que dauã a el Rey desse Casal hũu falcõ cada Ano. e sse o falcõ nõ podiã auer dauãllj hũu Açor. e sse nõ podiã auer o aÇor dauãllj huu Gauiam. ẽ que llj chamauã o Casal dos falcoeiros. e ora assi a nome. Esses oméés bóós pedirõ a El rrey por merçéé que les estremasse esse Casal dos seus tres. E que el Rey les mãdou partir. e mãdou meter Marco no partimẽto. Dizẽ outro ssi que ouuirã dizer que no tenpo que Couas de mõte foj pobrado que pobobrarõ Couas de rrio. e. Deylã. e verduzedo e Couelo e Regaoufe e que ouuirõ dizer que todas erã Regéégas del Rey. e pobradas no sseu regéégo. E que

---

[1] Mosteiro de Pendorada, maço 23, n.º 3.

dõ Affonso hermigit que tija a terra delRey a que leuaua de todos estes logares. xviij. dĩeiros de cada Casal. pera El rrey. ẽ que les pos depois foro que midissem o pã de Quinto. e que teue A terra bẽ. Trijnta anos. e de que era a terra sorda e moj grãde. fora Chamãdo a sua. e fillãdo a por sua. herdade. e diz hũa testemũia de uista que el uio o padrõ séér naquel logar. e que o uio derribar a Martĩ longo. homẽ de dom Pedro pááit Curuo. en tẽpo da Rouba de Rey don Sancho. e que uio dar os dezeoito dĩeiros de suso ditos de cada Casal. de todos estes logares, e que os tirou ende el pera el Rey. e que os uio ir cõ el Rey en oste. E outra testemũia diz que uio en couas de mõte entrar o Maiordomo. e penhorar y e leuar ende a chóóma pera ElRey. en tẽpo de Rey don Sancho. e de Rey dona Afonsso prestumeiros. fezerõ as aldeias que chamã a pena. e a proua e Cabana uellha. e padrozelos Carçerellos de susááos. e a Draue e Gouarỹ e a Lagea e Brugnhedo. e. Reçiã que ora estã hermas. estas anbas e a Togeossa todas estas aldeias dizẽ as testemũias que ouuirõ dizer que as fezerõ no maniadigo. e no termo dessas aldeias uedras sobreditas que sson regéégas del Rey. e que assi créém que e como ouuirõ dizer. E don affonso ermigit que tijnha a Terra come de suso dito enprazousse cõ san iohane da Pendorada e per rezõ desse enprazamẽto quando ueo a ssa morte leixou a san iohane toda essa terra darocha. e tragea por onrra. e traye hi seu vigayro e sseu chegador. e nõ van a Joizo de Joiz del Rey nẽllur. nẽllj fazẽ ende nenhũu foro saluo que uan ende a Toruiscada. e o que ala nõ quer hir leua o Maiordomo de sul del hũu Moyo de pã. e todisto foj feito des tenpo del Rey dom Afonsso seu Auóó deste Rey. e des tenpo de Rey don Sancho seu tio. e des tenpo del Rey don Affonsso seu padre. E dizẽ ainda que ouuirã dizer que porque entrarã alo dous Mayordomos pera pegnhorar que os matou don Affonso ermigiz.—seyam todos deuassos estes logares de suso ditos. Entre hi o maiordomo del Rey por todolos seus derectos. e sobrelos erdamẽtos chame el Rey se quiser, etçetera [1].

IX. — Testamento de Rodrigo Affonso. Sem data

Aos religiosos baroes e onrados. Dõ ffernãdo Abade de san yoane da pendorada ensẽbla cono conuẽto desse menesmo Logar. Eu rodrigaffonso mj uos mãdo encomendar asi. como aaqueles a qui ey a dar o corpo e huua peza do qui Ey. ffazo a uos a saber que eu uos quero atẽder todo aquilo que uos Eu prometi da Ecclesia das serrazes e do prazo asi como ffoy deuisado. primeyramente ffoy asi deuisado o preyto da Ecclesia das serrazes

---

1 Convento de Pendorada, maço 24, n.º 25.

que uyesse ũu uosso frade aos vigayros de viseu e pedro dominguiz cõ Ele. E yr Eu e meus irmaos. hou uu de nos por todos. e presentarmos pedro domingiz aaquilo que nos auemos na Ecclesia das serrazes. saluo o derecto que o moesteyro de san yoane da pedorada ha na ecclesia das serrazes e irmos nos cõ elle a essa Ecclesia. E anpararmolo e deffendermolo. E se per uentura meus irmaos isto nõ quiserẽ auturgar. do meu herdamento. e do da Ecclesia e dos testamentos meus. e das encomendas minas. ffarey li auer todo. e enparalo e deffendelo quãto Eu mays puder aa boa ffe. e uos sobristo cõprirdes a mj e dardes mj o herdamento todo que auedes na uilla das sarrazes, e en seu termio. en meus dias e de ma moler tareyia Martijz. E nos darmos a uos cada ano de conosçença cem soldos e dar uos ce[n]to e L libras. as mayas logo e as mayas a ũu prazo que mj puserdes e dar uos a ma morte ũu casal En couelas. e todaquillo que eu e ma muler auemos e pudermos auer en termio das serrazes e en seus termios. aa nossa morte fficar a uosso moesteyro todo liure asi mouil como herdade e si dona tereyia Martijz ma moler ante que Eu morrer. Ante que Eu morrer a meya dessa uila como a teno teela asi En ma uida. e si Eu morrer e si tereyia Martijz casar e nõ auer na uilla das serrazes açaz njmjgala e si tiuer castidade ou fillar ordẽ. auer a meya da uila das serraças e pousar nas casas e ... a meya da seara e desi auãte fficar todo liure ao moesteyro de suso dito de poys morte de dona tereyia e si per uentura o bispo nõ quiser outorgar este prazo uos dardes a mỹ meus mj b (?) e entregar Eu uos dos ffruytos que leuar da erdade desque o prazo for feyto e rogouos que o ffaçades ca Est grande proueyto uosso e nosso dos corpos e das almas ca eu nũqua tãto cuydo a ujuer nẽ ma muler que tanto leuemos da erdade quanto uos damos saluo quãto bẽ e quanto seruiço e quãta ajuda prenderedes de nos e por nõ auerdes de mj duuida mãdo a uos Este ma carta seelado de meu seelo feyto En testimonjo ... sobristo qual pea quiserdes poer no praco tal poede [1].

X. — Tombo dos casaes de Pendorada em terra de Lafões. Sem data

Esta e a Renẽbrãza. Dos herdamẽtos que sam iohane moeesteiro de sam iohane da pẽdorada. áá. em tera dalafoy. In primo a graya de nodar cõ dous casááes. E hos casaaes sõ a foro de quarto. dereyturas. ij. dous soldos de pedida. cinque .v. uaras de bragal. dous. dous capoéés. x. x. houos. senas pernas de porco con sénos antrecostos e senas teeygas de pã segũdo. senus cabritos senos queigos senas fazeduras. de mãteiga. Item. Em a maeizenssa una séeara de uina. cõ. vj. casaaes ee. em. de uno ermo. e tem outro martin gonsaluiz em sa uida. E hos outros som per

---

[1] Mosteiro de Pendorada, maço 22, n.º 60.

tal foro que meos de susu ditos de nodar. It. em sequeiros áá. vj. casaéés em sete fomtes uno. e dã de foro. dous. dous soldos de pedida e medenles de quintu. e dam senas pernas de porco e senas outaas de pam. dous dous framgauus. e x. e dez ouos. It. em sáá .j.º casal e da tal foro. come os de sequeiros saluo. hos dous soldos e tẽ uno casal acustadizo que chamã hos pardeeiros. It. en o souto. aa. dous casaéés e dam tal foro quome o de sáá. It. em sagadelos .a. j.º casal. e iaz ermo. It. na costa a .j.º casal e iaz ermo. It em courelias a. ij. casaéés. e dam táães dereituras come o de sáá. It. na rũpicila. áá. ij. casaes per este foro. It em souto majur aa. dous casaees. e sam de iugada dam. vj. sez tĩas de pã e senos quarazijs. It. a. em figeiredo dalua .iiij.^or^ casaaes. e dam dous dous soldos de pidida. e meden les de quinto e dam. senas espadoas de porco de noue costas e senas téégas de tríjgo cõ ellas, e senas galias, e x. dez ouos It. a Na foladela .ij. casaéés. e dam. dous dous soldos de pidida e fazẽ nas houtras cousas táães dereitos come hos da rũpicinla. It. a no amaral uu. mora Martin pequeno .j.º casal e dous soldos de pidida. e medẽ li de quinto. e da perna de porco e j.ª outáá de pã cẽteo. e .j.º cabritu e uno bragal de vij.^te^ varas. e. j.º capõ e uno frãgau e. x. ouos. esta .y. uno casall e ten Ende meen rodigiz ho meu en sa uida. e houtro meu laurã no hos óómees e dam ende a razõ hou moesteiro. It. dous casaees que tem ho moesteiro de martin martijz em penur e põe les maiordomo. It. a em mondelos. j.º casall. e rẽde. xxx.^ta^ soldos. It. en couelas. uno casal e rende .iiij. liuras e mea. It. em arizes uno casal e tenno martĩ mééndiz en prestamo. It. em catáá. j.º casal e meo que tẽ esse martĩ méédiz, e dam cadaano hou moesteyro.iij. capoéés porco no cẽzo. ℭ. It. em couas de rio .á. iiij.^or^ casááes e morã en elles. x. homéés. e mede les de quinto e dam todos per cabeças todas. x. senas pernas de porco e de cassa (*sic*) casal dam senas outáas de pã e dous dous frãgaos. ex. dex ouos. e destes casaaes tem ende Pedro gõsaluiz .j.º meo en sa uida hos erdadores que á .y neesa alldeia dam cada ano .iij. aradoyras de foro e dam da emtrada de martin affomso una libra de cera. It. em delã. á iij. casaaes e facẽ tal foro quome os de. couas de rio e morã em elles .iiij. ooméés. It em uerduzedo. a .ij. casaaes e fazem tal foro come hos de couas de rio e come hos de delã saluo que dã quarazijs. It. en couas de mõte .á. iij casaéés e iij. quartos e moram em elles .xi. homéés e fazen tal foro come hos de couas de rio. e destes .xí. homéés tẽ ẽde uno méén rodigiz en sa uida e de sa moler. It. Na pena. a. iij. casaéés e dam senos Moyos de pã de iugada e senus quarazijs e senas outaas de pã cõ eles e senas galias e tres .iij. alqueires de trijgo. It em fauezelas .a. iiij.^or^ casaáes. e dam de iugada sete sete téégas de pã segũdo e senas téégas de trijgo. e senos quarazijs e senas outáás de pã centeo e senas galias a cinque cinque ouos e senos afusaéés de lio. It. Na proua .a. iiij.^or^ casaéés e dam. tres tres [quarteiros] de pã de iugada e senas pernas de porco e senas outaas de pã e senas galias e cinqui cinqui ouos. It. em padrozelos .á. ij. casaéés. e uóóda .ij. libras de

cera e perna de porco e. j.ª outáá de pã. It. em cabana uela. á. ij. casaees. e dam duas duas libras de cera e senas pernas de porco e senas outáás de pã e senas galias. It. em couelo .á. iiij. casaees e terza. e dam de iugado e dam. sex. sex. quarteiros de pã de iugada e mendenles o uino de quinto e de casal dam. sex. sex. alqueires de cemteo e tres tres alqueires de trijgo e quatro quatro afusaéés de lio e duas duas galias e morã. y viij. omees dam senas pernas de porco. Item em ragauufe morã .viij. oméés e dam. dous dous quarteiros de pã e iij. iij. alqueires de cemteo, e xij. alqueires de trijgo e dam .iiij. galias e senas pernas de porco. It. em cacerelos. á .iij. casaaéés e dã ende hous dous .vj. vj. teeigas de pã e senos quarazijs. e hou outro da .j.º quarteiro de pã. It. Nadraue á .ij. casaéés e dã tal foro come os de caçerelos. It. em gauirẽ .ij. casaaes. e dam senos quarteiros de pã e senos quarazijs. It. Na togosa .ij. casaes cõ outro tal foro. come ho de gaivim. It. Na lagea. vj. casaes e dã tal foro come estes de goirẽ e ce os da togosa. It. Do casal de baltar ..... da renda destano .vj. quarteiros de pã segundo e j. quarteiro de pã e bij. puçaes de uyo. vj. afusaes de lyo e todalas outras dereituras [1].

XI.—Testamento de Vicente Fernandes. Sem data

In nomine dej ĩ primeiramẽte. Isto ẽ Renẽbramẽto que faz viçẽte fernandiz ẽ sa doẽça Mãda seu corpo ẽ sanoane da pẽdorada. E mãda .j. casal de ij. que a en valdepas cõ sa molher Maor ffernandiz nomeadamẽte o en que séé Joã éé. It. a sancty micaelj de bairos ij Modios antre pã e vio e .j. porco. It. a sanctj axisdj. ij Morabitinos. e .j. Modiom de vio. It. a sancta Marina. j. Morabitino e .j. Modiom de vio. It. a sancta Maria de roesẽdj .ij. Morabitinos. It a Santa Maria da esga .j. meo Morabitino. A meu irmáó gũçalo. c. soldos. A sancta Maria de carcarj .j. Modiom ãtre pã e vio. A ama esteuaia .c. soldos e j.ª pele de cabritos e seer primeira pagada ca octra [cou]sa. A uiçẽte meu sobrĩo .ij. Morabitinos. It. aa séé da lamego .ij. Modios [an]tre pã e vio e .j. Morabitino. Aos gafos das caldas .x. soldos. It. A sancta Maria de taroquela. j. Modio de vio. It. A pero fernandiz meu irmáó. vna espada. It. mãdo o maes (?) a meus abades. e Domingos Joanes e a domingos periz. It. aa cruçada .x. soldos e .j, capelo de fer e .j.ª lãça e j.ª azcũa. Mãdo a Martin anes filho de Joã periz. a baesta. e o meu l... A Domingos Martijnz meu amo. j.ª cuba. A mha madre ij. Morabitinos e .j. Modio ãtre pã e vio. E leix Ma molher Mayor fernandiz e Obade de sancto Joanis da pedorada e Joã ayras meu tio pora cõprirẽ mj esta mãda E eu Mayo[r] fernandiz açima dito a tẽpo Mãdo meu corpo ẽ sanoane cõ meu marido vicẽte ffernandiz [2].

[1] Mosteiro de Pendorada, maço 24, n.º 42.
[2] Mosteiro de Pendorada, maço 24, n.º 5.

TRADIÇÕES POPULARES E LINGUAGEM

DE

ATALAIA

Num planalto ao nivel do de Almeida, que lhe está a noroeste, cercada a leste pela ribeira das Cabras e a oeste pela ribeira da Pega, limitada ao sul pelo monte Jarmello e ao norte pela Marofa, contraforte da Serra da Estrella, fica a povoação de Atalaia, concelho de Pinhel, terra onde nasci e a que andam ligadas todas as minhas saudosas recordações da infancia.

Foi lá que recolhi e mandei recolher os romances, orações, quadras, etc., que adeante vão transcritos, pequeno numero em relação ao muito que poderia já ter recolhido, se ha mais tempo me tivessem despertado o gosto e incitado a estes estudos.

As qualidades caracteristicas dos habitantes desta povoação são as mesmas que differenciam os Beirões: altivez, independencia e franqueza de espirito; são de bofes lavados, e contarão ao primeiro que encontrem os seus planos e projectos, com a mesma facilidade com que os revelariam a um conhecido e amigo.

Das oito provincias de Portugal a Beira Baixa é talvez a mais rica em tradições populares, em habitos e costumes caracteristicos: mas, por infelicidade nossa, é tambem uma das menos estudadas.

Esta incuria e desleixo, para não dizer desprezo systematico, das varias manifestações da vida popular, do seu viver intimo, é inquestionavelmente origem de grande mal.

Como pode haver boa legislação num país sem se conhecerem bem os costumes tradicionaes, as usanças, crenças, superstições, numa palavra, a vida intima do povo para o qual se legisla?

E debaixo do aspecto artistico não encontramos nós nas tradições populares o thema para as mais bellas composições, para os mais brijhantes monumentos da litteratura?

A linguagem do povo será destituida de forma litteraria, mas ha nella pensamentos sublimes, sentenças admiraveis, frases reveladores de sentimentos bons e delicados, periodos todos cheios de

observação e experiencia, quadras tão formosas e repassadas de tal lyrismo, que os nossos melhores escritores se honrariam de as perfilhar como suas.

Os *romances, orações* e *quadras* vão escriptos pela ordem e com as palavras com que foram ditados; sómente procurei dar-lhes a pontuação correspondente ao sentido com que eram cantados ou rezados.

PARTE I

TRADIÇÕES POPULARES

I. ROMANCES

1

O ceguinho

Estando em anagua
Para me ir á cama,
Vem um cavalheiro
Pedindo pousada.
Meu pae que lh'a dava
E a mim me pesava.
Qual é o maroto
Qu'estas horas anda,
Estando em anaguas
Para m'ir á cama?
Levante-se, Anninhas,
Do doce dormir,
Ouvirá o cego
Á porta a pedir.
—Adiante, cego,
Lá vae o caminho.
—Sou falto de vista,
Não vejo o caminho;
Pegue na sua roca,
Pegue no seu linho,
Ensine o caminho
Ao pobre ceguinho.
—Acabou-se a roca,
Espiou-se o linho,
Adiante, cego,
Lá vai o caminho.
—Adiante, Anninhas,
Me ensine o caminho.
Mais um bocadinho,
Sou falto de vista
Não vejo o caminho.
—Eu nunco vi cego
Com tal phantasia,
Espada d'oiro
Á cinta cingia.
—A espada é minha,
A cinta é sua,
Acceite, menina,
A quem *na* procura.
—Acudi, pastores,
Deixae vosso gado,
Qu'abala a menina
Com seu namorado.
De condes e duques
Eu fui combatida;
E agora de um cego
Me vejo vencida.

Idem

1-A. (Variante de Penafiel)

—Ó minha mãe,
Ahi vem um ceguinho.
—Ó minha filha,
Dá-lhe pão e vinho.
—Não quero seu pão,
Nem quero seu vinho,
Quero que a menina

— Pega na roca
E pega'no linho,
E ensina o caminho
Ao triste ceguinho.
— Espiou-se-me a roca,
Acabou-se-me o linho,
Viante ceguinho,
Ahi tens o caminho.
— Sou curto de vista
E não vejo bem,
Venha, menina,
Até mais alem.
— Adeus, minha casa,
Adeus, minha terra,
Adeus, minha mãe,
Que tão falsa me eras.
De condes e duques
Fui pretendida,
Agora dum cego
Me vejo vencida.
— Não chore, menina,
Assim por tal via,
Porque eu sou o conde
Que a pretendia.

2

Santa Cecilia

Lá cima naquella serra
Está uma linda ermida,
Está uma devota della,
Que se chamava Cecilia.
Uma vizinha d'ella
Falsos testemunhos lhe erguia,
Qu'ella qu'andava de amores
C'um sacerdote de missa.
O sacerdote anda agastado,
Ella pena não *na* tinha.
Vindo o marido de fora...
— Que dizem lá pela villa?
— Que te confesses, traidora,
Que te hei de tirar a vida.
— Quer me mates, quer me deixes,
Eu confessar-me queria.
Se me matares, traidor,
Enterra-me na ermida,
Lá cima ao altar-mor
Junto á Virgem Maria.

Não se atreveu a matá-la,
Mandou-a enterrar viva;
Ao cabo dos nove meses
Um lindo cantar se ouvia:
Foram abrir a sepultura,
Acharam-*na* lá parida
Com uma menina nos braços
Que se chamava Maria;
A Virgem era a madrinha,
S. José era o padrinho;
A Virgem lhe deu o *caso,*
Donde a menina comia,
S. José lhe deu o berço,
Onde a menina dormia.

— Perdoa-me tu agora,
Serva da Virgem Maria.
— Como te hei de perdoar,
Se a tua alma está perdida,
E a minha já está no ceu
Dos anjos assistida,
E a tua está no inferno
Dos demonios perseguida!?

3

O cativo

Cativaram-me os Moiros
Lá nesses tempos da guerra;
Levaram-me a vender
Aos ares da minha terra.
Mer'ci-o a Deus em bem
A dar co'uma ama bella;
De dia moía cravo,
E á noite cravo e canela.
Punha-me um freio na boca
P'ra que não comesse d'ella;
Quando o Moiro ia á caça,
Punha-me á mesa co'ella,
Dava-me a comer pão branco
Do que o Moiro come á mesa,
Dava-me a beber bom vinho
Do melhor da sua adega,
Deitava-me no regaço
Catava-me a cabeça,
Cada hora me dizia:
— Christão, volve á tua terra.
— Como volverei, senhora,
Se a mim me falta a moeda?
— Eu te darei cem dobrões,
Que eu tenho na minha algibeira;
Tambem te darei uma egua

Que nunca perdeu carreira;
Nunca vás pelos valles.
Nem tampouco pelas v'redas;
Perro Moiro nos encontra,
Cortará nossas cabeças.

4

A peregrina

Esta noite sonhei um sonho,
Sonho de grande pesar,
Qu'andava de terra em terra
E de logar em logar;
Tudo quanto por lá passei
Tudo virei a contar:
Indo lá mais adiante......
Dois cavallos a pastar,
Indo lá mais adiante
Um velhinho a guardar.
—Deus te salve, ó bom velho,
Só Deus te pode salvar;
De quem são estes cavallos
Que andas a guardar?
—São do rei da *Bombardia*
Que ámanhã se vae casar.
—Quanto dera eu, ó velho,
Se m'o fôras ensinar?
Ainda havia de vir tempo
Que te eu viera a pagar!

—Deus te salve, ó cavalheiro,
Só Deus te pode salvar;
Dae esmola á peregrina,
Dá-lh'a, se lh'a podes dar;
Peregrina já foi rica,
Já teve muito que dar.
—Donde sois, ó peregrina,
Que tão bem sabeis fallar?
—Sou do rei da *Bombardia,*
Do reino de Portugal.

—Venha cá ó senhor sogro,
Qu'eu lhe quero *procurar:*
Porta que tem duas chaves,
Com qual d'ellas se abrirá?
Homem que tem duas damas,
Com qual d'ellas casará?
—Com a primeira, meu genro,
Qu'assim manda o natural.
—Adeus, adeus, senhor sogro,
Qu'eu co'esta vou casar;
Se algum dia me faltar,
A sua virei buscar.
Ala, ala, meus criados,
Cavallinhos a ferrar,
Ferraduras ás avessas
Para melhor andar,
Jornada de trinta leguas
Numa noite s'ha d'andar.

5

A donzella raptada e degollada

(Cfr. *Revista Lusitana*, IX, 277)

Dentro de Villar Maior
Entrou a cavallaria,
Disse o tenente *ó* alferes:
Vamos dar volta á villa,
Vamos ver as bellas *chicas*
Que Villar Maior teria.
Viram 'star as tres meninas
Á grande missa do dia.
Disse o tenente *ó* alferes:
—Qual d'ellas é a mais linda?
—A de verde linda é,
A do azul bem parecida,
Aquella do amarello
É a que me rouba a vida.
—Quanto deras tu, alferes,
A quem ás mãos t'a trazia?
—Daria-lhe a minha espada
Que sete cortes faria.

Deixaram anoitecer,
Foram a *quitar la niña,*
Foram-lhe a bater á porta,
Uma velha de lá saía.
—Não te queremos a ti, velha,
Só queremos a tua filha.
Minha filha não está cá,
Foi dormir com sua tia.

Cavalleiro atrevido
Sua casa revolvia,
Onde foram a dar nella
No quarto onde dormia.
—Por Deus te peço, alferes,
Por Deus e Santa Maria,
Que me deixes tu rezar
Uma devoção qu'eu tinha

Á Senhora do Castello,
Á Virgem Santa Maria.
Por Deus te peço, alferes,
Por Deus e Santa Maria,
Que me deixes vestir
Um alva camisinha;
Quem houver d'ir p'ra terra alheia
Deve ir bem asseadinha.
— Adeus, adeus, minha filha,
Espelho d'onde m'eu via,
Por essas terras donde andares
Guarda a tua e honra minha.

Foram dali sete leguas
Sem poderem *quitar la nina*.
No cabo de sete leguas
Em pedaços a fariam,
Cortaram-lhe a cabeça,
A sua mãe a traziam.
— Aqui tens, ó boa velha,
A cabeça da tua filha.
Tu bem lh'o disseste,
Ella melhor t'o fazia.
—Venha cá, ó minha filha,
Espelho d'onde me eu via,
Antes te quero ver morta
Do que deshonrada e viva.

6

O mancebo a requestar a donzella que o rejeita

(Cfr. *Revista Lusitana*, IX, 285)

— Dae-me licença, senhora,
Dae-me licença inteira,
Qu'eu vá talhar uma anagua.
Aquella verde *lameira*.
— Licença lh'eu dou, senhor;
Oh! pela Virgem da Guia
Diga-me, ó senhor mancebo,
Se veio por alguma via?
— Pela via em que eu venho,
Eu vos digo na verdade,
Venho rir e festejar,
Que é coisa da mocidade.
Eu sei rir e festejar,
Tambem sei tocar viola,
Tambem venho, ó menina,
Par *abaixar a escola*.
— Escola tenho, mancebo,
Mas não é p'ra vos dar,
— Eu pensava, ó menina,
Que me não querias tanto mal!
— Eu mal não vo-lo quero
Nem d'alma nem do coração;
Comtudo isso, mancebo,
Nunca me ponhae-la mão.
— Eu não vo-la ponho,
Nem tão pouco bulo em vós.
Levo rosa neste gosto
D'aqui estar ao pé de vós.
— Se vós em gosto levaes,
Desgostae por vida vossa;
Esta rosa que aqui vedes
Doutrem é, *neja* vossa.
— Não digo qu'ella *qu*'é minha,
Nem no eu posso dizer,
Pelo decurso do tempo
Ainda o pode vir a ser.
Entre silvas e junqueiras
Agua deve de nascer,
Pegue num pucaro novo,
Venha-me a dar de beber.
Oh qu'agua tão saborosa!
Que pucaro tão cheiroso!
Oh! que menina tão linda,
S'ella tivera esposo!
— Sou menina de quinze annos,
Que casa posso reger!
— Outras mais novas *ca* vós
Regem casa, tem marido,
Tambem vós assim fareis,
Quando *stivereis* comigo.
Menina, diga a seu pai
Que nos *mandem* receber.
— Taes fallas como essas
Não *nas* hei d'eu dizer,
Vá-se d'ahi, seu marôto,
Minha mãe já ouviu,
Vá lá dar seus *açanos*
A p.... que o pariu.
— Minha mãe não era p....
Qu'ella era mulher honrada,
Não era com*á* sua,
Cara *desanvergonhada*.
— Vá-se d'ahi, seu marôto,
Cosido com linhas pretas
Mas que saiba lamber pratos,
Escorrichar as galhetas.

7

A bella infanta

Estando a bella infanta
No seu jardim assentada,
C'um pente d'oiro na mão
Seu cabello penteava.
Levantou os olhos ao ceu,
Lá viu vir uma grande armada.
Capitão que nella vinha
Muito bem a governava!
Trazia cavallo branco,
E sella sobredourada,
Por divisa no chapeu
Um Christo d'ouro levava!

—Dizei-me vós, ó senhor,
Se lá vistes meu marido?
—Vosso marido, senhora,
La ficou na grande armada
Com vinte e cinco feridas
E outras tantas punhaladas!
—Ai de mim, triste viuva,
Triste de mim que farei?
—Quanto daes vós, ó senhora,
A quem vo-lo traga aqui?
—Darei todos os meus dinheiros
Que não tem conto nem fim.
—Eu não quero seus dinheiros,
Isso me pertence a mim;
Eu sou capitão de guerra,
Ando d'aqui para ali.
—Ai de mim, triste viuva,
Triste de mim que farei?
—Quanto daes vós, ó Senhora,
A quem vo-lo traga aqui?
—As telhas do meu telhado
Que são d'oiro e de marfim.
—Eu não quero as vossas telhas,
Isso me pertence a mim;
Eu sou capitão de guerra,
Ando daqui para ali.
—Ai de mim, triste viuva,
Triste de mim que farei?
—Quanto daes vós, senhora,
A quem vo-lo traga aqui?
—Tres moinhos que eu tenho
Todos tres vo-los darei,
Um moe cravo e canela,
Outro ouro e marfim,
E outro farinhas alvas
Para o rei e para mim.
—Eu não quero os vossos moinhos
etc., etc.
—De tres filhinhas qu'eu tenho
Todas tres vo-las darei;
Uma é p'ra vos calçar
E outra p'ra vos vestir,
A mais linda d'ellas todas
Para comvosco dormir.
—Eu não quero vossas filhas
etc., etc.
—Já não tenho mais que vos dar
Nem vós mais que me pedir.
—Inda tendes mais que me dar,
E eu mais que vos pedir;
Esse corpinho gentil
Para com elle eu dormir.
—Cavalleiro que tal pede
Merece ser arrastado
Á parede do jardim
E ao rabo do meu cavallo.
Vá-se d'ahi, seu marôto,
Seu maroto, vá-se dahi.
Meus manos foram á caça,
Não tarda, estão ahi.
—Eu não tenho medo a seus manos,
Qu'elles cunhados são de mim.
—Se tu és o meu marido,
Para que zombas de mim?
Dá-me o anel que partimos
Á parede do jardim,
Mostra-me o *teu ametade*,
Pois o meu vê-lo aqui.
Vamos a casa de meus pais
A ver se isto é assim;
O mundo dá muita volta,
Não sei que será de mim.

8

A Francisquinha

—Francisquinha á janella
Parece um ramo de flores;
Oh quem dormira com ella
Uma noite sem temor!
—Pode-o fazer, senhor,
Pode-o fazer, D. Conde;
D. Alverca foi á caça
Para a serra de leões;

Balas d'oiro ás esquinas
Que atravessem corações.

Inda as falas não eram ditas
D. Alverca á porta estava,
Um ***batoque***, dois ***batoques***,
Francisquinha não fallava,
E ao cabo de tres ***batoques***
Francisquinha á porta estava
— Que é, ó Francisquinha,
Que tens a côr ***desmudada?***
Oh! isto é o mal da morte!
Oh! tu tens outros amores?!
— Nem isto é mal da morte,
Nem tenho outros amores,
São perdidas as chaves
Dos meus lindos corredores.
— Se as chaves eram de prata,
D'ouro vo-las daria amor.
De quem eram os cavallos
Que na minha loja rinchavam?
— Eram de vós, senhor marido,
Que vosso irmão vo-las mandara.
— Vem tu cá, ó Francisquinha,
Qu'eu te não quero matar,
Mandarei chamar teu pae
Que te venha cá buscar,
Que te moa mais moida
Cás mesmas pedras do sal.
Os pombos com serem pombos
Não deixam de s'ausentar.

8-A. *A Philomena*

(Variante do anterior)

Estando a Philomena
No seu balcão assentada,
C'um pente d'oiro na mão
Seu cabello penteava:
Soldadinho que passou
Muito lhe apertava a mão.
— Aperta, aperta, soldadinho,
Qu'é agora occasião,
Que meu marido não 'stá cá,
Foi *prá* serra do Marão.

Estando nestas razões,
Seu marido que chegava.
— Que tens tu, ó Philomena,
Tens a côr tão ***desmudada?***
— Tenho uma dôr de dentes
Que me trazem ***abanada.***
— De quem é aquelle cavallo
Que está na loja a rinchar?
— É de meu mano mais novo
Que está na cama a descansar.
— De quem é aquelle revólver
Que está na cadeira d'ouro?
— Pega nelle, ó meu marido,
Mata-me, que eu aqui morro.
— Eu não te quero matar,
Que te mate quem te criou,
P'ra que saiba a tua mãe
A mulher que m'entregou.

9

Conde d'Amarantes

(Cfr. *Revista Lusitana*, IX, 311)

Já lá vem o sol nascendo,
Já lá vem o claro dia,
Vem o conde d'***Amarantes***
De dormir co'a rainha.
Não o sabia el-rei
Nem quantos na côrte havia,
Só o sabia a princesa,
A princesa sua filha.

— As mangas desta camisa
Eu as não chegue a romper,
Em meu pae vindo da missa
Quem lh'o não ha de dizer.
— Não lh'o digas, minha filha,
Elle o conde d'***Amarantes***
De oiro te vestiria.
— Não lhe quero o seu oiro,
Que *os* tenho d'escumilha.
— Não lho digas, minha filha,
Que elle o conde d'***Amarantes***
De oiro te vestirá.
— Não lhe quero o seu oiro,
Que *os* tenho de damasco,
Ainda meu pae é vivo,
Já me querem dar padrasto!
Venha embora meu pae,
Santa seja a sua vinda;
Elle o conde d'***Amarantes***
Elle commigo brincar queria.
— Elle é menino e moço,
Por zombaria o faria.

— Mal hajam as suas *zombas*,
E mais o seu querer zombar;
Elle pela mão me pegou
E á cama me quis levar.

— Tocam os sinos na Sé,
Ai Jesus! quem morreria?
— Foi o conde d'*Amarantes*,
Que meu pae mandou matar.

— Mal hajas tu, minha filha,
E o leite que *mamastes*;
Áquella cara tão linda
A morte tu lh'a *causastes*.
— Cale-se lá, minha mãe,
Olhe se se quer calar;
A morte qu'elle levou
Não lh'a faça eu levar.

II. ORAÇÕES

1

A S. Romão para livrar dos cães damnados

Encommendo-me eu á luz
E á santa vera cruz,
E ao rei da virgindade,
E á SS. Trindade
E ao Padre Santo que está em Roma
E fora de Roma,
E a S. Romão
Que nos livre de cães damnados
E por damnar,
Homem morto, mau encontro,
Homem vivo, grande perigo.
S. Romão seja comigo
Agora e em toda a hora
P. N. e A. Maria.

2

Ao deitar da cama

Meu lirio roxo,
Amante divino,
Encommendae a minha alma,
Qu'eu vou de caminho.

3

Para livrar de raio ou peste

Santa Barbara bemdita,
Que no ceu está escrita
Com papel e agua benta
Livrae-me d'esta tormenta.

4

Ao deitar

Com Deus me deito,
Com Deus me alevanto,
Com a divina graça
Do Espirito Santo:
Senhora, cobri-me *do* vosso manto;
Se bem coberta for
Não terei medo nem temor;
Se me dormir, emballae-me;
Se morrer, alumiae-me
Com as doze candeias
Da SS. Trindade;
Seis aos pés, seis á cabeceira,
Nossa Senhora na dianteira.
Nossa Senhora me dirá:
Dormirás, descansarás,
A quando acordares,
Por mim chamarás.

5

Senhora das Dores,
Senhora da Guia,
Levae a minha alma
Prá vossa companhia.

Prá vossa companhia
Numa boa hora;
Salvae a minha alma
Pró reino da gloria.

Amado Jesus
Do meu coração,
Perdoae as minhas culpas
Pela vossa paixão.

Eu fui ao Calvario,
Achei lá uma cruz:
A cama e mesa
De Christo Jesus.

Eu deitei-me nella,
Pus-me a considerar
Que modos eu teria
P'ra Deus me salvar.

Salvador do mundo
Que a todos salvaes,
Salvae a minha alma,
Bemdito sejaes.

Bemdita sejaes,
Senhora das Dores;
Ouvi os nossos rogos,
Mãe dos peccadores.

Alem vem Jesus,
Que lhe quereis vós?
— Eu quero ir co'elle,
Qu'elle leva a cruz.

A terra tremia
Co'o peso da cruz:
Digamos nós tres vezes:
Salvae-me, Jesus.

Partiram os tres reis Magos
De noite pelo luar,
Em busca de Jesus Christo,
Não o puderam achar.

Foram-no achar em Roma
Revestido no altar
Com calix d'oiro na mão,
Missa nova quer cantar.

Ó divino Manuel,
Ó divino *emparador*,
Emparae-me a minh'alma
Quando deste reino for.

6

Ao entrar na Igreja

Peccados meus, ficae cá fora,
Qu'eu quero ir lá dentro,
Entregar a minha alma
Ao SS. Sacramento.

7

Senhora, não me posso despedir de vós:
S'eu cá não puder tornar,
Vós me mandareis buscar
Por anjos e archanjos
Da côrte celestial,
Já vos deixo convidada
P'ra que dia de juizo
Sejaes minha advogada.

8

Muito alta vae a lua,
Mais o sol ao meio dia,
Mais alta ia a Virgem,
Quando para o ceu subia.
Madalena ia detrás,
Alcançá-la não podia;
Quando chegou ao ceu,
Já a Virgem estava assistida.
Chegou tanta a desgraça,
Nem um panal tinham;
Desceu um anjo do ceu,
Um panal d'oiro trazia,
As paredes eram d'oiro,
As portas de prata fina:
Quem seria o lavrador,
Quem tão bem os lavraria?
Foi S. José bemdito,
Esposo da Virgem Maria.

9

— *Estellinha* brilhante,
Por onde *correstes*,
Que carreirinho fizestes?
— Encontrei um menino
Coberto de flores?
— De quem eram as flores?
— Eram da Virgem Maria!

Quem esta oração disser
Tres vezes á noite,
Tres vezes ao dia,
Trará a alma tão clara
Como a coroa da Virgem Maria!

10

Dorme Fulano,
Dorme e repoisa,
Não tenhas medo
De nenhuma coisa.

11

Ao anjo da guarda

Anjo da minha guarda,
Semelhança do Senhor,
Por vida me *fostes* dado,
Por amparo guardador;
Peço-vos, anjo bemdito,
Pela graça e poder,
Que do laço do demonio
Me *quejaes* defender.

12

Quatro cantos tem a casa,
Quatro velas estão *á*rder,
Quatro anjos m'acompanham,
S'esta noite eu morrer.
Nesta cama me deito
P'ra dormir e descansar;
Se a morte me vier a buscar,
Agarro-me aos cravos,
Abráço-me á cruz,
Entrego a minha alma
Ao Santo Nome de Jesus.

13

Já rompe a alva,
Já vem *na* luz;
Alem vem N. Senhor co'a cruz,
P'ra sempre, amen Jesus.

14

Já lá vem o claro dia,
Bemdita sejaes, Maria;
Eu, Senhor, confessar-me queria,
Não acho padre nem sacerdote
A quem m'eu haja d'accusar.
Accuso-me a vós, Senhor,
Se me quiseres escutar;
Todos os meus peccados,
Confessados e por confessar,
Vós, Senhor, bem sabeis quantos elles são.
Pelas vossas cinco chagas
Deitae-me a vossa absolvição.
Eu, Senhor, sou vossa filha,
E vós, Senhor, sois meu pae,
Pelas vossas cinco chagas
Vós, Senhor, me perdoae.

15

Padre Nosso pequenino

Padre nosso pequenino
Quando Deus era menino,
Tinha as chaves do Paraiso:
—Quem lh'as deu, quem lh'as daria?
—Foi a Santa *Madanela*
P'ra beijar a santa pedra.
Cruz em monte, cruz em fonte,
Nunca o demonio se encontre,
Nem de noite, nem de dia,
Nem á hora do meio dia.
Já os gallos pretos cantam
Já os anjos s'alevantam,
Já o meu Deus subiu á cruz
Para sempre, amen Jesus.

16

Quinta feira santa
Sua santa humanidade
Já correu toda a cidade,
Já as pedras se abriram,
Já o Filho de Deus morria
P'ra salvar os peccadores,
Que neste mundo havia;
Salva a mim, salva a ti,
Não salveis aquelle judeu
Que matou ao nosso Deus.
Se o matou, não o matara,
Á santa cruz o arrumara
Com seus pés correndo sangue,
Com suas mãos outro tal;
Em baixo vem *Madanela*
Com os cabellos tentar;
Tem-te, tem te, Madanela
Não me venhas a tentar;
Isto são as cinco chagas
Que por mim hão de passar.

17

Chagas abertas,
Coração ferido,
Livrae-nos, Senhor,
De todo o perigo.

18

Meus pés ponho em terra,
Minha alma em guia,
Nossa Senhora ande
Na minha companhia.
P. N. e A. Maria.

19

Já vejo alva,
Já vejo dia,
Encommendo-me a Deus
E á Virgem Maria.
P. N. e A. Maria.

20

Responso a Santo Antonio
para se encontrarem as coisas perdidas

Santo Antonio se vestiu e se calçou,
Sua *gajatinha* d'oiro tomou,
Foi por esses mundos *afora,*
Jesus Christo encontrou.
— Onde vaes tu, Antonio?
— Eu comsigo, Senhor, irei.
— Tu commigo não irás,
Nestas terras ficarás;
As missas, qu'eu disser,
Todas tu ouvirás.
Má bicho, má bicha,
Má lobo, má raposa,
Má homem, má mulher,
Pelo cordão cingiste
Salva tu alma minha.
P. N. e A. Maria.

Idem

20-A (Variante)

Santo Antonio se vestiu e se calçou,
Sua *gajatinha* d'oiro na mão direita tomou,
Com Jesus Christo s'encontrou;
Jesus Christo lhe disse:
— Tu, Antonio, onde vaes?
— Eu, Senhor, comvosco vou.
— Tu commigo não has d'ir,
Qu'eu ao ceu hei de subir;
Tu na terra ficarás,
Todas as missas que se disserem
Todas as tu ouvirás,
Todo o gado que se perder
Todo tu o guardarás;
Santo Antonio, S. Silvestre,
Foi ao monte Marvão,
Achou sem gadinho perdido
De sem pastor nem cão.
Santo Antonio, S. Silvestre,
Guardae-me esta noite o meu gadinho
De *má* lobo, e má loba,
De *má* raposo, e má raposa,
De *má* bicho e má bicha,
De *má* cão, e má cadella,
E de mau marinheiro
Qu'anda pela terra;
Pelo habito que vestiste,
Pelo cordão que cingiste,
Salva tu a alma minha
Por vosso pae, por vossa mãe,
Por vossa prima Santa Isabel,
E por vossa madrinha.
P. N. e A. Maria.

21

Oração para quando se vê
uma estrella cadente

Deus te guie,
Deus te torne a guiar,
Deus te torne a pôr
Em teu logar.

III. VERSOS DO NATAL

Menino Jesus,
Que estaes no altar;
Rico enxovalzinho
Tenho p'ra vos dar.

Pelos pèzinhos
Quero começar;
Lindos çapatinhos
Tenho p'ra vos dar.

Mas quem tem çapatos
Precisa meinhas;
Eu vo-las darei
De salve rainhas.

Quem tem meinhas
Precisa liguinhas;
Eu vo-las darei
De Ave-Marias.

Quem tem liguinhas
Precisa calções;
Eu vo-los darei
De boas orações.

Mas quem tem calções
Ha de mister casaca;
Eu vo-la darei
De tela de prata.

Mas quem tem casaca
Precisa camisa;
Eu vo-la darei
De cambraia fina.

Mas quem tem camisa
Precisa chapeu;
Eu vo-lo darei,
Levae-me *pró* ceu.

IV. ENSALMOS

1

Para arramar o nevoeiro

Arrama, arrama, navoeiro,
Lá *pró* poço *fundeiro,*
Está lá uma cadellinha
Co'o rabo cortado.

—Quem lh'o cortou?
—Foi o lume
Que por aqui passou.
—Qu'é desse lume?
—Anda nas moitas.
—Qu'é dessas moitas?
—Roeram-as as cabras.
—Qu'é dessas cabras?
—Estão feitas em odres.
—Qu'é desses odres?
—Estão cheios de vinho.
—Qu'é d'esse vinho?
—Beberam-o as velhas.
—Qu'é dessas velhas?
—Estão a *carmiar* lã.
—Qu'é dessa lã?
—Espargiram-a as pitas.
—Qu'é d'essas pitas?
—Estão a pôr ovos.
—Que é d'esses ovos?
—Comeram-os os clerigos.
—Qu'é desses clerigos?
—Estão a dizer missa.
—Qu'é dessa missa?
—Cà ca rà cá, ja está dita.

2

Para mugir as cabras que negam o leite

Amoja, amoja, cabra *aloisa,*
Leite branco *prós* do campo,
M... assada *prós* de casa.
Deita cá mais meia canada
Pró pastor que te guarda.

3

Os garôtos que espreitam uma lagartixa dizem-lhe o seguinte para ella sair

Sae, sae, lagartixa,
Que alem vem teu pae,
Co'uma carga de maçãs
P'ra ti e mais *prós* teus cães.

V.—CANCIONEIRO

1

Tire-se d'essa janella,
Não seja tão janelleira:
Taberna que tem bom vinho
Não precisa ter bandeira.

2

Menina que está encostada
Ao peitoril da janella,
Deite os olhos para a rua,
Veja quem passa por ella.

3
Viva quem toca viola,
Viva quem a tem na mão,
Viva o filho de meu pae,
Vivam quantos aqui estão.

4
Quem vem d'aqui tantas leguas
Por estradas tão medonhas,
Sempre comtigo sonhando...
Só tu comigo não sonhas.

5
O jogo da *carrasquinha*
É um jogo assim ao lado:
Deita o joelho em terra,
Fica tudo admirado.

6
Matilde, *sacude* a saia,
Matilde, levanta o braço:
Mariquinhas, dá-me um beijo,
Eu te darei um abraço.

7
Quero cantar e não posso,
Meu coração não m'ajuda:
Ajuda-me, ó coração,
A dar vozes á ventura.

8
Não ha flor com mais aroma
De que a flor do jasmineiro,
Nem amor que mais nos lembre
De que o nosso amor primeiro.

9
O meu amor, quem te deu
A fita para o chapeu?
Que t'a queria eu dar
Azulzinha, côr do ceu.

10
Não ha pão como o pão trigo,
Nem carne como a do carneiro,
Nem vinho como o maduro,
Nem amor como o primeiro.

11
Menina da saia verde,
Que leva na *arregaçada*?
Levo copinhos de vidro,
Se eu não hei de levar nada!

12
Antoninho choradeira,
Tambem *sondes* invejosa,
Tendes a casa bonita
E a garganta formosa.

13
Mariquinhas, teu pae deu-te,
Bem te pudera matar:
Tinhas o caldinho feito
E a loicinha por lavar.

14
Ó fonte que estás correndo,
Não chegarás a secar:
Meus olhos tambem são fontes
Que não deixam de chorar.

15
Chita preta, chita preta,
Chita preta entrançada:
Por causa da chita preta
Ando triste, apaixonada.

16
Aqui tens meu coração,
Se o quiseres matar, podes:
Olha que andas dentro d'elle,
Se o matas, tambem morres.

17
Ó senhora Dona Fulana
O seu dom não vale nada:
Vae á fonte, vae ao rio,
Vae á missa sem criada.

18
A Jacintha tem uns olhos
Tão pretos, tão feiticeiros:
Parecem dois repolhos
Plantados em dois canteiros.

19
A Jacinta, que ternura,
Tem pretos no coração:
Se vier casar comigo,
Aqui tem *na* minha mão.

20
Pus-me a escrever na areia
Onde a agua não corria:
Caiu-me a pena da mão...
Cega d'amores não via.

21
Meninas que estaes á roda,
Não *arrepareis* para o gallo:
Arreparae para a minha camisa,
Que tem peito *abreviado*.

22
Quem me dera ser passarinho
Avoara pró andor:
Iria a fazer o ninho
Áos pés de Nosso Senhor.

23
Todo o homem qu'é pimpão,
E se preza de *aviado*,
Não pede a filha ao pae
Sem com ella ter falado.

24
Eu bem queria, mas não posso
Teus carinhos esforçar:
És meu primo, és cadeia,
Não te posso desprezar.

25
Ó olhos da minha cara,
Fazei-me uma caridade:
Não olheis para ninguem,
Não é minha vontade.

26
Eu casei co'uma tendeira
Não tenho que pôr na tenda:
Quem tiver um chapeu velho
Por caridade me venda.

27
Adeus casa da aula,
Adeus pena de escrever:
Adeus, ó linda menina,
Que já te não torno a ver.

28
Fui casada, fui solteira,
Fui viuva, fui donzella:
Prometteram-me uma rosa
Não me vou d'aqui sem ella.

29
Fui a Santarem por terra,
Por ver os Santos Milagres:
Nunca vi terra tão santa
Gente com tanta maldade.

30
Alegria e tristeza,
Tudo por mim tem passado:
Se muito me tenho rido
Muito mais tenho chorado.

31
Indo pela rua abaixo
Pus o pé na falsa pedra:
Quem é falso, falso fica,
Quem é firme, não se nega.

32
Fui ao jardim, deu-me o somno,
Encostei me a uma flor·
Acordei, achei-me presa
Nos braços do meu amor

33
Eu passei á tua porta
Pela *cantada* do gallo:
Ouvi-te dar um suspiro...
Quantos terias tu dado!

34
Indo eu pela rua abaixo
Bem te vi, não te falei:
Por via da tua gente
Bem ao *disfarço* me dei.

35
Em Coimbra aconteceu
Um caso extravagante:
Uma andorinha fez ninho
Nas barbas dum estudante.

36
Passei a ponte de Hollanda
Passei-a numa carreira:
Julguei que agarrava uma lebre
Agarrei uma costureira.

37
Quem me dera agora ver
Quem m'agora aqui lembrou:
Amorzinho da minha alma
Que tão longe de ti estou.

38
Azeitona *cordovil*
Deita azeite amarello:
Alumia todo o anno
A Senhora do Castello.

39
Azeitona *cordovil*
Deita azeite claro:
Alumeia todo o anno
A Senhora do Rosario.

40
Já te não vale o chorar
Lagrimas ao pé de mim:
Bem sabias qu'era homem,
Não te fiaras em mim.

41
Rouxinol que tão bem cantas,
Onde aprendeste a cantar?
Nos palacios da rainha,
Onde o rei vae caçar.

42
Oh, quem fôra rato, rato,
Que *ratara* pelo chão:
Rataria as massarocas
Ás meninas do serão.

43
O rouxinol, quando canta,
Revolve a pena co'o bico:
É como os filhos dos clerigos:
Chamam ao pae senhor tio.

44
Maria, minha Maria,
Minha malga de beber:
Mais de quatro tem inveja
Deste nosso bem querer.

45
Vós chamaes-me preta, preta,
Eu sou preta, bem o sei:
Tambem a tinta é preta,
Serve na mesa a el rei.

46
A luz d'aquella candeia
Tem mil cravos no morrão:
Tambem eu tenho mil penas
Dentro do meu coração.

47
Oliveira do pé d'oiro
Deita *galhadas* de prata:
Menina, dê os seus olhos,
A quem por elles se mata.

48
Rouxinol da pena verde,
Não vás cantar ao loureiro,
Que despertas o menino
Que está no somno primeiro.

49
Adeus, logar d'Atalaia,
Logo ali á cruzinha:
Está ali o meu amor
A tocar a guitarrinha.

50
Dizeis que não pode ser
Silva verde dar um cravo:
Aqui o trago ao peito
E na silva foi criado.

51
Tendes falas que dão vida,
Dae-me uma qu'estou á morte:
Uma fala não é nada
P'ra quem está nesta sorte.

52
Antonio me deu um cravo
Manel um anel d'oiro:
Vale mais o cravo d'Antonio
Que o anel daquelle doido.

53
Se morrer em tua casa,
Enterra-me a um cantinho:
Deixa-me a boca de fora
P'ra te dar mais um beijinho.

54
Eu bem sei a quem tu deste
Um lenço ainda quasi novo:
Em cada ponta seu *S*
No meio: *ai Jesus, qu'eu morro.*

55
O luar e as estrellas
Levam a lua no meio:
É estilo de quem ama
À noite dar um passeio.

56
Santo Antonio é meu pae,
S. Francisco meu irmão,
Os anjinhos meus parentes,
Oh! que linda geração!

57
D'aqui *prá* minha terra
Tudo é caminho chão:
Tudo são cravos e rosas
Postos pela minha mão.

58
Adeus, logar d'Atalaia
Rodeada de chorões:
No meio de ti passeia
Um ranchinho de pimpões.

59
Salsa verde recortada
Qu'eu tenho na minha varanda:
Recortada tenha a lingua
Quem m'a mim botou infamia.

60
O meu amor não é este,
O meu amor traz chapeu:
O meu amor ao pé d'este
Parece um anjo do ceu.

61
Cobri-me co'o vosso manto
Neste mundo enganador:
Só vós sois a minha mãe,
É Jesus o meu amor.

62
Antonio me deu um cravo
Ao portal do seu lameiro:
Lindo cravo, linda rosa,
Lindo amor verdadeiro.

63
Tudo é casar, casar,
Ó menina dê cá a mão:
Mas *tróce* a porca o rabo,
Quando os filhos pedem pão.

64
Dos altos d'Aldeia Nova
Vejo Almeida em claro:
Vejo estar de sentinella
O meu amor, qu'é soldado.

65
Lindo logar é Gonçalo
Para pera e maçã:
Para meninas bonitas
Nespereira e Covilhã.

66
Subi ao teu pensamento,
Nunca tão alto me vi:
Desmereci da tua graça,
Outrem subiu, eu desci.

67
Salvaterra me desterra,
Idanha me dá favor:
Ponho olhos em Monção
Lembra-me Penamacor.

68
Lá vem o barco á vela,
Lá vem a sardinha boa:
Lá vem o meu amorzinho
Assentadinho á proa.

69
Adeus, que me vou embora,
Que me vou embora, vou:
Vou-me para a minha terra,
Que desta terra não sou.

70
Adeus, que me vou embora,
Adeus, que me quero ir:
Já estou posta *d'a cavallo,*
Não me posso despedir.

71
Adeus, Castello Branco,
Adeus, moinho de vento:
Adeus, Terreiro do Paço,
Onde forma o regimento.

72
Quem fez a casa na praça
A muito se aventurou:
Uns dizem qu'ella é baixa,
Outros que d'alta passou.

73
Ó Elvas, ó Elvas,
Badajoz á vista:
Já não faz milagres
S. João Baptista.

74
Á entrada d'Elvas
Achei um dedal,
Com letras que dizem
Viva Portugal!

75
Á entrada d'Elvas
Achei um anel:
Com letras que dizem:
Viva D. Miguel!

76
Eu hei de ir a Elvas
Uma vez no anno,
Só por ver as tropas
Do rei castelhano.

77
Tanta estrella no ceu
Sem nenhuma ver nascer:
Tanta menina bonita,
Nenhuma em meu poder!

78
Venham ver a barca nova
Que se vae deitar ao mar:
Nossa Senhora vae dentro,
Os anjinhos a remar.

79
Eu hei de m'ir, hei de m'ir
Inda não sei para onde:
Hei de m'ir para o Algarve,
Se não for para mais longe.

80
Eu amei-te, foi um sonho,
Foi uma variedade:
Foi emquanto não achei
Amor á minha vontade.

81
Rosa que estás na roseira,
Deixa-te estar que estás bem,
Mimosa, regalada
Á sombra da tua mãe.

82
Antoninho, cravo *roixo,*
Não vás lá ao meu quintal,
Que te querem dar um tiro...
Não te posso ver matar.

83
Atirei co'uma laranja
Á janela da morgada:
Matei uma morgadinha...
Ai de mim que estou culpada.

84
Ó minha maçã *camoesa,*
Picada do oriente:
Já de nós *marmura* o mundo,
Bem t'o dizia eu sempre.

85
Já por aqui não passaes,
Já não ouço passadinhas:
Já não ouço vossas falas
Nem vós ouvireis as minhas.

86
Mariquinhas foi lavar,
Oh que rico dia tem!
Em tudo se quer ventura
Até no lavar tambem.

87
O setestrelo vae alto,
Mais alto vae o luar:
Mais alta vae a ventura
Que Deus tem para nos dar.

88
Laranjeira que bate na serra,
Dá-lhe o vento, abana-lhe a flor:
Deita-me lá um raminho
Para dar ao meu amor.

89
As estrellas, correm, correm
Pelo ceu ás carreirinhas:
Tambem os favores correm
Das suas mãos para as minhas.

90
Por t'amar perdi a Deus,
Por teu amor me perdi:
Agora vejo-me só,
Sem Deus, sem amor, sem ti.

91
Escrevera-te uma carta,
Se tivera papel branco:
Mas nem o tinteiro tem tinta,
Nem o amor já é tanto.

92
Olhos brancos, olhos pretos,
Olhos azues, olhos verdes:
Estas quatro castas d'olhos
Em poucas caras os vedes.

93
Moro na rua do Forno
Com sentido no pão molle:
Mas eu torno a dizer:
Quem o não tem não o come.

94
Atirei co'o verde ao verde
Acertei ao verdial:
Ai de mim que estou amando
A quem me não é fiel.

95
Eu amei uma estrella,
Coisa que ninguem fazia:
Agora já tenho pena,
Que a não vejo de dia.

96
O Mariquinhas,
Olha o teu amor,
Que foi ao jardim
Colher uma flor.

97
Toma lá que te dou eu
Um punhal *de sem* bainha:
Tira-me a vida com elle,
Anda cá que has de ser minha.

98
Quando o sol deixou de dar
Na *guia* do alto freixo,
Então te direi, menina,
As razões por que te deixo.

99
O *correol* é enleio,
Que se enleia pelo trigo:
Oh, quem fôra correol
Que se enleara comtigo.

100
Cheguei á praça d'Almeida,
Ouvi gritar, escutei:
Eram os pobres soldados,
Que *lhe* não pagava o rei.

101
Atalaia, minha terra,
Eu não o hei de negar:
Eu não sou como você
Que nega o seu natural.

102
A sua terra é a Regoa,
Dá de comer a quem passa:
A quem não levar dinheiro
Nem agua lhe dão de graça.

103
Cravo que estás á janella,
Já te podes ir secando:
Já morreu quem te regava,
Eu já me vou enfadando.

104
Minha saia azul escura,
Solteira te hei de romper:
Tenho o amor pequenino,
Hei de deixá-lo crescer.

105
Hei de dar pontos nas meias,
Arremendar os calções,
Pedir pelo meu marido
Lá nas minhas orações.

106
Rola, rola, meu menino,
Que a Senhora logo vem:
Foi lavar os cueirinhos
Á fontinha de Belem.

107
Vae-te somno, vae-te somno,
Vae-te da minha criada:
Nem a vestes, nem a calças,
Nem lhe pagas a soldada.

108
Vae-te *côca*, vae-te *côca,*
Das telhas do meu telhado:
Deixa dormir ao menino
Um somno bem descansado.

109
Ó morte, ó tyranna morte,
Ó morte, ó tyranna assim!
Levastes a minha amada
Prá sombra do alecrim.

110
Herva cidreira no campo
É amparo dos pastores:
Deitam seus gados a ella,
Vão falar aos seus amores.

111
Quando t'eu dei um adeus
Das varandas do navio,
Eram as lagrimas tantas...
Sem chover s'enchia o rio!

112
O meu amor é soldado
Do doze d'infantaria:
Seu numero é oitenta
Da oitava companhia.

113
Atirei co'uma laranja
Por cima de Chaves fora:
A laranja caiu dentro ..
Adeus, Chaves, vou-me embora.

114
A oliveira pequena
Que sombra pode ella dar?
Homem pobre sem dinheiro
Qu'amores pode tomar?

115
Nossa Senhora é rosa,
Seu menino um craveiro:
Lindo cravo, linda rosa,
Lindo amor verdadeiro.

116
Ó Amelia, pedi-te um beijo,
Ó Amelia, pedi, pedi:
Passaste, não me falaste,
Nem sequer olhaste, mas bem te vi.

117
Os teus beijos são abelhas,
Tua boca um cortiço:
Hei de andar a vender mel
Quando for teu *derriço*.

118
Dentro da praça d'Almeida,
Julguei morrer á sêde:
Uma *secia* me deu agua
Num ramo de salsa verde.

119
Eu hei de cercar Almeida
Com cinco varas de fita:
Á porta do meu amor
Hei de pôr a mais bonita.

120
Nunca vi roseira branca
No telhado da igreja:
Nunca vi homem que minta,
Nem mulher que leal seja.

121
Adeus logar d'Atalaia,
No meio tens um *pedrão*,
Onde se sentam as moças
Quando para a missa vão.

122
Carvalhal não vale nada,
Safurdão vale um vintem:
Atalaia mil cruzados
Pelas moças que lá tem.

123
Trazei chapeu de palhinha
Recortado pela ponta:
Se quiser dizer, bem sei
O amor que me faz conta.

124
Lindo collete de linho
Recortado á *paralta*:
Quem me dera a fôrma d'elle,
Pano de linho não falta.

125
Á entrada d'esta rua
Me quiseram conhecer:
Puxei por minha espada...
Ou retirar ou morrer.

126
Ó Villa Real, ó villa,
Provincia de Trás-os-Montes:
As horas em que te não vejo
Meus olhos são duas fontes.

127
Adeus, logar d'Atalaia,
Varandinhas ao correr:
No meio de tanta rosa
Algum cravo ha de haver.

128
Adeus logar d'Atalaia,
De longe parece villa:
Tens uma torre no meio,
Parece a Sé de Coimbra.

129
Nunca vi figueira preta
Dar os figos na raiz:
Nunca vi homem solteiro
Que tenha bem o nariz.

130
Adeus logar d'Atalaia,
De longe pareces villa:
Tem um cravo á entrada
E uma vara á saida.

131

Fui ao S. João á Guarda,
Fui lá e não o achei:
Tinha ido a Lisboa
Visitar o nosso rei.

132

Ó Senhora, nossa ama,
Raminho de salsa crua:
Quando vae para a igreja,
Alumia toda a rua.

133

Ó Senhora, nossa ama,
Raminho de salsa crua:
Debaixo da sua cama
Nasce o sol e põe-se a lua.

134

Ó Senhora, nossa ama,
Raminho de amendoeira:
Inda ando neste mundo,
Já no ceu tem a cadeira.

135

Castello de cinco quinas
Não o ha em Portugal:
Senão ao cimo do Coa
Na villa do Sabugal.

136

Ó luar da meia noite,
Não venhas cá ao serão:
Qu'isto de quem tem amores
Quer escuro e luar não.

137

Se o mar tivera varandas,
Fôra-te ver ao Brasil:
Assim, como as não tem,
Diz-me, amor, aonde hei d'ir.

138

Tudo o que no mar embarca
Á barra do porto vem:
Tudo vejo vir á vela,
Só o meu amor não vem.

139

A rosa para ser rosa
Deve ser d'Alexandria:
A moça para ser moça
Deve chamar-se Maria.

140

Villa Nova, Villa Nova,
Villa Nova de Foz-Coa:
Se eu fôra de Villa Nova,
Villa Nova fôra boa.

141

S'eu soubera ler na agua,
Como escrever na areia:
Não me escapava no mundo
Moça bonita nem feia.

142

Se me queres escrever,
Eu te direi onde vivo:
É na rua da Firmeza,
Na que tu nunca tens tido.

143

Se me tu queres ir ver
D'alem Doiro ao rochedo,
Manda fazer um barquinho
Da raiz do arvoredo.

144

Divino Senhor da Barca,
Ó divino embarcador:
Embarcae-me a minha alma
Para o reino do Senhor.

145

Oh que lindos arrabaldes
Tem a nossa Almeida agora:
Senhora das Neves dentro,
O Senhor da Barca fora.

146

Já lá vae pelo mar fora
Quem no meu leito dormia:
Deus o leve, Deus o traga
Para a minha companhia.

147
Passei pela sepultura,
Ouvi lá o corpo humano:
Ouvi uma voz dizendo:
Não me pises, ó tyranno.

148
Ó barqueiro, volta co'a barca,
Qu'eu tambem já fui barqueiro:
Já passei a tua dama,
E não lhe levei dinheiro.

149
Passarinho abre o bico,
Que te quero ver os dentes:
Nunca meus olhos viram,
Perolas tão excellentes.

150
Pedrinhas d'esta calçada,
Levantae-vos e dizei
Quem vos passeia de noite,
Qu'eu de dia bem o sei.

151
Alto pinheiro rodondo
Com fio d'oiro na *guia*:
Se o oiro é desengano,
Desengana-me, ó Maria.

152
Alto pinheiro redondo
Com fio d'oiro no pé:
Se o oiro é desengano
Desengana-me, ó José.

153
Quando o sobreiro der nozes,
A nogueira der cortiça,
Então t'amarei deveras,
Que agora tenho perguiça.

154
O loureiro é pau verde
Que nasce pelos quintaes:
À tua porta, menina,
Dou eu repetidos ais.

155
Já lá vae a noite em baixo
Mettida num pucarinho:
Os rapazinhos de agora
São marcados no focinho.

156
Muito lindo é o oiro
Na garganta da donzella:
Mais bonita é a honra,
Menina, faça por ella.

157
Ó Senhor Fulano
Muito lhe diz o chapeu:
Quando vae para a igreja,
Parece um anjo do ceu.

158
Ó Senhora nossa ama,
Ponha a candeia na sala:
Venha ver o teu ranchinho
Que vem da sua segada.

159
De quem são aquellas ligas
Que alem estão naquellas hervas?
— São da Senhora Dona Fulano
Que lhe cairam das pernas.

160
Fui ao S. João á Guarda
E bati á portaria:
Abri-me as portas, meu santo,
Qu'eu venho em romaria.

161
Fui ao jardim das tulipas
Onde a primavera nasce:
Não achei flor nascida
Que comsigo a comparasse.

162
Tudo o que ha triste no mundo
Tomara que fôra meu:
Para ver se tudo junto
Era mais triste do qu'eu.

163
Já fui mar, já fui navio,
Tambem já fui um batel:
Já fui rapaz, já fui homem,
Só me falta o ser mulher.

164
Algum dia era eu
Do teu prato melhor sopa:
Agora sou um veneno
Resgalgar da tua boca.

165
Quando eu nasci, chorava,
Chorava por ter nascido:
Parece que adivinhava
Que o mundo estava perdido.

166
O cravo tem vinte folhas,
A rosa tem vinte e uma:
O cravo tentou demanda
Pela rosa ter mais uma.

167
Fui ao jardim das tulipas,
Colhi a flor d'açucena:
Achei-a com tanto gosto,
Deixei-a com tanta pena.

168
Pus-me a chorar ao pé de agua
Lagrimas de sentimento:
As aguas me responderam:
Nada cura como o tempo.

169
Onde vaes Adelaidinha,
Descalcinha pelo chão?
—Vou a ver o meu amor
Que está preso no Fundão.

170
Ai de mim que já não posso
Cantar como já cantei:
Eu bebi agua no Tejo,
Até a fala mudei.

171
Ai de mim que já não posso
Cantar uma cantiguinha:
Eu bebi agua no Tejo,
Ficou-me a fala baixinha.

172
Mal empregadas são as luvas,
Ferreiro, na tua mão:
Tendes as mãos denegridas
De joeirar o carvão.

173
Ha tres vidas, ha tres vidas,
Ha tres dias que sou tua:
De casada, de solteira,
Inda agora de viuva.

174
Semeei no meu quintal
O brio dos estudantes:
Nasceu-me uma rosa branca
Cercada de diamantes.

175
O tocador da viola
É bonito e toca bem:
Amigo das raparigas,
É o melhor que elle tem.

176
Fui ao S. João de Braga,
De Braga fui ao Bomfim:
Achei tudo embandeirado
Com bandeiras de setim.

177
Atirei co'uma azeitona
Á menina da janela:
A azeitona está lá dentro,
Ai menina quem na dera.

178
Ó tristeza, ó tristeza,
Que mal te fizera eu,
Que tanto te apoderaste
Do pobre coração meu?

179
Com pena peguei na penna,
Com pena fiz um S:
Com pena mandei dizer
Ao meu amor que viesse.

180
Se Portugal fôra meu
Como é da Majestade,
Fazia do Porto villa
E d'Atalaia cidade.

181
Eu fui para Mafra
Sem ter praça assente:
Fugi do caminho...
Qnem foge é valente.

182
Domingos e dias santos
É qu'eu offendo a Deus:
Vou á missa não a oiço...
Pensamentos varios meus.

183
No dia em que eu nasci,
Nasceram quatro num dia:
Nasci eu, nasceu desgraça,
Tristeza e melancolia.

184
Os çapatos que me não servem
Naquella praia os deixei:
Não se me dá qu'outrem logre
Amores qu'eu rejeitei.

185
Ó minha pombinha branca,
Empresta-me o teu vestido:
Inda que seja de pennas,
Eu de penas tambem vivo.

186
Se o mar fosse de papel
E os peixes *escrivões*,
Escrevia-te uma carta
De lagrimas e paixões.

187
Assenta-te aqui, amor,
Tu numa pedra e eu noutra:
Aqui choraremos ambos
Já que a fortuna é pouca.

188
O ladrão do negro melro
Onde foi fazer o ninho?!
No cimo daquella serra
No mais alto *gravicinho*.

189
Eu hei d'ir, eu hei de vir
Falas te não hei de dar:
Hei de te fazer moer
Como as areias no mar.

190
Dei um ai, tu não ouviste,
Suspirei, não deste fé:
O meu coração é teu,
O teu não sei de quem é.

191
O meu amor é ourives,
Já me deu uma *alliança*:
Amanhã vae-me esperar
Á porta da confiança.

192
Ó joven anda á janela,
Nem de mim tens compaixão:
Vou quebrar minha guitarra,
As cordas ao violão.

193
Começam meus tristes ais,
Acaba minha alegria:
Estou longe dos teus carinhos
E de tua sympathia.

194
Vosso pescoço, menina,
Os hombros ambos iguaes:
Nem são altos, nem são baixos,
São como vós os precisaes.

195
Vossos braços são de prata,
Os dedos d'ouro batido:
As unhas de pura neve,
Que o sol não tem derretido.

196
Os vossos olhos, menina,
São dois raios penetrantes:
Vós com elles penetraes,
Fazeis quedar os amantes.

197
Ó Maria *porcajeira,*
Ó *porcajeira* Maria,
As faces da tua cara
São rosas d'Alexandria.

198
Passei pela tua porta,
Dei um passinho ao lado:
Assim que vi os teus olhos,
Caí no chão desmaiado.

199
Atirei-te com dois beijos,
Cairam ao fundo da rua:
Não foi da minha vontade,
Amor, só foi culpa tua.

200
Já dá o sol no castello,
A sombra na *vedoria:*
Os meus olhos com os teus
Velam de noite e de dia.

201
Debaixo da fonte fria
Agua clara vi nascer:
A todos digo que não,
Só a ti não pode ser.

202
Da minha janela rezo
Á Senhora da Saude,
Que me tire do sentido
Quem quis lograr e não pude.

203
Sois agua e não mataes sède,
Sois pimenta e não queimaes:
Sois uma e parc'eis outra,
Quando para mim falaes.

204
Tu pensas qu'eu te quero,
Grande toledo do mundo!
Meu coração já navega
Por outro poço mais fundo.

205
De cem mortes que eu fiz
Só de uma tenho pesar:
De matar uma criança
No berço a *galrichar.*

206
S'eu tivesse, não pedia
Coisa nenhuma a ninguem:
Mas, como não tenho, peço
Uma filha a quem a tem.

207
Salsa á beira do rio,
Á beira do rio salsa:
Quer antes a feia firme,
Deixa a bonita qu'é falsa.

208
Tu és a mais linda obra
Que Deus fez por sua mão:
Que pena que te criasse
Sem amor nem coração!

209
Nas asas de uma andorinha
Mandei-te o coração meu:
Foi dizer-te, qu'rida prima,
Que em troca me dês o teu.

210
Olhos azues de matar...
Fitei uns, fiquei assim,
Por toda a vida a chorar.
Sem fazer caso de mim.

211
Fui a Coimbra aos estudos,
Cairam-me os livros no caes:
Julgava que m'esquecias,
Cada vez me lembro mais.

212
Eu falei-te, sem te querer,
Amei-te *de sem* vontade:
Não desejo de te ver,
Nunca te tive amizade.

213
Os teus braços tão compridos
Bem feitos e delicados:
As tuas mãos pequeninas,
Teus dedos bem torneados.

214
A mulher e a gallinha
Pouco devem passear:
A gallinha bichos come,
A mulher dá que falar.

215
Menina, venha comigo
Ver o pessegueiro da horta:
Se não quer perder o tempo,
Venha fiando na roca.

216
Não me mandem á segada
Qu'eu não sei correr o eito:
Mandem-me falar d'amores
Que para isso tenho geito.

217
As *chocalheiras* da rua
Fizeram seu assinado:
Uma diz, outra confirma...
Deus nos livre de tal gado.

218
Louros cabellos na testa
Compostos ao caracol:
É como o fio d'oiro,
Quando lhe inclina o sol.

219
Esse teu cabello louro
Composto por tua mão:
Toda a gente s'admira
D'essa tua presumpção.

220
Os olhos pretos são falsos,
Os azues são exquisitos:
Os olhos do meu amor
São azues e bem bonitos.

221
A mulher para ser formosa
Ha de ser do meu agrado:
Ter a boca pequenina
E o cabello ondeado.

222
Passas por mim não me falas
Nem o teu chapeu me tiras:
De certo que te disseram
De mim algumas mentiras.

223
A carta qu'eu te escrevo
Sae-me da palma da mão:
A tinta sae-me dos olhos,
A pena do coração.

224
A assucena com pé n'agua
Vae abrindo, vae cheirando:
Assim é o meu amor
Quando por mim vae passando.

225
Eu queria cantar alto.
Mas meu peito não m'ajuda:
Deito sangue pela boca,
Estou co'os pés na sepultura.

226
Estou rouca deste meu peito,
Não é de beber vinagre:
É de falar ao amor,
Tão novinho, sem ter idade.

227
O meu amor está doente
Numa caminha de flores:
Nosso Senhor o melhore,
Deus lh'acabe aquellas dores.

228
O meu amor foi-se embora,
Nao se despediu de mim:
O mar se lhe forme em rosas,
O navio num jardim.

229
Esses teus cabellos loiros
Penteados no deserto:
Nunca vi rapaz tão novo
Amar com tanto affecto.

230
Mariquinhas tecedeira
Tem o tear e não tece:
Oh! ella anda d'amores ..
Oh! o tear lhe aborrece.

231
Mariquinhas tecedeira
Tem o tear á janela:
Dá-lhe o vento, dá-lhe a chuva,
Todo o fiado lhe quebra.

232
O senhor padre, eu pequei,
Venho-lhe a pedir perdão:
Encostei-me á tecedeira,
Logo me enchi d'algodão.

233
A assucena no barroco,
Dá-lhe o vento, cambaleia:
É como quem tem amor na terra,
Pela porta lhe passeia.

234
Ó meu amor, quem te viu,
Meu amor, quem te falara!
Uma pena qu'eu padeço
Comtigo a alliviara.

235
Oliveira é *verguia,*
Dá-lhe o vento, *troce, troce:*
Quem tem amor na terra,
Ou lhe escarra ou lhe tosse.

236
Cantigas são meninices,
Palavras dadas ao vento:
Quem por cantigas se leva
É falto de entendimento.

237
A salsa da minha horta
Qualquer raminho tempera:
Vale mais um amor de fora
Do que seis ou sete da terra.

238
Salsa verde recortada
Tenho-a na minha horta:
Recortada tenha a lingua
Quem na minha saia corta.

239
Esta rua tem latadas
Todas de bago redondo:
Debaixo d'ellas se cria
Por quem perco meu somno.

240
Se passares pela rua
Faz-me um sinal qu'eu entenda:
Bate co'o pé na calçada
Como quem parte uma amendoa.

241
Ó meu amor, dá-te o somno...
Vae-te a deitar a dormir:
Qu'eu não posso ver velar
Olhos qu'hei de possuir.

242
O somno e a perguiça
Tem-me dado muita perda:
O somno que durma, durma
A perguiça que me não erga.

243
Vae-te, somno, vae-te, somno,
Vae-te da minha Maria:
Não *na* vestes, não a calças...
Ella dormindo não fia.

244
Atirei co'uma laranja
D'alem Doiro ao Brasil:
Quem por mim perdia o somno
Agora pode dormir.

245
Meu anel de sete pedras,
Meu annel de pedraria:
Onde ha ramo de amizade
Não pode haver pedraria.

246
Meu anel de *coralina,*
Onde estará quem m'o deu?
Lá estará na sua terra,
Lá tem um de prata meu.

247
O sol, quando nasce, inclina,
Ás pedras do meu anel:
Tambem eu m'inclinei
Aos teus olhos, Manel.

248
O sol, quando nasce, inclina,
Inclina e não combate:
Tambem eu m'inclinei
Aos olhos dum alfaiate.

249
Se o meu amor fôra Antonio,
Mandara-o envidraçar,
Em garrafinhas de vidro
Para o sol o não queimar.

250
A hora do meio dia
É a hora da tentação:
Lá virão as tres da tarde
Hora da *refresquidão.*

251
Ó relogio da Atalaia,
Peço-te por caridade
Que dês as horas mais cedo
E o meio-dia mais tarde.

252
Ainda hoje não cantei
Uma cantiga a meu gosto:
Vou agora a cantar uma
Á Senhora do sol posto.

253
Se eu soubera o Padre Nosso,
Como sei notar cantigas,
Estivera sempre rezando
Por alma das raparigas.

254
Se matares a pombinha,
Dae-me uma penna das asas:
Por via duma menina
Ralhou-me meu pae em casa.

255
Se matares a pombinha,
Dae-me o sangue da cabeça:
Para dar ao meu amor
Antes que elle me endoideça.

256
Aprendi a tecedeira...
Nunca aprendesse tal vida:
Paus por baixo, paus por cima,
Paus por trás, paus á barriga.

257
Se eu soubera, Mariquinhas,
Que tu eras tecedeira,
Mandara-te vir do Porto
Um tear de laranjeira.

258
Tire-se dessa janela,
Não lhe dê o ar da noite,
Não moleste o seu peitinho,
Para dar allivio a outrem.

259
Tenho na minha janella
O que tu não tens na tua,
Um vaso de violetas
Viradinhas para a rua.

260
Tenho na minha garganta
As espinhas duma cobra:
Quanto mais o mundo fala,
Mais o nosso amor dobra.

261
S'eu soubera que tu vinhas,
Amparo dos meus cuidados:
Tivera a casa varrida,
Cercada de verdes cravos.

262
Ó *moreirinha* do *aidro,*
Deita-me cá uma amora,
Que me quero ausentar
Desta terra para fora.

263
Chorae, olhos, chorae olhos,
Que para chorar nascestes:
Chorae a vossa desgraça
Senti um bem que perdestes.

264
Chapeu de meia moeda
Não é para homem casado:
É só para os solteirinhos,
São varios, tudo lhe é dado.

265
Da minha janela á tua,
Do teu coração ao meu,
Podia andar um navio
E o navegante ser eu.

266
Tenho na minha janela
Um vaso de perfeição:
Nada tenho no meu peito
Que tu não tenhas quinhão.

267
Muito bem, parece o oiro
Na garganta da donzella:
Mas melhor parecé a honra,
Menina, faça por ella.

268
Se tu viras o que eu vi,
Tu te riras *coma* mim:
Uma cobra a tirar agua,
Outra a regar o jardim.

269
Chapeu de meia moeda
Ninguem *no* tem senão eu:
Por mais que meu pae me mate
Hei de amar a quem m'o deu.

270
Não olheis *pará moreira,*
Que não tem amoras verdes:
Olhae para estes meus olhos,
Que os vedes raras vezes.

271
Não corteis a silveirinha
Que nos nasceu á janela:
É a escada do amor...
Quem desce e sobe por ella.

272
Semeei na minha horta
Os cacos duma caneca:
Saiu-me uma burra cega
A tocar numa rabeca.

273
Semeei na minha horta
A semente das Izabeis:
Saiu-me uma videirinha
Que dá cachos moscateis.

274
Toda a noite canta, canta,
Lá na fonte o rouxinol:
Nós cantamos todo o dia,
Do nascer ao pôr do sol.

275
Esta rua tem pedrinhas,
Esta rua pedras tem:
Das pedras não quero nada,
Da rua quero alguem.

276
Ó José da *marrafinha*,
Tu andavas enganado:
Mataste uma donzella
Tentada pelo peccado.

277
O meu amor não é este,
O meu amor chama-se João:
Descoradinho da cara,
Alegre do coração.

278
O meu amor, quem te vira
Trinta dias cada mês,
Cada semana seis dias,
Cada instante uma vez.

279
Chapeu branco côr de estrella
Forrado de azul claro,
Para amor não te quero,
De te falar não me enfado.

280
Chapeu preto desabado
Faz figura de ladrão:
Se não és das estradas,
És do meu coração.

281
Na rua do meu amor
Não se pode namorar:
De dia velhas ao sol,
De noite cães a ladrar.

282
Antes-que o lume se apague,
Na cinza fica o calor:
Antes-que o amor se ausente
No coração fica a dor.

283
O S. Pedro é *prós* moços,
O S. João para os curas [1]:
Coitadinhos dos casados
Que ficam nas amarguras!

284
Tendes telhado de vidro,
Só para o meu atiraes:
Falaes de mim, falaes d'outrem,
Só para vós não olhaes.

285
Olhos pretos como os meus
Não os cria a natureza:
Criara outros mais lindos,
Mas não com tanta firmeza.

286
Ó mar, tu és um ladrão
Que a todos queres comer:
Não sei como os homens podem
Nas ondas do mar viver.

287
Ó mulher, ó *prestituta*,
Rainha do meu penar:
Tu foste a causadora
D'eu á desgraça chegar.

288
Tres coisas pedia a Deus,
Se m'as elle quisera dar:
Formosura, bom cabello,
Boa voz para cantar

[1] Pelo S. Pedro se justam os criados e pelo S. João os parochos.

289
As cartas do meu amor
Aqui as tenho todas juntas,
Para *l'*as tornar a remetter
Á vista de tantas custas.

290
Ó José, cabello louro,
Penteado no deserto:
Nunca vi rapaz tão novo
Amar com tanto affecto.

291
Ó José, ó cara linda
Cara linda, sem sinaes:
Os dias qu'eu te não vejo
Não faço senão dar ais.

292
Lá te mandei um raminho
De cinco castas de flores:
Todas ellas significam
Parte dos nossos amores.

293
Esta rua é comprida,
É comprida como as mais:
No meio tem uma torre
Onde combatem meus ais.

294
Esta rua para mim
Já lhe deitaram travessas:
Amar a quem me não ama,
Acho o mundo ás ávessas.

295
Alguem por te ver madruga,
Eu bem cedo m'alevanto:
Para lograr os teus carinhos
Não me é preciso tanto.

296
Limoeiro da calçada
Já não torna a dar limões:
Já lhe cortaram as *guias*
Para vender corações.

297
Tendes arrecadas d'oiro
Que *relumbram* ao luar:
Tendes o rosto comprido
Lindos olhos de matar.

298
Rua abaixo, rua acima,
Sempre com o chapeu na mão,
Namorando as casadas
Que as solteiras não m'as dão.

299
Agora qu'eu vou entrando
O terreiro da carvalha:
Se me não vedes, ouvi-me,
Conheceis-me pela fala.

300
Não te esquives, não me negues
Teu amor, alma, prazer:
Dá-me a vida neste mundo...
De sem amor não ha viver.

301
Ó tronco do *acypreste*,
Sustentado na raiz:
Triste *vidica* da morte,
Aqui jaz um infeliz.

302
Quem me dera amar um dia
Ter amor, ter affeição,
Ser escravo, dar a vida
Por um terno coração.

303
O meu amor é soldado,
Soldado é que o quero:
Quero-lhe ir fazer a cama
Nas guaritas do castello.

304
Tire-se dessa janela,
Menina, qu'eu já a vi:
Não me faça perder a alma
Qu'eu o corpo já o perdi.

305
Que farão os meus amores?
Cuido que estarão brincando:
Se lhes eu *alembrarei,*
Como cá me estão lembrando.

306
Se a liberdade dos presos
Estivera na minha mão,
Não ias ter á cadeia,
Amor do meu coração.

307
Liberdade, liberdade,
Liberdade quem lh'a deu?
Quem lh'a deu ao seu amor
Para me prender o meu?

308
Liberdade, liberdade,
Quem a tem que a possua,
Que eu não tenho liberdade
Para passear a rua.

309
Adeus logar de tal parte
Onde nasce o *azevem:*
Tu divertes-te commigo,
Quando não achas com quem.

310
Se o meu amor fôra Antonio,
Mandava-o envidraçar
Com uma vidraça de vidro,
Para o sol o não queimar.

311
Menina, até o cabello
Não o traga de *roquete:*
O seu amor não tem dinheiro
Para tanto alfinete.

312
Ó rapaz, tu cantas bem,
Não podes cantar melhor:
Na hora do meio dia
Fizeste parar o sol.

313
Cachopas, casae commigo
Que bom marido levaes:
Fumista e tabaquista,
Bebado cada vez mais.

314
Já te não quero a ti,
Nem a ti nem a ninguem:
Já deitei laços á vida,
Sem amores passo bem.

315
Já não quero, já não quero,
Já não quero, tenho dito:
Já não quero o teu amor,
Tenho *oitro* mais bonito.

316
Os meus olhos não são olhos
São bagas de verde cana:
Choram lagrimas de sangue
Por uma certa fulana.

317
O ser pobre não é crime,
Crime é ao dever faltar:
Crime é o não ter coragem,
Crime é o não trabalhar.

318
A *magarça* é má herva,
Ella picou-me na mão:
Tambem a maldade pica
Os homens no coração.

319
Os homens são como os lobos,
Só lhe falta o terem rabo:
Quer na rua, quer em casa
A sua ha d'ir a cabo.

320
Atirei do mar á serra,
Deu a pedra num *barroco:*
Olhe que o amor dos homens,
É muito, mas dura pouco.

321

O menina, tenha assento
Como as areias no mar:
Qu'estes mocinhos d'agora
De tudo se vão gabar.

322

Ó menina, não se fie
Em quem diz «darei, darei»:
Olhe que o amor dos homens
É falso em toda a lei.

323

Mal haja quem inventou
Os caixilhos das janelas:
Bocadinhos de pau preto
Encobrem caras tão bellas.

324

O meu amor não é este,
O meu chama-se João:
Descaradinho da cara
Alegre do coração.

325

Naquelle terreiro anda
Uma dancinha de quatro:
Alem anda o meu amor
Alem anda o meu retrato.

326

Menina, ate o cabello
Não *me* traga desatado:
Desengane o seu amor,
Não o traga enganado.

327

Você diz que me não quer,
Diga-me a razão porquê:
Você diz que eu sou pobre,
Riqueza tem-*na* você.

328

Eu hei de minar o *aidro*,
Eu hei de ser *minador*:
Só para ver se lá encontro
Os olhos do meu amor.

329

Adeus, *Terreiro do quarto* [1],
Tu já não és tão batido:
Agora estás de relva
Para o estares de trigo.

330

Adeus, ó *aidro* da igreja,
Adeus, ó *aidro* sagrado:
Onde estarão tantos corpos,
Que se aqui terão enterrado?

331

Adeus, logar da Atalaia,
Rodeada de serpol:
Os rapazes como o sol
As raparigas como a lua.

332

Mandaste-me colher rosas,
Eu piquei os meus dedinhos:
Dae-me agora os alfinetes
Para tirar os espinhos.

333

Por teu amor deixei a Deus,
Olha, amor, o que perdi:
Agora vejo-me só,
Sem Deus, sem amor, sem ti.

334

Muito brilha o preto-preto
Ao pé do branco lavado:
Muito brilha uma menina
Ao pé do seu namorado.

---

[1] Logar na aldeia de Atalaia, onde se dança aos domingos.

335
Meu coração é relogio,
Minha alma dá badaladas:
Os dias que t'eu não vejo
Trago as horas contadas.

336
Os cravos do meu craveiro
Deitam bandeira de luto:
Ausentou-se o meu amor,
Tenho penas, choro muito.

337
Vá de roda, vá de roda
Cada um sua cantiga:
Eu tambem canto a minha,
Que a necessidade me obriga.

338
Meu camarada não canta,
Canto eu em seu favor:
Cantigas á viola
Indicadas ao amor.

339
Com licença, meus senhores,
Quero dar a minha entrada:
Eu tenho d'obrigação
Ajudar meu camarada.

340
Aqui d'el-rei, ovos fritos,
Quem acode com pão molle:
Estou doente na cama
Do coice dum rouxinol

341
Ai de mim, que estou á morte,
Acabados são meus dias:
Pelo coice duma pulga
Levei dezoito sangrias.

342
Já o mar não leva agua,
Senão folhas de trovisco:
Onde irei lavar o lenço
Ó meu amor, que é Francisco?

343
Eu bem sei duas meninas,
Que se querem commover:
Querem-se como cunhadas,
Nunca o hão de vir a ser.

344
Menina de *poupa* alta,
Ponha-lhe um ramo de murta:
Mal haja quem inventou
Meia nova, saia curta.

345
Passei pela tua porta,
Ergui os olhos e vi,
Meu amor em braços d'outrem...
Não sei como não morri.

346
Tirem nota, meus senhores,
Subi ao ar num balão:
Logo fui a cair
Na serra de Montalvão.

347
Eu já vi Lisboa a arder,
Pedra fina a estalar;
Já vi o mar a crescer
Tornar ao seu natural.

348
Ó fado que foste fado,
Ó fado que já o não és:
Ó fado que te viraste
Da cabeça para os pés,

349
Ó passar do ribeirinho
Quebrei a minha viola:
Apanhei os cavaquinhos,
Mandei fazer outra nova.

350
Os teus olhos não são olhos,
São sanefas de velludo:
Quem me dera de os lograr
Olhos, sanefas e tudo.

351
Vae-te embora, amor, não cuides
Qu'eu por ti fico a chorar:
Olha qu'em tempo nenhum
Me tu tornas *àlembrar*.

352
Ó agua que vaes correndo
Por baixo da sacristia:
Ó terra qu'estás comendo
Espelhos *donde* m'eu via.

353
Não sei se te diga adeus,
Se t'eu diga: vou-me embora:
Um adeus é saudoso,
Quem diz adeus sempre chora.

354
Fonte Ribeiro é lima,
Fonte Ribeiro é limão:
A Devesa ramo sêco,
O adro *majaricão*.

355
Adeus, logar d'Atalaia,
Rodeado d'oliveiras:
No meio de ti passeia
Um raminho de solteiras.

356
O jasmineiro é verde,
As flores que dá são brancas:
Não pode ter amor firme
Quem se diverte com tantas.

357
A folhinha do salgueiro
É a primeira do anno:
Tambem vós, minha menina,
Sois a primeira a quem amo.

358
Tenho pena de quem pena,
Penas de quem penas tem:
Tenho pena de mim mesmo
Que peno mais do que ninguem.

359
Deitei o limão correndo,
Á sua porta parou:
Vejam que tal é o mundo,
Que até nisto reparou.

360
Para que são as esquinas
E as sombras do luar,
Se ellas não hão de encobrir
Dois amantes a falar.

361
Se a oliveira falasse,
Ella dissera o que viu:
Debaixo da sua sombra
Dois amantes encobriu.

362
Oliveira pequenina
Tambem tem pequena sombra:
Ainda que eu sou pequenina,
Você comigo não zomba.

363
Oliveira *França* sêca,
Carregada de *pendão*:
Menina, se houver de ser minha,
Ninguem lhe ha de pôr a mão.

364
Oliveiras, oliveiras,
Oliveiras, olivaes:
Tenho o coração mais negro
Que a azeitona que vós daes.

365
Tenho jurado esquecer-te
Quinhentas vezes seguras:
Quando te vejo, não posso
Lembrar-me das minhas juras.

366
Juraste-me o teu amor,
Seres firme até morrer:
Agora já te não livras
Do juramento fazer.

367
Não tenho pena nenhuma
Em perder tua amizade:
Porque eu logo encontrei
Quem me jurasse lealdade.

368
O sol d'agosto queimava
Lá no *rocio* do ar:
E o ceifeiro descansava
Bem cansado de ceifar.

369
Adeus, logar d'Atalaia,
Arrasada fôras tu,
De beijinhos e abraços...
Não te rogo mal nenhum.

370
Adeus, logar d'Atalaia,
As costas te vou virando:
A minha boca se vae rindo
E os meus olhos vão chorando.

371
Oh que lindos arredores
Tem o logar d'Atalaia:
Santo Antonio na Devesa
S. Pedro na Fonte d'Aguia.

372
Atalaia, minha terra,
Pequenina mas airosa:
Qem nella tomar amores
Se pode chamar ditosa.

373
Adeus, logar d'Atalaia:
Logo ali á entrada
Ficaram meus olhos presos
Numa rosa encarnada.

374
Adeus, logar d'Atalaia,
Oh que linda mocidade:
São criadas numa aldeia,
Parecem d'uma cidade.

375
Adeus, logar d'Atalaia,
Adeus, lindas raparigas:
Não ha coisa que mais custe
Do que são as despedidas.

376
Agua da Fonte Ribeiro,
Agua que nunca bebera:
Raparigas d'Atalaia
Quem nunca vos conhecera.

377
Rua como a de S. Pedro
Na Atalaia não a ha:
Mas eu torno a dizer:
Meu amor não mora lá.

378
Passei pela oliveira
E colhi uma *oliva:*
Dos falatorios do mundo,
Meu amor ninguem se livra.

379
Fui passear ao jardim,
Encostei-me a uma flor:
Acordei, achei-me preso
Nos braços do meu amor.

380
Ó oliveira da serra,
Do vento és combatida:
Oh que estrada tão medonha
De meus olhos tão seguida.

381
Eu cantar cantava bem
Lá na minha mocidade:
Agora quero e não posso...
Tudo requer a idade.

382
Dizem que o cantar que tira
Penas ao coração:
Eu cantei um anno todo,
E as penas ainda cá 'stão.

383
Os nossos dois corações
Unidos num lenço vão:
Assi está a minha alma á tua,
O teu ao meu coração.

384
Debaixo da trovisqueira
Saiu a perdiz cantando:
Já de nós *marmura* a gente...
É muito, vamos andando.

385
Adeus, villa do Jarmello,
Adeus, *pedra de montar:*
Emquanto o mundo for mundo
Dinheiro has de ganhar [1].

386
Eu hei de minar o *aidro*
E metter-me lá debaixo:
Que eu não posso aturar
Tanto testemunho falso.

387
Eu fui o que accendi o lume
Numa chaminé doirada:
Eu fui o que reparti...
D'amores fiquei sem nada.

388
Eu fui que accendi o lume
Numa chaminé de vidro:
Eu fui o que reparti...
D'amores fiquei servido.

389
Chamaes á *moreira* triste,
Onde vos vós enganaes:
A *moreira* cria a seda
Com que vos vós *enfantaes*.

390
Já não torno a Jarmello
Nem a S. Miguel á missa:
Que estão lá dois olhos pretos
Que me prendem sem justiça.

391
Aqui d'el-rei, quem acode
A quem não sabe nadar:
Ás meninas dos meus olhos
Que se afogam com chorar.

392
As alminhas d'Areosa
O meu amor apanhou:
Quem lá foi apanhou noivo,
Quem não foi não apanhou.

393
O meu amor, coitadinho,
Deu-lhe o mal, adoeceu:
Faltaram-lhe os meus carinhos,
Não pode viver, morreu.

394
Atirei co'a laranja
Á barra da tua saia,
Julgando qu'eras d'Hespanha...
Eras do centro da raia.

395
O brio da tecedeira
Quem *no* pode sustentar?
Bom çapato, boa meia,
Quando vae para o tear.

396
Atirei co'a laranja
Á quina da tua sala:
Se estás a dormir, acorda,
Se estás acordada, fala.

---

[1] Ha em Jarmello uma pedra onde os transeuntes lançam moedas de 5 réis, como se fôra caixa das almas. Reza a lenda que D. Inês de Castro, passando por ali, se aproveitou d'ella para *montar* na sua mula e d'ahi lhe ficou o nome. É possivel que a lenda se ligue ao facto de ser natural d'ali um dos seus assassinos, Pedro Coelho.

397
Atirei co'a laranja ao ar,
Ao ar, caiu na areia:
Á vista d'esses teus olhos
Quem tem juizo *vareia.*

398
Dá-me da pera madura,
Da maçã uma talhada:
Da laranja um só *gomo*
Do limão pouco ou nada.

399
De Lisboa me mandaram
Quatro peras num raminho:
Pastores são animaes,
Comeram-as no caminho.

400
Está o ceu ennevoado,
Está para chover, não chove:
Está o meu amor doente,
Está para morrer, não morre.

401
Quem diremos nós que viva
Na folha do laranjal?
Viva o senhor Fulano
E toda a familia em geral.

402
Que rosa é aquella
Que vae no andor?
—É Nossa Senhora,
Mãe do Redemptor.

403
Aquella menina cuida
Que só nella ha virtude:
É como o pau da figueira,
Muita cinza, pouco lume.

404
Se Carvalhal fôra villa
Iria para lá morar:
Mas aldeia por aldeia
Prefiro o Lamegal.

405
Quando t'eu vi em collete,
Desejei ser cordão:
Só para ver se me via
Nesse mar de perfeição.

406
Linda terra é Leiria,
Faz-se lá muito papel:
A minha dama é Maria
E eu tambem sou *Manel.*

407
Menina qu'está á janela
Comendo pão e queijo,
Faça da boca pistola,
Atire-me de lá co'um beijo.

408
Tenho meu pão amassado,
O meu marido a morrer:
Antes meu marido morra
Do que meu pão se perder.

409
Da minha janella á tua
É um salto duma cobra:
Quem te deu a liberdade
De chamar a minha mãe sogra?

410
O teu coração e o meu
São dois amantes leaes:
Quando o teu coração chora,
O meu coração dá ais.

411
Não se me dá de quem morre
Que é *a fim* qu'eu hei de ter:
Dá-se-me de quem padece,
Qu'é pior que morrer.

412
Ó Atalaia, Atalaia,
Quem te pôs o nome errou:
Tu és um jardim de flores
Eu já me de cá não vou.

413
Samear e não colher
É qu'atrasa o lavrador:
Tambem ando atrasada
No serviço do Senhor.

414
O tocador de viola
Já merece convidado,
Com pauzinho de salgueiro
Até tocar a quebrado.

415
Quero dar a despedida,
Não sei como a darei:
Diante destes senhores
De joelhos me porei.

416
Quero dar a despedida
Por cima da *bella luz:*
Os senhores que me ouvem
Amanheçam com Jesus.

417
Ondas do mar, abrandae,
Eu quero caçar um peixe:
Eu quero deixar o mundo,
Antes que o mundo me deixe.

418
Aprendi a cardadeira,
Mau officio tinha eu:
Ando de rua em rua,
Se tem lã, cardo-la eu.

419
Mandae-me de lá dizer
O preço que o *roixo* tem,
Que me quero vestir d'elle
Com assentimento d'alguem.

420
Tenho corrido mil terras,
Mas ainda não fui ao Fundão:
Tenho visto caras lindas...
Como a tua ainda não.

421
Tenho corrido mil terras
Da melhor parte da Beira:
Não encontrei melhor amigo
Que o dinheiro na algibeira.

422
Passarinhos que cantaes
Nesse raminho de flores:
Cantae vós, chorarei eu...
Assim faz quem tem amores.

423
Uma pena, duas penas,
Fazem o homem chorar:
Que fará uma mulher,
Que é do mais fraco metal?

424
Uma silva me prendeu,
Outra me deu á prisão,
Outra me deu o dinheiro
Para a minha livração.

425
Ó estrellinha do norte,
Vae lá andando, que já vou:
Quero dar a despedida
A minha mãe que me criou.

426
Ó alecrim, rei das hervas,
Ó ouro, rei dos metaes:
Sois o brio d'esta terra,
Não desfazendo nas mais.

427
Ó alecrim, rei das hervas,
Criado na *vèdoria:*
Quem quer bem chama por tu,
Amor não quer senhoria.

428
O rouxinol, quando canta,
Mette o rabo na silveira:
É como moça bonita,
Quando não ha quem *na* queira.

429
Saudades são securas,
Ó amor, dá cá a borracha:
Se m'a deres, dá-m'a cheia,
Que vazia não tem graça.

430
Eu sou sol e tu és sombra,
Qual de nós será mais firme?
Eu como sol a buscar-te,
Tu como sombra a fugir-me.

431
Quem ha aqui que me venda,
Que me venda um limão,
Para lavar uma nodoa
Que tenho no coração.

432
Ai Jesus! que calma faz!
Senhor, mandae *fresquidão:*
O meu amor é doente,
Falto de comprehensão.

433
Já por aqui não passaes,
Meu amor, para o estudo,
Cara de leite coado,
Beiços de limão maduro.

434
Ó José das meias brancas,
Mandae-as *anogueirar,*
Que vos conhecem as moças
Á noite pelo luar.

435
A flor da laranjeira
É a primeira do anno:
Tambem tu, minha menina,
És a primeira que eu amo.

436
Hei de amar o luar,
Deixar a noite escura:
Eu não posso aturar
Tanta conversa na rua.

437
O meu coração é terra,
Hei de mandá-lo lavrar:
Sameá-lo de suspiros
Pró meu amor suspirar.

438
Algum dia era eu
Raminho d'andar na mão:
Agora sou vassoirinha
Com que tu varres o chão.

439
Ai Jesus! quem compra o ceu,
Qu'elle barato se vende:
Quem na terra vale aos pobres
Lá no ceu não se arrepende.

440
Quem me dera ser do Porto
Ou no Porto ter alguem:
Para ver as regalias
Que as *secias* do Porto tem!

441
Ó mocho que estás lá no alto
Poisado nesse penedo:
Não me *regales* os olhos,
Que não te tenho medo.

442
Ó morte, ó tyranna morte,
Olha o roubo que causaste:
Prá sombra do *acypreste*
Minha amada levaste!

443
Ó morte, ó tyranna morte,
Olha o roubo que fizeste:
Levaste a minha amada
Prá sombra do *acypreste!*

444
Chouva agua, cresça o rio,
Vá o mar de barra a barra:
Siga-se o nosso intento,
Deixemos falar quem fala.

445
Já dá o sol ne castello
A sombra na *vèdoria:*
Os meus olhos pelos teus
Velam de noite e de dia.

446
Fui ao mar por ver as aguas,
Ao jardim por ver as flores:
Ao ceu por ver as estrellas,
Aqui por ver meus amores.

447
Fui ao mar pescar um peixe,
Cacei Santa Margarida:
Vem cá, Santa da minh'alma,
Qu'andavas no mar perdida.

448
O papel com que t'escrevo,
Sae-me da palma da mão:
A tinta sae-me dos olhos,
A penna do coração.

449
Os cegos que nascem cegos
Sua vida é cantar:
Mas eu que vi e não vejo,
Minha vida é chorar.

450
Tendes coração d'açucar
Que n'agua derrete:
Dae-me uma pedrinha
Para o meu, que se não seque.

451
Eu hei de subir ao alto
Que do alto vejo bem:
Quero ver se o meu amor
Fala com mais alguem.

452
Já morreu minha mãe,
O meu trajo é baeta:
Eu tenho no coração
Dois laços de fita preta.

453
Cantigas ao desafio
Commigo ninguem as cante:
Eu tenho quem as ensine,
Meu amor é estudante.

454
Lindas aguas tem Trancoso,
Melhores as tem Marialva:
Agua da Fonte Pedrinha
Vae regar a Coriscada.

455
Adeus, cidade da Guarda,
Adeus, quanto Guarda tem:
Adeus, quartilhos de vinho
E pães-trigos de vintem [1].

456
Adeus cidade da Guarda,
Os muros estão *abanando:*
Quem me dera agora ver
Quem lá anda passeando.

457
Se por *hi* ha algum pimpão
Que na rua se atravesse,
Traga o *barbeiro* comsigo
E o padre que o confesse.

458
José amo, José quero,
José trago no sentido:
Por causa de ti, José,
Trago os meus somnos perdidos.

---

1 Ha na Guarda uns pães de trigo, de forma caracteristica, que se vendem a 20 réis.

459
Eu amava-te, menina,
Senão fosse um senão:
Seres pia d'agua benta
Onde todos põem a mão.

460
Minha mãe para me casar
Prometteu-me tres ovelhas:
Uma cega, outra *coixa*,
Outra *moicha* sem orelhas.

461
O meu amorzinho
Já por cá não vem:
Isto são preceitos
Que lhe pôs alguem.

462
É um regalo na vida
Ao pé d'agua morar:
Quem tem sêde vae beber,
Quem tem calma vae nadar.

463
Eu amei-te, foi um sonho,
Foi uma variedade:
Foi emquanto não achei
Amor á minha vontade.

464
Já lá vem abril e maio
E junho que vem ao pé:
É o mês dos estudantes,
Ha de vir o meu José.

465
Já lá vem o verão que é doce,
Tempo que amadura a fruta:
Quero-te contar meus males,
Se me queres ouvir, escuta.

466
Algum dia por t'eu ver
Saltava vinte quintaes:
Agora por te não ver
Saltava eu trinta ou mais.

467
Fui á fonte por ver Anna,
Estava meu primo co'ella:
Adeus, primo, adeus, Anna,
Deus te faça bem co'ella.

468
Fui á fonte por ver Anna,
Encontrei-me com Isabel:
Encontrei-me com quem queria,
Caiu a sopa no mel.

469
Vós chamaes-me a mim doidinha,
Redoidinha do meolo:
Na vossa geração tendes
Quem o já perdeu de todo.

470
Quem me quer comprar qu'eu vendo
Cinco réis de senhoria?
Que ella é muito barata,
Não era assim algum dia.

471
Ó senhora nossa ama,
Ponha a candeia na mesa,
Que a quero apagar
Com um beijo á francesa.

472
Fui ao jardim das flores,
Colhi d'umas, colhi d'outras:
Encontrei o meu amor . .
Destas fortunas ha poucas.

473
Eu tenho quatro colletes,
São todos quatro de linho:
Eu tenho quatro amores,
O mais lindo é Zèzinho.

474
As estrellas do ceu correm,
Eu bem as vejo correr:
Ellas correm p'ra ver mundo,
Eu tambem o queria ver.

475
Minha mãe é uma pomba,
Eu bem *na* vi *avoar:*
Da janela *paró* balcão,
Do balcão *paró* quintal.

476
Antoninho, cravo *roixo,*
Olhos de milho meudo:
Se não haveis de ser padre
P'ra que andaes no estudo?

477
S. Pedro é homem velho
Homem de muito juizo:
Por isso Deus lhe entregou
As chaves do Paraiso.

478
Adeus, logar d'Atalaia,
Ó cimo, que ó fundo não:
Ao cimo passeia o brio,
Ao fundo a presumpção.

479
Esta noite choveu *elle*
Uma chuva meudinha:
Hei de m'ir esconder
Na tua casa, menina.

480
S'eu quisera, bem pudera,
Bem pudera possuir:
A ninguem *se* lh'aconteça
A mandar, podendo ir.

481
S'eu quisera, bem pudera
Fazer o dia maior:
Far um nó na fita verde,
Prender os raios ao sol.

482
Esta noite choveu oiro,
Diamantes orvalhou:
Lá vem o sol com seus raios
Enxugar quem se molhou.

483
Bem hajam as raparigas
Que trazem aneis nos dedos:
Que fazem andar os rapazes
Á noite como os morcegos.

484
Minha *mora* madurinha,
Diz-me quem t'amadurou?
—Foi o sol e *mai-la* lua
E o luar que por aqui passou.

485
Ó minha mãe, não me mande
Á cidade a vender pão:
Que dizem os estudantes:
Padeirinha tem feição.

486
Eu sou filha duma rosa,
Minha mãe é uma roseira:
Não me posso apartar
Duma mãe que tão bem cheira.

VII. — SUPERSTIÇÕES

1.— Os raios são cunhas de ferro que se enterram nove metros na terra e que vão subindo um metro por anno; findos os sete annos o raio vem á superficie, e quem tiver a felicidade de o apanhar e levar para casa, preservá-la-ha de qualquer raio ou faisca.

2.— Chover nas bodas é sinal seguro de felicidade.

3.—Ter imagens de gesso em casa é causa de infelicidade.

4.—Se por acaso houver alguem tão perverso que bata numa criança em perigo de vida, é necessario que sete donzellinhas chamadas Maria vão tocar no sino da torre, cada uma a sua badalada, e todas as pessoas devem rezar uma Ave-Maria.

5.—Para levantar as doenças de uma povoação basta que sete Marias fiem, teçam e corem durante uma noite uma bandeirinha, e vão collocá-la na torre sem que ninguem mais saiba nem lhe ponha as mãos.

6.—Para *arramar* o nevoeiro basta que tres moças Marias mostrem a fralda.

7.—Quando se passa pelo espojadoiro de um burro deve-se cuspir tres vezes, ao contrario nasce um *mijacão* nos pés.

8.—É um grande peccado ter o pão de costas para baixo; e se, emquanto tivermos o pão deste modo, começar a arder a nossa casa, primeiro devemos voltar o pão do que acudir ao fogo.

9.—Quando o lume tem crepitações, são as almas do Purgatorio que estão a pedir Padre-Nossos.

PARTE II

LINGUAGEM POPULAR

I.—PHONETICA

VOGAES E DITONGOS

1.—O *o* e *a* atonos em syllabas iniciaes soffrem quasi sempre abrandamento: P*e*rtugal, pr*e*stituta, pr*e*cisão, k*e*stumes, st*e*rtegar, *e*mparar.

2.—Algumas vogaes abertas soam fechadas, e outras fechadas ficam surdas: *ó*lha (= ôlha), f*u*mos (= fômos).

3.— O *e* inicial atono com valor de *i* soa ordinariamente *in*: *in*leição, *in*fectivo, etc.

4.— Certas consoantes alteram as vogaes vizinhas: assim as nasaes mudam o *e* mudo e o *e* fechado (*ê*) em *a*: op*a*nião, aç*a*nos, etc.; as guturaes (c, g) e tambem *l* e *r* mudam em *a* a vogal vizinha: c*a*turnos, v*a*galho, b*a*rruma, belf*a*rinheiro, pedr*a*gulho, emp*a*rador, m*a*rmurar, s*a*rrão (por surrão = saco de pelles), M*a*quelina, lib*a*rdade.

5.— Ás vezes tambem uma vogal é alterada por influencia da vogal da syllaba seguinte (assimilação de vogal a vogal): desbr*i*guilhado por desbr*a*guilhado (= com a braguilha desapertada); s*a*mear por semear. Quanto á palavra n*a*voeiro, talvez o *a* se possa explicar por influencia das muitas palavras que começam por *nab* ou *nav*: *nabo, navio, navegante.*

6.— Ditongação de vogal: ch*ou*va (= chôva, de chover), *sai*rro. Em *ai*dro e p*au*lito os ditongos são etymologicos.

7.— Troca de ditongos; dizem: fr*ai*ta por fr*au*ta, *oi*tro por outro.

8.— Reducção de ditongos e contracções de vogaes: ent*u*rido, g*é*stas, s*ó*lheiro, *O*phemia, k*a*lidade, k*a*nto, k*a*tro, ó (= ao: vou *ó* campo), par*á* e pr*á* (para a), pr*ó* (para o), com*á* (como a), *cá* (que a, ou, do que a), *cás* (que as, ou, do que as).

CONSOANTES

9.— O *b* intervalla-se nalgumas palavras: cam*b*ara, cam*b*arista, com*b*oro; noutras está em vez de *m*: *b*elanciga.

10.— O *c* inicial ás vezes abranda em *g*: *g*acho, *g*ajata, *g*anapé.

11.— O *l* muda ás vezes para *r*: fraita por *fl*auta.

12.— O *m* muda em *n* na palavra cadi*n*o.

13.— *N*. O artigo ou pronome *o, a, os, as,* é sempre precedido de *n* quando a syllaba antecedente termina em nasal, o que

se explica por uma assimilação progressiva, isto é, o *n* final da palavra anterior fez mudar o *lo, la, los, las* (formas archaicas do artigo ou pronome) em *no, na, nos, nas:* já vem *na* luz, aqui tem *na* minha mão. não *na* tinha, acharam-*na*, quem *no* disse, quem *no* viu, bem *na* vi, não *no* trazia.

Algumas vezes o som da nasal como que se desdobra da syllaba onde está para as anteriores ou posteriores: peli*n*grino, fa*n*-jão, pe*n*tem, desa*n*vergonhado (se é que esta palavra, em logar de a suppôr uma modificação de *desavergonhado,* não fica melhor explicada por *des* + *envergonhado),* enfa*n*tais (enfeitaes).

14.— O *r* ora troca com o *l* para evitar a repetição: pe*l*ingrino, reto*l*icas, pi*l*ulas; ora se desloca ou muda de logar: t*r*ocer, esc*r*avar, t*r*iato, G*r*abiel; ora cae: estellinha, Fedrico, sákestia.

15.— O *s* final seguido de *l* na syllaba immediata desapparece na pronuncia: o sol e mai'la lua, não punhae'la mão; mai'-logo, mai'longe (rigorosamente o que se deu foi uma assimilação regressiva seguida da absorpção de uma letra para abreviar a pronuncia: mai*l* longe, e depois, mai' longe).

16.— O *s*, bem como o *c*, seguido de *e* ou *i,* tem ás vezes um som palatal muito pronunciado, como o de *ch*, que pudemos representar por *x*: di*x*e, *x*uva, *x*amar.

17.—Antes das palataes *ch, j, x,* intervalla-se ordinariamente um *i* na pronuncia: mo*i*cho, amo*i*jo, ro*i*xo, co*i*xo.

18.— O *z* medial soa muitas vezes *j*: vi*j*itar, cur*j*idoso.

19.— Ha varias desinencias alteradas na pronuncia popular por modo igual ao que se dá numa grande parte do país: assim:
avel > able: agradable.
ivel > ible: terrible.
ico, ica > igo, iga: étigo, grammatiga.
ario = airo: rosairo, necessairo.

20.— As desinencias *-ono, -ona, -onho, -onha,* tem aberta a vogal da penultima syllaba: Penedóno, Antónho, demónho.

21.— Suppressão de syllabas atonas: bac'ro, desencal'crado, escor'pichar, d'reito, Man'el, sôr, vossoria, Zé.

22.—É muito vulgar a adjuncção de um *a* no principio das palavras (*a* prosthetico): *a*cincho, *a*cochichar, *a*covilhar, *a*cypreste, *a*lembrar, *a*metade, *a*lagosta, *a*rrecender, *a*rreparar, *arru*mendar, *a*nogueirar, *a*topar, *a*voar, *a*zagal, *a*zangar, *a*rreceber, *a*ssuceder.

23.—O caso contrario, ou a perda do *a* inicial, é raro: moaa, moreira, regalar (em «regalar os olhos»), Delaide.

24.—Para evitar o hiato intervalam um *i* ou *u*, e, ás vezes, a consoante *-g-*: ja*u* áchei (= já a achei), chegou á *u*ora (= chegou á hora), fatiga (= fatia), belanciga (= belancia).

II.—MORPHOLOGIA

1.—Os nomes em *-ão* fazem de ordinario o plural em *-ões:* capitões, tabeliões (mas dizem maçães).

2.—Empregam os seguintes pluraes: filhoses, peis, reises e reiles (de real).

3.—Empregam a fórma feminina *allamôa* em vez de *allemã.*

4.—A palavra *fim* é do genero feminino em: a fim do mundo; e a palavra *ametade* é do genero masculino: o teu ametade.

5.—Alguns substantivos adoptam uma terminação differente para se aproximarem dos typos mais usuaes: *tomata* (f.), *resgato, disfarço.* A firma *Amarantes* talvez se possa explicar pela analogia com os nomes em *-es: Fernandes, Mendes* (cfr. *Leites, Mathildes,* que são vulgares no Minho e noutros pontos). Ha outros substantivos estranhos pela sua novidade: *minador* = mineiro; *porcajeiro* = porqueiro ou homem que cuida dos porcos; *zomba* = zombaria; *cantada* = canto ou cantoria; *melurias* = pessoa vagarosa, e que fala baixo; *melenas* = pessoa que tem cabello comprido; *mungas* = pessoa de poucas falas; *pelem* = rapaz doente.

6.—Alguns substantivos que tem fechada a vogal penultima do singular fazem o mesmo no plural: *ôvo, ôvos; fôrno, fôrnos; canhôto, canhôtos; barrôco, barrôcos; côrpo, côrpos,* O mesmo se dá tambem com alguns adjectivos: *tôrto, tôrtos.*

7.—*Má* (forma fem. de mau) é uniforme, isto é, emprega-se tanto com substantivos masc. como com fem.: má bicho e má bicha, má home, má mulher, má lobo e má loba. Em próclise.

8.—Pelas palavras *burreco* e *casparra* (cfr. VOCABULARIO) se vê que o suffixo *-êco* é simplesmente deminutivo e o suffixo *-arra* é aumentativo.

9.—Nos pronomes temos a notar *le* = lhe e *elle* empregado com verbos impessoaes, ex.: *esta noite choveu elle* (cfr. *Quadra* 478).

Se tambem se emprega ás vezes com verbos onde não era de esperar; ex.: a ninguem *se* lhe acontece | a mandar podendo ir (cfr. *Quadra* 479).

10. *Verbos:*

a) A 2.ª pes. do sing. do preterito é em *-stes* em vez de *-ste*: causa*stes*, corre*stes*, fo*stes*, leva*stes*, mama*stes* (vid. *Quadras*, passim); e a 2.ª pes. do pl. é em *-steis*: almoça*steis*, come*steis*, canta*steis*.

b) No verbo *ser* empregam-se as formas:

samos = sômos
sendes e sondes = sois.
fumos = fômos.

c) No verbo *haver*:

hamos = havemos
hendes = haveis
handem = hão.

d) Os verbos em *-iar*, como *alumiar*, *copiar*, *variar*, etc., dithongam em *ei* este *i*, quando tonico: alum*ei*o, -as, -a, -am; cop*ei*o, -as, etc.

e) No verbo *fazer* dizem: fa*z*erei, fa*z*eria, em vez de farei, faria.

f) *Trazer* faz, ao lado de trazei, tambem: tra*z*erei e tra*gu*erei.

g) Dizem: protegir = proteger.

h) Dizem: *astrever* em vez de *atrever*, conservando sempre o mesmo thema em todas as pessoas, modos e tempos.

i) *Chover* faz:

chouveu = choveu.
chouva = chôva.

j) *Querer* faz:

quejais = queiraes.

k) *Sacudir* faz:

sacudo =
sacudes = sacodes
sacude = sacode
sacudem = sacodem

l) *Mentir*:

mintes = mentes.

m) *Fugir*:

fuge = foge.

n) *Ouvir* faz:

oivistes = ouvistes.
oivisto = ouvido.

o) O verbo *pôr* faz:

ponga, as, a = ponha, as, a
poesse, es, e = puzesse, es, a.

11.—*Particulas*:

De sem = sem. Ex.: amei-te *de sem* vontade; punhal *de sem* bainha.

De sorte = raramente.

Despois = depois.

Hi = ahi.

Num = não.

Neja = não.
Inda = ainda.
Assi = assim.
Donde = onde.
Comamim e comomim = como a mim.
Mas que e aindas que = ainda que.
Ala! ala! (interj.) = vamos! vamos!

É notavel tambem o emprego do prefixo intensivo *re-* na composição de muitas palavras, facto que se observa já na linguagem popular de Gil Vicente: *milhenta* e *remilhenta, doidinha* e *redoidinha, fresquidão* e *refresquidão.*

Quanto ás palavras *sarangonha* = cegonha, *varangada* = varada ou paulada, ás quaes podemos ajuntar *morangar* = morar ou demorar muito (ouvida noutros pontos do país), parece haver nellas um suffixo depreciativo *-anga,* pelo menos para as duas ultimas; e assim, teremos: vara, var*anga*, varangada; mora, mor*anga,* morangar.

III.—SYNTAXE

1. *Que* redundante ou pleonastico:

> Falsos testemunhos lhe erguia,
> Que ella *que* andava de amores.
>
> (*Rom.* II).
>
> Não digo que ella *que* é minha.
>
> (*Rom.* VI).
>
> Dizem que o cantar *que* tira.
>
> (*Quad.* 382).

2. *Que* por *em que:*

> Nada tenho no meu peito
> *Que* tu não tenhas quinhão.
>
> (*Quad.* 266).

3. *Merece convidado* = merece ser convidado.

Esta phrase, que até agora se reputava portuguesa de lei por ser usada pelos nossos melhores classicos, ficamos sabendo d'ora em deante que o é por um titulo ainda mais augusto: a procedencia popular, donde aquelles a foram beber.

IV. VOCABULARIO

A

abalar, marchar. *Quando abalas? Pois elle já abalou?*

abanado = doente.

abanar, abalar, sacudir, agitar. *Arvore abanada.*

abetarda, certa aguia das encostas e de cuja pelle se fazem excellentes colletes.

acarradoiro, logar onde o gado passa as horas de calor, ordinariamente nas lapas. *Onde deixaste o gado acarrado?*

acarrar, guardar, fechar.

acincho, fôrma de lata onde se deita a *coalhada* para fazer os queijos.

acobilhar, cobrir, agasalhar. *Acobilha-me cá o rapaz.* Está por *acovilhar*.

acochichar, falar em segredo, baixinho.

adeito, reunião de 25 estrigas de linho. *O enreadoiro tem oito massas ou gavelas.*

adufe, uma pandeira com pelles de ovelha, que serve para acompanhar os descantes.

afaragatar, tornar os rapazes ou os animaes domesticos amigos, doceis.

afarvar-se, apanhar calor demasiado.

aforrar, arregaçar as calças, as mangas do casaco, etc.

aforritar, voar, fugir (falando da ave que se escapou das mãos). *Aforritou-me.*

afragatar, o mesmo que *afaragatar*.

afregulhado, apressado. *Quando fiz aquillo estava afregulhado.*

agachar-se, esconder-se. *Está agachado detrás dos fieitos.*

agachis, cabana de mato que os caçadores fazem para esperar as perdizes. Emprega-se simplesmente neste sentido.

agulhetas, certas hervas dos lameiros, cujas folhas são semelhantes ás dos pinheiros.

ala! (interj.), vale o mesmo que *fora*. *Ala que se faz tarde.*

alagosta, desgovernada.

alambazar, comer. *O gado alambazou o milho, o centeio,* etc.

alangar, diz-se da arvore quando está muito cheia de frutos. *Está mesmo alangadinha.*

alboroque, vinho que as partes contratantes bebem depois do negocio. O comprador é que paga o *alboroque*.

alboricoque, damascos de todas as qualidades.

alcoqrues, o fruto do alpercheiro.

alçaprema, pedra ou pedaço de madeira que se colloca debaixo de uma das extremidades da alavanca.

aldravão, mulher de maus costumes. Que mente muito.

aldravêlo, lobo.

aldravos, pontos de costura mal dados. *Sempre lhe deste aqui uns aldravos!*

alliança, anel.

alma de milho, alma-grande e **alma-negra:** apostrophes insultantes.

aloisa, borboleta.

aloisa, cabra que dá pouco leite.

alonso, homem descansado, sem pressa.

alquitarra, alambique para distillação, mas movel.

alveiro, o pão muito branco.

alvoriçado, com o cabello de pé. *Aquelle gato que alvoriçado tem o pêlo!*

amalhoar (uma terra), é collocar umas giestas no cimo de um pau, para dar a entender que está guardada.

amochar-se, zangar-se.

amoijo, ubere. *A vacca muito grande traz o amoijo!*

amojar, encher o ubere. No *Ensalmo II* parece ter o sentido de «dar, deitar».

amorfanhado, emmaranhado. *O pão esta todo amorfanhado.*

anaçar, (subst.), o acto de deitar ovos batidos em qualquer cozinhado.

anagua, saia de panno branco que as mulheres vestem por cima da camisa.

anaguel, especie de berço onde se deitam as crianças.

anogueirar, dar a côr da *nogueira,* pintar de escuro, carregar na côr.

anoque, lamaçal, das ruas ou das propriedades, com uma consistencia tal que não sustenta um animal. *Cautela que ha lá um anoque.*

apancadado, maniaco. *Aquillo é mesmo um apancadado.*

apendado, está o pão nas searas, quando de muito grado cae um sobre o outro.

aperronhado, muito opprimido com o trabalho. *Coitadinho, anda alli aperronhado.*

apoijo, o acto de os animaes darem leite ás crias. *A porca está agora a dar o apoijo.*

aprisco, emquanto os pastores vão trabalhar algumas horas pela manhã (fazer a manhã), deixam o gado rodeado de cancellas mas num recinto differente do da noite: isso é o *aprisco.*

aranheira, teia de aranha. *Quem te metteu taes aranheiras na cabeça?*

arenga (um), homem que não trabalha, mas fala muito.

arestas, particulas que se separam do linho ou na espadella, ou na massadella ou na assedar e fiar. As arestas são boas para se deitarem na terra molhada.

argadilho, dobadoira.

arganel, arame em forma de circulo, que se espeta no focinho dos porcos para não fossarem.

aricar, metter o arado ás terras, ahi por fevereiro, para tirar as hervas ao pão.

arincú, pyrilampo.

arnaz (ter bom), ter bom estomago. A um homem que gosta das comidas adubadas, chama-se *de bom arnaz*.

arrabeirado, pessoa ou animal que fica para trás.

arragueirar, desobstruir as regueiras para a agua correr bem.

arramar, derramar, espalhar, desfazer, desvanecer.

arrecender, cheirar mal. *O cão arrecende qu'apesta.*

arregaçada, abada, o que se leva no avental ou no regaço.

arregalar (olhos), fitar alguem com os olhos esbogalhados. *Arregalou-me os olhos.*

arreganhar, mostrar os dentes. *Não que elle arreganhou-lhe os dentes.*

arremangar, arregaçar as calças, as mangas da camisa, a saia, etc. *Ó rapaz, arremanga essas calças.*

arrenegar-se, zangar-se, encolerizar-se. *É muito arrenegado.*

arrestalar, echoar, estalar, soar (quando se dá uma bofetada em cheio na cara). *Deu-lhe uma, que lhe arrestalou.*

arripar, subir.

asado, cesta muito bem composta onde se presume ir um presente. *Aquillo é que alli vae um asado.*

asagre, molestia de pelle na cara das pessoas. Curam-no com polvora e vinagre. Por *usagre*.

ataganhado, afogado pela garganta. *Tinha-o atanganhado.*

atiçar, dar pancadas. *Atiça-lhe.*

atiçar, activar a combustão. *Atiça lá o lume.*

atopar, topar, encontrar.

aturada, perra, empenada, difficil de abrir (gaveta, porta).

aúgua, agua. *Então és tão bruto que andas lá pelo mundo e não sabes dizer aúgua.*

aveca, aiveca.

aviado, desembaraçado, ligeiro.

azagal, pastorinho que auxilia o pastor na guarda do gado.

azevem, uma especie de herva.

B

bacro, porco pequeno.

badalhoca, pedacito de excrementos e terra, pendentes das pernas do gado lanigero. Mulher que no inverno anda sempre com a saia molhada. *Aquillo é que está uma badalhoca.*

badameco, homem sem força moral ou physica. *É mesmo um badameco.*

badana, ovelha magra.

badil, pá de tirar brasas ou a cinza do lume. Tambem se lhe chama *ferra*.

bagulho, bago da uva.

bajoujo, ingenuo, quasi imbecil: *papa-moscas*.

balancé, dança de salas, dança do povo.

bandalho, o que gosta de falar da vida alheia.

baranhas, como teias de aranha que se apresentam deante da vista cansada. *Já vejo tudo em baranhas.*

barbeiro, medico.

bardada, propriedade que tem muitos *bardos.*

bardalheira, grande quantidade de silvas.

bardino, que não pára em casa, *valdevinos.*

bardo, reunião de silvas e espinheiros que se põem nas paredes das propriedades para as preservarem dos animaes.

barraco, porco de criação. Por *verraco* de *verris.*

barranha, alguidar menor que o barranhão.

barranhão, alguidar grande de barro ou lata, onde se faz o fumeiro.

barrocal, reunião de muitos barrocos.

barroco, bloco de granito. Nas quadras 233 e 320 parece ter o sentido de *barranco, cavidade,* como tem no Minho.

barruma, verruma, tradela.

basculho, rapaz ou homem muito gordo, que sua ao menor trabalho. Applica-se mais ás mulheres. *Que grande basculho.*

basta-que-sim, (expressão exclamativa), não continues, já chega.

batibarbo, reprimenda, *desanda* que nos deixa envergonhados.

batoque, rolha de pipa, e tambem os grandes solavancos que dão os carros; pancada em geral. *Pois se veio aos batoques pelo caminho!*

belanciga, melancia.

belantina, planta dos jardins.

beldão, o que *belda.*

beldar, falar muito e sem sentido.

belfarinheiro, o que prega os pratos e anda a vender bugigangas.

belfo, animal que não é certo dos dentes, e tambem se applica aos pratos e malgas com um bocado quebrado.

bella luz, planta parecida com o serpão.

benzilhão, homem entendido em feitiçarias.

berças, couves mal cozidas. *Isto é que está um caldo de berças!*

berrias, ovelhas. *Rapaz, vae botar as berrias fora.*

bertoldo, rapaz gordo e bruto.

bica, refeição entre almoço e jantar.

bilhestres, dinheiro, *ferro de lettra.*

biqueiro, de má bocca, enfastiado.

bisca (uma), pessoa falsa, sem honra, que attraiçoa.

biu, pregos de pau de salgueiro para pregar os cortiços, os *ógadores.*

bodalha, cabra nova e estouvada.

bodeguice, porcaria, *mexerucada*.

boicelo, falhas nas abas dos pratos e na bocca dos pucaros, etc. Esse pucaro tem um *boicelo,* ou está *esboicelado.*

bòla, pão espalmado que as mães fazem aos filhos quando cozem a fornada do pão. Por semelhança, diz-se: *o pão ficou todo numa bóla.*

bolcar, tombar, mas voltando se. *O carro lá ficou bolcado.*

bonda! (interj.), basta, não quero mais.

borneira, pedra; mó do centeio (no moinho).

borrega, bolha ou empola produzida na mão ou pés pelo attrito do cabo da enxada, etc., ou sapatos apertados.

borrego, a, carneiro ou ovelha pequenos.

botelha, abobora.

briar, vedar um vaso qualquer (por *brear,* de breu).

briol, vinho. Só empregamos em sentido ironico. *Aquillo foi o briol.*

brita ossos, ave de rapina.

bruxa, panela de barro com muitos buracos onde se queima carvão.

búa, agua. Só empregamos para as crianças.

bucho, especie de chouriço feito de carne juntamente com ossos. Quando se come o bucho, é dia de festa na familia.

bueiro, abertura nas paredes das propriedades que dão entrada ás aguas das enxurradas.

burreco, a, deminutivo de *burro.*

burro de tirar agua, *picanço,* engenho para tirar agua dos poços. É um conjunto de alavancas que permittem tirar successivos caldeiros de agua com uma relativa facilidade.

burzigada, especie de migas, feitas de pão com sangue. Costumam fazer estas migas pela epoca das matanças com o sangue dos porcos.

busaranho, com a cara inchada. Quando crestam as colmeias, e por acaso algumas abelhas mordem na cara e fica inchada, dizemos; *ficou mesmo um busaranho.*

C

cabanal, um coberto de telha ou palha, sem parede na frente, onde os lavradores mettem os utensilios agricolas.

cacha, pedaço, porção de qualquer coisa, mas especialmente de frutos. *Dás-me uma cacha de belanciga?*

cachapum, mergulho de cabeça.

cachirrar, bambolear nos carros, de forma que com o attrito *chiem* um pouco.

cachonda (andar), andar lasciva. Da femea do porco diz-se: *anda barronda*.
cachopo, a, rapaz, rapariga, etc.
caço, pequeno vaso de barro, onde os lavradores costumam comer o caldo.
caçoila, caçarola.
cadabulho, parte do terreno junto ás paredes onde o arado não pode chegar, e que deve ser cavada.
cadino, ladrão, mas ladrão fino.
cagarola, fraco, *fràcachichas*.
caibro, pequena trave, barrote.
calda, tareia. *Levou uma calda mestra*.
calear, caiar.
calhandra, cobra grande.
calondro, especie de abobora comprida de que se faz um doce especial.
canada, parte baixa das terras.
canecc, chapeu alto, cartola (giria).
carchanolas, batatas.
cangorça, egua velha. Diz-se das mulheres magras e idosas.
cantada, cantoria, canto.
capão, molho de vides.
caramello, gelo. *Está tudo feito em caramello*.
carapanta, mulher sem geito. *Que carapanta aquella!*
carava, companheiro, mas prejudicial. *A carava é o que faz!*
caraveiro, amigo de *caravas*. Tambem se diz dos cães amigos de acompanhar o dono. *É muito caraveiro*.
caravelho, bocado de pau que serve para segurar as portas. Especie de aldrava.
cardanho, casa pequena e ruim.
cardar, passar a lã pela carda ou pente.
carmear, esfiar a lã com os dedos para se pôr na roca.
carrapatinho (em), estar em coiro; *estar* —, estar nu.
carrapicinho, carvalho pequenino.
carrapiço, carvalho pequeno. *Moita de carrapiços*.
carrapito, homem ou rapaz que sobe muito bem ás arvores.
carrasquinha, jogo de rapazes.
caso, talvez seja malga, tigela, vaso (*vid.* II. Rom.), e portanto o mesmo que *caco*.
casparra, porcaria encascada no nariz.
casqueiro, pão dos soldados (giria).
castanhas da India, batatas.
caturnos, peugas ou meias.
celenisca, rapariga magra.
chafulgo, buraco muito fundo na terra.
chambas, homem de pernas grandes. (Não se poderá explicar por *jambe?*).
chamiceiro, homem magro.
chamiços, lenha meuda.
chapado, completo, perfeito. *É um burro chapado*.
chape, som que o perro da es-

pingarda produz batendo na espoleta.

chapear, quando a arma erra fogo, ou o fulminante não estoira.

chapinheiro, atoleiro, lameiro.

charola (ir em), ir muito acompanhado. *Lá ia em charola.*

charondear, andar a passear, a vadiar.

charotear, andar a passear.

charoto, homem que passeia muito.

chasco, ironia, irrisão, troça. *Estava-me a dizer aquillo por chasco.*

chavelha, cunha de madeira que liga o jugo, ou melhor, o tamoeiro preso ao jugo, com a cabeçalha do carro.

chicha, nome que as crianças dão á carne.

chicharrões, torresmos e tambem as escorias que ficam do carvão das fraguas.

chicherisbeu, criança, mas um pouco enfezada.

chincha-la-raiz, nome de um passarinho, tirado do som que produz quando canta.

chincheiro, idem, mas o som é pouco mais ou menos *chim, chim, chim.*

chino, negro. *Que chino aquelle!*

chiota, barulho, ruido. *Que chiota aquella!*

chischis. Vid. *Cibinho.*

chismes, percevejos. *Tantos chismes!*

chite! interjeição que significa quieto, não toque nisso.

chô! chô'qui! interjeição para enxotar as gallinhas.

chocalheiro, que gosta de dar á lingua, de transmittir as novas.

chôcho, a, sem grão (fallando das espigas); (fig.) sem ideias, sem iniciativa.

chofrado, ficar perplexo, sem se mexer.

chupão, chaminé das cozinhas.

cibinho, bocadinho; chis, chis. Só quero um *cibinho.*

cibo, um bocadinho de qualquer coisa.

ciscar-se, apartar-se, desviar-se, sair, fugir. *Cisca-te* = foge d'aqui, sae d'aqui.

cobrões, erupção cutanea produzida, diz-se, pelo veneno de animaes que passaram sobre a roupa branca no estendedoiro. Curam-se, untando-a com o oleo que deita o trigo em grão, logo que se colloque em cima uma lamina de ferro ao rubro.

côca, feiticeira.

cocão, pôça onde a perdiz faz o ninho.

cocharra, nome por que são conhecidas as colheres (sem duvida por influencia espanhola).

coche! cochí quí! interjeição para enxotar os porcos.

cochina, porca, suja.

cochinada, porcaria.

codão, geada que cobre os campos nas manhãs frias de inverno.

colandrina, mulher amiga de dizer ditos.
commúa, latrina, necessaria.
concho (ou ficar), estar ou ficar ufano, inchado.
concho! interjeição equivalente a *conho!* que é obscena.
côrcho, pedaço de cortiça enrolada em cilindro e que serve de colmeia.
cordovil, especie de azeitona.
corna, copo de chifre de boi.
cornichos, os dois bicos no fundo dos sacos e aos lados — os cantos.
cornozoilo, cravagem do centeio.
correol, planta.
cosquinhas, cócegas.
costellas, armadilhas de madeira e rede para apanhar os passaros.
costilhos, as armadilhas de arame.
covilhete, malga pequena vidrada.
coxia (correr a), andar á tuna.
crocha, com poupa na cabeça. *Pita crocha.*
crostos, o primeiro leite que as femeas dão em seguida ao parto.

D

decrúa, a primeira mão de enxada ou a primeira lavra.
decruar, fazer a decrúa.
demolhar, deitar de molho em agua. *O bacalhau já está demolhado?*
déo em déo (andar de), andar de porta em porta, á procura de qualquer coisa.
derriço, namoro.
desaforido, desenfreado, pouco soffredor.
desanvergonhado, desavergonhado.
desbataleigado, o que traz a camisa ou as calças desapertadas.
desbriguilhado, a braguilha aberta.
desencabrestada, rapariga doida.
desencalcrado, o que se desenganou: o que achou o erro em que andava.
desenguiçar (o cabello), desemmaranhá-lo com o pente de desenriçar.
desfarço, disfarce.
desgalhar, o mesmo que espalhar. Tambem se emprega quando cae muito chuva: *desgalhava agua com força.*
desmaselado (ser), descuidado, que não se importa com as suas propriedades.
desmudar, demudar.
desògar, convidar as bestas (=dar-lhes qualquer coisa de comer) para não tomarem algum *sentido.*
de sorte, expressão de duvida. Não creio, não me metterei nisso.
despear-se, desferrar-se as bestas.
destampatoria, uma soltura de sangue.
dialho, diabo. *Dialhos te levem.*

dobadoira-sem-pés, pessoa muito trabalhadora.
dondo, macio, nedio, molle.
droga, tecido de lã para vestidos das mulheres.

E

eito, corte da segada. Segar ao *eito* e segar ao rego.

> Não me mandem á segada
> Qu'eu não sei correr o *eito*:
> Mandae-me fallar d'amores
> Que p'ra isso tenho geito.

eivas (dar-lhe nas), tocar-lhe na matadura; descobrir-lhe os planos.
embarrar (alguma coisa), *topar* com qualquer coisa, ir de encontro a um objecto.
embelga, faixa estreita e comprida de terreno.
embelgar, dividir o terreno de sementeira por meio de marcas em embelgas, para regulamento do semeador.
embuchado, cheio, farto.
empalamado, o individuo doente que não está de cama, mas tem má côr. (De *pelem*).
empeçar, começar. (Este termo é mais proprio das povoações a éste da nossa, mas tem todas as tendencias para se localizar).
empeirar (uma teia), metter a teia nos liços e no pente.
empeirilho, uma forma de empeirar.
empernicar (a caça), prender a caça ao cinto.
empesgar, apertar. *Empesguei-o contra a parede que o ia rachando.*
empontar, despedir de casa. *Appareceu-me aquelle massador, mas depressa o empontei.*
encalacrado, enganado. *Anda mesmo encalacrado!*
encarrar, (o carro), segurar a carga com as cordas *carreiras*.
encarrapitar-se, subir por uma arvore acima. *Encarrapitou-se por ella acima que parecia um gato.*
encatramonar-se, *amocharse*, pôr-se de maus *himores*, pôr-se de maus modos.
encravelhar alguem, armarlhe ciladas, ratoeira. *Deixa-o, que ficou bem encravelhado.*
encrideira, cordas grossas para segurar os saccos nas bestas.
encrir a carga, segurá-la. Está em vez de *inquerir*, assim como o antecedente em vez de *inquirideira*.
encristar-se, não receber as ordens com humildade, sair fora de certos limites.
endez, ovo que se deixa no ninho para as gallinhas não fugirem para outro.
enfrascado, enfadado, aborrecido. *Já estava enfrascado.* Tambem se diz do homem que está *enfastiado* de qualquer comida.
engravitado, hirto com frio. *Tenho as mãos engravitadas.*

enguiçado, emmaranhado, descomposto.
enguiço, pequeno, reles.
enrascar (alguem), mettê-lo em em tal *ratoeira* que saia difficilmente.
enredo, serviço pequeno, mas que tira muito tempo a outros trabalhos urgentes.
enrelhar (os bois), ferir os bois com a relha: é sinal de ser mau lavrador.
enriçado, estar emmaranhado.
enrocar, o mesmo.
enrodrigar (as vinhas), pôr-lhe estacas para amparo.
entartalhar, coagular. *O leite entartalhou-se.*
entolhido, o que mostra sinaes de ter um qualquer desejo. *Estava mesmo entolhido.*
entolho, desejo qualquer.
enturida, impedida de fazer as suas necessidades.
enzarel ou **enzarol** (um), pessoa amarella e fraca. Usamos para o masculino e feminino.
enzoneira, a que mente, a que não trabalha nada e conversa muito. *Que enzoneira aquella!*
esbambar (o panno), puxá-lo, fazê-lo dar.
esbandalhar, fazer em bocados. *O lobo esbandalhou o carneiro.*
esbarrar, cair quando vae a correr. *Esbarrou-se que foi um gosto!*
esboicellado, que tem *boicellos. O pucaro está cheio de boicellos.*
esboicellar, fazer *boicellos.*
escangalhar, estrampalhar, desconjuntar, descompor.
eschixarrado, mirrado com o calor. *Hoje ficou tudo eschixarrado.*
escogitar, espreitar. *Tanto escogitou que deu com isto.*
escorrichar, beber as ultimas pinguinhas da vasilha. Dizemos: *escorrichar as galhetas.*
escrafunchar, espicaçar e tambem palitar os dentes. *Passa o tempo a escrafunchar os dentes.*
escramear, cramear.
esgalhar, cortar as *galhas* das arvores. *Tu, vaes esgalhar os freixos.*
esgodar, lavar muito bem. Diz-se das cozinheiras: *aquillo é que tinha tudo esgodado.*
esgravanada, chuva forte mas rapida. *Isto são esgravanadas de maio.*
esgravatar, rascar na terra. *Pois elle só deixou a terra esgravatada!*
esgueirar-se, fugir. *Esgueira-te d'ahi; o gado ia esgueirado.*
esmarrotar, partir alguns bocados ás pedras com a marreta.
esperdigotar, fugir. *Dei-lhe alli tres berros que cada um esperdigotou para seu lado.*
espiar-se, acabar.
espolinhadoiro, logar em que se *espolinham.*
espolinhar-se (as aves, etc.), roçar-se na terra. *As perdi-*

ςes é que hoje se espolinharam nos chicharos!

estar entre as duas e as tres, sem saber para onde se virar.

estartalado (ficar), ficar estirado no chão depois de uma queda.

estrampalhar, espalhar, atirar com os objectos cada um para seu lado.

estrampalho, reunião de farrapos que se collocam num pau no meio das sementeiras para as aves terem medo. Tambem dizemos das mulheres altas e que andam mal compostas.

estranfonear, dar cabo de qualquer cousa. Ha esta frase pittoresca para exprimirmos o sentido de qualquer homem ser muito pandego. *Tem estranfoneado a cachorra.*

estrefegar, acto de comer com muito appetite.

estropeliado, ou, estropeado, cansado e com os pés magoados.

estuche, pau aguçado com que se tapa a torneira dos toneis. (No Minho dizem *estica*).

F

fagotes (ir-lhe aos), dar-lhe uma tareia, arrumar-lhe nos costados.

faramalha, impostura. *Disse-lhe aquillo, mas foi faramalha.*

farameiro, fel das ovelhas.

farçolices, gabos que não pode realizar.

fardel, enxoval das crianças de peito.

farfantona, rapariga casadoira, desempenada e bem falante.

farrapeiro, homem que anda pelas povoações comprando farrapos e dando em troca agulhas, dedaes, etc.

farripinho, cacho mal desapendoado.

fatiga, usamos por «fatia».

faviona, mulher com os dentes grandes e saidos. *Quem gosta de tal faviona!*

feiula, caspa da cabeça.

felustria, pimponices, *gabaçolas. Anda lá com felustrias, mas sempre me leva uns tabefes.*

fero, ferinho, crescido, robusto. *O menino está fèrinho.*

ferra, pá da braseira, *badil.*

ferrada, vaso de lata em que se leva a comida para os cães de gado.

ferro de letra, dinheiro. *Tudo isto, olha, é questão de ferro de letra.*

ferruncho, ferro aguçado, mas ordinario.

festa das flores, nome por que tambem se designa a paschoa.

fleitos, fetos.

filetes, fosquinhas, festas, mas com fins certos. Costumamos dizer das festas que os rapazes fazem ás *meninas* do seu agrado.

finasco, pão delgado, malcriado.

forfalhas, aquelles pedacitos do leite coagulado.

fraita, por flauta.

franças, romaria das arvores.

franguinho de vintem, rapaz com pretensões de homem.

franzelinho, usamos em vez de franzino.

fresquidão, grande frescura.

fulecha, passarinho pequeno e cujo canto é muito agradavel.

fundeiro, fundo. *Poço fundeiro.*

furda, fenda profunda aberta no terreno pela erosão das aguas.

futriqueiro, vendedor ambulante de pequenos objectos.

G

gacho, cacho de uvas.

gadanha, concha de tirar sopa, e tambem a foice de cortar o feno.

gadanheiro, o que trabalha com a gadanha.

gadunhas, homem magro mas muito trabalhador e activo.

gajata, pequeno cajado.

gajo, atrevido.

galaripo, gaita feita pelos rapazes com um bocado de vide rachada ao meio que tornam a unir intermeandolhe uma lingueta feita de casca da mesma vide. Tambem usamos para designar os rapazes que já querem ter força.

galdrapa, rendas mal feitas.

galga, mentira, *isso é que corre por ahi uma galga.* Tambem usamos por «fome».

galgueira, pedra dos moinhos ou a mó quando está alta, e faz pouco attrito.

galhada, ramos, varas, galhos.

galhete, pescoço. *Dou-te uma por esse galhete.*

gallo, gomo de laranja.

galrichar, tagarelar das crianças.

> De vinte mortes que fiz
> Só d'uma tenho pesar:
> De matar uma criança
> No berço a galrichar.

galrito, rede em forma alongada.

gambeta, com as pernas tortas. *Olha que gambeta aquelle!*

gambusinos (ir aos), ir á caça de noite. Diz-se aos *parvos* que a certas horas da noite e em determinados logares deve passar certa caça imaginaria. E alli põem os pobres homens com uma rede, para esperarem até vir a caça. Assim passam a noite ao relento.

gandear, andar de casa em casa.

gandeona, a que gosta de *gandear*.

ganhão, o que trabalha com uma junta de bois.

gargalicho, pequena nascente de agua e muito limpa. *Olha que lindo gargalicho.*

garnacho, casacão que fica curto; *policia.*

garruço, carapuço.

gatimanhos, fosquinhas, trejeitos, momices.

gomo, cada uma das divisões interiores da laranja.

gôgo, certa doença das gallinhas; pedra redonda e roliça.

gravatos, *graviços*, mas grossos.

graviços, lenha meuda.

guapo, formoso, galante.

guia, cume, o cocoruto, os ramos mais altos das arvores.

I

impar, gemer.

ingaço, parte do cacho onde estão presos os bagos.

intéque, até que.

iscadea, pico de madeira, palha, etc., que se introduz na carne.

iscarramanado, que tem as orelhas muito tombadas.

ispinhar-se, zangar-se, ficar sentido (está por «espinhar-se») e semelhantemente para as cinco palavras seguintes.

istafete, o homem incumbido de recados, correspondencia, etc. *Já veio o istafete.*

istortegar, torcer, deslocar. *Estortegar um pé.*

istranfonear, gastar tudo quanto se tem. *Istranfoneou todos os bemsinhos que lhe deixaram.*

J

joga, pedra redonda e lisa.

jogla, o mesmo.

L

labaça, uma herva dos lameiros.

ladino, fino, mas patife.

lambefe, bofetada, mas com desprezo.

lambio, coisa boa. *Só gosta de lambio.*

lambisgoia, mulher alta e magra; *focinho aguçado.*

lambitão, lambitona, bruto, estupido, pouco trabalhador. Tambem usamos para classificar os rapazes novos muito crescidos.

lancha, lasca, pedra larga e de pouca espessura.

landonas, fallas com maus intuitos, com o fim de enganar.

langanhoso, gelatinoso.

lapada, pedrada.

laraitas, formigas que mordem muito.

lareo (trazer ao), ao sol, a ver-se.

lares, as cadeias de ferro que seguram as caldeiras nas cozinhas quando estão ao fogo.

larica, fome. *Já tinha uma larica!*

lascarinho, feio. *Estás um lascarinho!*

lavadentes (um), raspansa, *recado.*

lenço de fivelas, nome que se dá aos cabrestos, mas só por graça.

lilaia (ter), ter energia, ser fino para a vida, mas intrujando.

loira, covil onde os coelhos teem os filhos.

lores, as correias que seguram os estribos; orgãos genitaes dos gallos.

M

magarça, uma herva.

malato, carneiro de meia idade, de dois annos.

malhão, porção de giestas espetadas num pau, e este nas propriedades, para indicar que o terreno está vedado.

manhuço, *mancheia*, a quantidade de palha que se pode agarrar numa mão. O mesmo chamamos a uma mulher muito gorda.

marrada (na terra), pedaço de terra que por descuido do lavrador ficou por lavrar.

marrafinha, penteado alto (vid. *Quadras*, n.º 36 e 276).

marrancho, o homem torto das costas.

melenas, individuo que tem o cabello muito crescido e mal tratado.

melurias, vagaroso; o que falla baixo.

merufo, cabello de rapazes e bem tratado.

meruges, hervas dos regatos e de que se faz salada.

mexilho, cavilha de ferro que serve para segurar as aivecas.

mexemigas, troca-tintas, sem caracter.

migalha, *tó-tó*, o membro genital das crianças.

mijacão, nascida, furunculo.

milhenta, numero indefinido de coisas. *Eu tenho mil; e eu milhenta e remilhenta.*

minador, mineiro.

miscaro, certa qualidade de tortulhos que nascem junto dos pés dos pinheiros e de que se faz guisado saboroso.

mocho, sem chifres.

mofar, zombar, mas com desdem e ironia.

moirão, pedra alongada, tendo ao meio um corte em semicirculo, que se usa nas cozinhas para encostar a lenha das fogueiras.

morangar, trabalhar pouco e mal. Tambem empregamos para designar o acto das crianças estarem a brincar umas com as outras.

mosca-morta, o *lambeirão*, que não faz, nem sabe fazer nada: só dormir.

mossa, falha no gume dos instrumentos cortantes.

mugir, mungir, ordenhar.

mungas, o que falla pouco e tem maus instinctos. Corresponde ao ditado de que, os que não ladram, mordem.

murquir, comer sem abrir a bocca.

N

nagalho, gravata.

O

oliva, azeitona (vid. *Quadra* 278).

olheiro, terreno pantanoso no meio de terras sêcas. *Leva os bois para o olheiro de tal.*

osga, raiva, odio. *Tenho-lhe uma osga que o não posso ver.*

P

pagadilhos, pequenas dividas.

palitos, fosforos.

pancão, casmurro, telhudo.

pantanas (tudo em), em estilhaços, dar cabo de tudo.

panzeiro, o que come muito pão.

paparota, comida basta.

paqueta, rapariguita de recados, mas muito diligente.

paquete, rapazito de recados.

parrado, de orelhas tombadas. Usamos principalmente para os carneiros.

patacoada, asneira, disparate. *Só sabe dizer patacoadas.*

patrão, tratamento a qualquer desconhecido. *Ó patrão, olhe cá.*

pécora, rapariga muito emproada, senhora do seu nariz.

pedragulho, montão de pedras pequenas.

pedrão, talvez por *padrão* (vid. *Quadra* 121).

pelão (um), rapaz com um mau aspecto physico.

pelingrino, mendigo, mas muito roto e desgraçado. (Por *peregrino*).

pelonia, ovelha velha.

pendão, bandeira, parte mais alta do milho e de outras plantas; na *Quadra* 363 parece significar «ramaria pendente».

peneira, *larica*, fome.

peneireiro, ave de rapina.

peralta, janota.

pernada, galha, françа.

pernadeira, corda ou correia com que prendem as pernas dos carneiros para se tosquiarem.

pichel, vaso de estanho para vinho.

pichorro, vaso para vinho.

pifaro, flauta pastoril.

pinchar, dar saltos.

pinchinho, salto.

> Pinchinho... pinchinho...
> Se quebrar uma perna,
> Irei p'r'ós anjinhos.

pinôco, parte mais alta da serra, cume.

pireza (pôr-se na), pôr-se na alheta, safar-se, *pisgar-se*.

pirtigo, a parte do carro a que vão presos os bois, a cabeçalha.

pita, pito e **pitinhos**, gallinha, gallo e pintainhos.

piteiro, homem que se mette nas attribuições das mulheres.

pisgar-se, fugir, sem dar cavaco.

pivete, criança esperta, que sae com sentenças de gente já forte.

poia, pão que se dá á forneira como paga da cozedura; vinho ou aguardente que se dá ao dono do lagar ou alambi-

que pelo uso que se fez d'elles.

pojos ou **poejos**, herva dos regatos e lameiros e com um fino aroma.

poisa, cada cinco molhos de pão e de que se espera meio alqueire. *Colhi tantas poisas. A como fundiu a poisa?*

porcageira, guardadora de porcos.

porpianho, parede muito estreita, sem ter cantaria, só de *pedragulho*.

poupa, penteado alto (vid. *Quadra* 344).

prantar-se a, pôr-se, collocar-se. *Prantou-se a bailar.*

p'ra riba, para cima.

priar-se, enraivecer-se. *Cão priado.*

procurar, perguntar.

prosmas, conversa aborrecida das mulheres.

prosmeira, que só tem *prosmas*.

pua, pé de malva, de craveiro, etc., proprio para trasplantar. *Ó Maria, dás-me uma pua do craveiro?*

puidoiro, farrapinho com que se vae limpando o fio da meada ao dobar.

Q

queima, curvas na extremidade da linha da *raiôla* (jogo de rapazes).

queira, matilha.

quiscuvilheira (em vez de cuscovilheira), mulher sem palavra, que não guarda segredo.

quiá! quiá! interjeições para chamar os porcos.

R

rabaceiro, que gosta muito de fruta, de salada, etc.

rabaça, certa herva propria para salada.

rabeira, limpadura dos cereaes.

rabeiro, redea das bestas.

rabos. Vid. *rabeira*.

raiôla, jogo em que se atira com moedas. Vid. *queima*.

rangamalho (ir de), ir atrás com muita preguiça ou ir de má vontade.

ratar, roer (falando de ratos).

reberta, descarada, muito falladora.

reboleiro, carvalho pequeno.

refresquidão, grande frescura.

regalar os olhos, arregalar.

reivó, certos cogumelos. São comestiveis, mas alguns.

relumbrar, reluzir.

remilhenta, muito numerosa, muito grande.

remisga, rapariga magra, e tambem um jogo de rapazes.

resgalgar, rosalgar, veneno.

resquiado, que não sobra, conta certa.

retrama, mato meudo.

rezental, cordeiro novo.

roçadoira, instrumento cortante, em forma de semi-circulo, que os lavradores collocam no cimo de um pau e

que serve para cortar as silvas.

roçar as casas, esfregá-las, lavá-las.

rodeira, vestigios das rodas dos carros nos caminhos.

rodriga, estacas para as vinhas. Usado noutras partes.

rolar, cantarolar para adormecer as crianças.

rolheiro, meda, reunião de *poisas*.

compão, entrar com apparencias de não ser vencido em nada.

ronchas, empolas produzidas por mordedura de percevejo, aranha, etc.

roquete, penteado alto; talvez topete (vid. *Quadra* 493).

rotinho, vôos das avesinhas.

roupinhas, corpete que usavam as mulheres (desusado).

S

sacatrocho e **sacatrochana**, de sem geito, de pouca habilidade.

saforino, porco reles.

sagucho, pau aguçado.

salamurdo, que falla pouco, que a prega pela calada.

samarra, pelle de qualquer animal.

santóro, brinde ou convite que os padrinhos dão aos afilhados em dia de *todos os santos*.

sapa, que anda pouco. *Anda d'ahi, estás uma sapa!*

sapeira, doença aturada. *Está com tal sapeira, que não se acha bom.*

sarangonha, cegonha.

sarôto, com o rabo cortado.

sarrão, saco de pelle.

secia, mulher garrida.

seifões, tiras de pelle com que se resguardam os joelhos por causa do mato.

sigorelha, planta dos jardins; (fig.) rapariga velhaca e intromettida.

sincello, gelo.

siria, pessoa convalescente que ainda não tem forças para sair de casa.

sisco, lixo. (Deve ser *cisco* de c i n i s c u l u - (m).

soventre, tira de toucinho comprehendida entre as mamas dos porcos.

sovina, usuraria.

subideira, ave trepadora.

surdir, que trabalha muito.

surro, porcaria, sugidade.

T

taco, pequena refeição de pão e azeitonas.

talóca, buraco nas arvores; e tambem usamos para designar um homem abrutado. (*Que talóca aquelle*).

taralhão, ave das *costellas*.

taralhão (metter-se a), metter-se no que não pode fazer, que vae alem das suas forças.

tasgar, comer. *Tasguei uma fatiga de pão e bebi um copo de vinho.*

téro-léro, tagarella, que só tem palavras.
tomba-lombos, abrutado, *ta-lóca*.
tossa, pedra rectangular opposta á soleira. Nas casas antigas a tossa tem a forma de um semi-circulo, mas hoje são pouco usadas.
tó-tó. Vid. *migalha*.
touril, logar onde os coelhos excavam e deixam os excrementos.
tradela, verruma.
tradelinha, pequena verruma.
tranqueiros, as ombreiras das portas ou janelas.
travinca, argola de pau que serve para segurar as cilhas.
trongas, só usamos no sentido de meretriz.
trepicão, tropeção das bestas.
trogalho, pessoa sem brio.
trote (qualquer coisa a), usá-la todos os dias.
troia, cabeça. *Levou uma ar-rochada pela troia.*

U

upa! interjeição que significa «para cima». *Custou mil réis? Upa, upa!*
urca, mulher gorda, de grandes ancas, ou egua de marca grande.
usmar, não comerem os animaes. *Lá estão os bois a usmar.*

V

varangada, paulada, pancada.
vazio, parte do corpo acima dos iliacos.
vedoria = repartição ou casa do vèdor; talvez palacio ou casa grande (vide *Quadras* 200, 426, 444).
verdasca, pauzinho flexivel, chibata. *O que elle precisa é uma verdasca pelas orelhas.*
vergueiro, usamos no sentido de uma pessoa ser flexivel mas não facil de vencer.
vérguio, que verga, flexivel.
viante, viandante.
vidica, parece diminutivo de vida (vid. *Quadra* 496).

X

xaimel, aquellas primeiras tábuas dos pinhos e que são aproveitadas para a ripa.
xô! xô-qui! interjeição para enxotar as gallinhas.

Z

zamborrada (de agua), bátega ligeira mas forte.
zarcão, que não trabalha e só gosta de comer. *Isso não dá para a despesa, é um zarcão?*
zomba, zombaria, escarneo.
zòpeira, mulher amiga de intrigar.
zovineira, mulher de trazer e levar novas.
zupar, bater em alguem.

Atalaia, 1907.

CARLOS A. MONTEIRO DO AMARAL.

FOLK-LORE CEILONENSE

(Cfr. *Rev. Lusitana*, x, 311)

TERCEIRA SERIE

I

CANTIGAS DE DEZ MANDEMENTO [1]

1. Quem tem per vosse
Quem tem per nosse
Varan saran **Huma**
Huma nossa Creador.
Si varan saran meu Senhor.

2. Quem tem per vosse
Quem tem per nosse
Varan saran **Dois**
Dois, Moses e Aron
Huma nossa Creador
Si varan saran meu Senhor.

3. Quem tem per vosse
Quem tem per nosse
Varan saran **Tres**
Tres padres de nosse Senhor
Abraham Isak e Jacob.
Dois, Moses e Aron
Huma nossa Creador
Si varan saran meu Senhor.

4. Quem tem per vosse
Quem tem per nosse
Varan saran **Quatro**
Quatro madre de Isarael
Sarah Rabecca *Erail* [2]
Tres padres de nossa Senhor
Abraham, Isak e Jacob
Dois, Moses e Aron
Huma nossa Creador
Si varan saran meu Senhor.

5. Quem tem per vosse
Quem tem per nosse
Varan saran **Sinco**
Sinco livro de Lileilo
Quatro madre de Isarael
Sarah Rebeca Erail
Tres padres de nossa Senhor
Abraham, Isak e Jacob
Dois, Moses e Aron
Huma nossa Creador
Varan saran meu Senhor.

---

[1] Variante da lição publicada na *Rev. Lusitana*, x, 107.
[2] [? e Racheal].

6. Quem tem per vosse
Quem tem per nosse
Varan saran **Seis**
Seis dias de Labilon
Sinco livros de Lileilo
Quatro madre de Isarael
Sarah Rabeca Erail
Tres padres de nossa Senhor
Abraham Isak e Jacob
Dois, Moses e Aron
Huma nossa Creador
Varan saran meu Senhor.

7. Quem tem per vosse
Quem tem per nosse
Varan saran **Sete**
Sete dias de Semana.
Seis dias de Labilon
Sinco livros de Lileilo
Quatro madres de Isarael
Sarah Rabecca Erail
Tres padres de nossa Senhor
Abraham Isak e Jacob
Dois, Moses e Aron
Huma nossa Creador
Saran varan meu Senhor.

8. Quem tem per vosse
Quem tem per nosse
Varan saran **Oito**
Oito dias lava *pars*
Sete dias de Semana
Seis dias de Labilon
Sinco livros de Lileilo
Quatro madres de Isarael
Sarah Rabeca Erail
Tres padres de nossa Senhor
Abraham Isak e Jacob
Dois, Moses e Aron
Huma nossa Creador
Saran varan meu Senhor.

9. Quem tem per vosse
Quem tem per nosse
Varan saran **Novi**
Novi mez si *lia*......
Oito dias lava pars
Sete dias de Semana
Seis dias de Labilon
Sinco livros de Lileilo
Quatro madres de Isarael
Sarah Rabeca Erail
Tres padres de nossa Senhor
Abraham Isak e Jacob
Dois Moses e Aron
Huma nossa Creador
Saran varan meu Senhor.

10. Quem tem per vosse
Quem tem per nosse
Varan saran **Dez**
Dez mandemento de lei
Novi mez si lia......
Oito dias lava pars
Sete dias de Semana
Seis dias de Labilon
Sinco livros de Lileilo
Quatro madre de Israel
Sarah Rabeca Erail
Tres padres de nossa Senhor
Abraham Isak e Jacob
Dois, Moses e Aron
Huma nossa Creador
Saran varan meu Senhor.

(Estas cantigas sairam primeiro na *Estrella do Oriente*, de 14 de setembro de 1901).

II

OREÇANS DE TERÇO

Pelo sinal de Santa Cruz, livrá nós Déos, Nosse Sinhor, de nosse inemingos, em nomi de Pai, e de Filjo, e de Ispiríto Santo. Amen.

Pai Nosse qui está ne céos, santificádo seja tua nomi, venho nós a tua Reyno, seja fêto a tua vontade, assi ne terra, como ne céos; O pan nosse de cada dia nós dá ojo, e perdová nós nosse didívas, assi como nós perdovamos nosse divídóris, e nan nos dessê caí em tentaçan, mas livrá nós de mal. Amen.

Ave Maria cheya de gracia o Sinhor tem contigo bento es tu anter as mulhers, e bento tem o froite de tua venter, Jesus.

Sante Maria, mãi de Déos, rogá per nós pecadors, agora en ne hora de nosse morti. Amen.

Gloria Pai, ao Filjo, ao Ispiríto Santo.

Como era ne principio agora e sempre e cada sempre. Amen.

Misterios Allegrósos

Primeiro misterio

Annuciaçan

Vamos nós considerá ne esti misterio, quilei Anjo Gabriel já saudá nossa Benditto Sinhora chamando «*Cheia de Garcia*», e já declará a encarnaçan de Jesus Christo nosso Sinhor e Salvador.

1 Pai Nosse. 10 Ave Maria. 1 Gloria Pai.

ROGAMUS

Ó Sante Maria, Rainha de as Virgens, de encarnaçan de vosse santissimo Filjo, nosse salvaçan já cumsá [1], ajudai nós de vosse rogo, qui nós podê achá lume per sabê esti grande beneficaçan [2]

[1] *Nosse salvaçan já cumsá* — principio da nossa salvação.
[2] *Beneficaçan* — beneficio.

qui o Sinhor já faze; ficande nosse irman, e vós sua Mãi, e nosse mãi tambem. Amen.

Segundo misterio

Visitaçan

Vamos nós considerá ne esti misterio, qui quando a Benditto Virgem Maria já intendê de Anjo, qui Santa Elizabeth já concebê, a Sinhora já foi per olhá aquel Santa, e já pará alá tres mès.

1 Pai nosse. 10 Ave Maria. 1 Gloria Pai.

ROGAMUS

Ó Santa Virgem, de ispantosa humildade, e grande amor, de que vos já ser levado por olhá vosse nohi [1] Santa Elizabeth, rogá, qui nosse coraçan lô ficá visitado de vosso santissimo Filho, qui nos podê lovai o Sinhor per sempre e ficá liverado de pecado. Amen.

Tersêro misterio

Nacemento de nosse Sinhor ne Bethlehem

Vamos nós considerá ne esti misterio, quando o tempo de paridura já chegá; o Benditto Virgem Maria já parí nosse Redentor, Jesus Christo, ne hum manjadura, vide que alá nuntinha hum lugare ne cases de Bethlehem.

1 Pai Nosse. 10 Ave Maria. 1 Gloria Pai.

ROGAMUS

Ó purissima mãi de Déos, dando nacemento per vosse Filjo, já dá par nós o Salvador de mundo, rogá par nós, qui nós podê vivê hum santa vida ne isti mundo, lovando a noite e de dia as misericordias de vosso Filjo, e sua beneficaçan pelo vosse amor. Amen.

---

[1] *Nohi* — prima.

Quarto misterio

Nosse Sinhor foi presentado ne templo

Vamos nós considerá ne isti misterio, qui a Benditto Virgem Maria ne dia de purificaçan, já presentá ne templo o nocente [1] Jesus, onde Santo Simeon já recibê ne sua mans, dando gardisementos [2] per Déos cum grande devoçan.

1 Pai Nosso. 10 Ave Maria. 1 Gloria Pai.

ROGAMUS

Ó santa Virgem, admiravel Sinhora, e exemplo de obediencia, quem já presentá ne templo o Sinhor de templo; rogá per nós, qui nós podê com Santo Simeon e Sante Anna, lovai e glorificá o Sinhor per sempre. Amen.

Quinto misterio

O nocente Jesus foi buscado ne templo

Vamos nós considerá ne isti mysterio, quilei a Benditto Virgem Maria, sem nihum culpa de ella, ja perdê ne Jerusalem suo ameróso Filjo, e já buscá ne templo dispois de tres dias, contriando [3] cum os dôtors.

1 Pai Nosse. 10 Ave Maria. 1 Gloria Pai.

ROGAMUS

Ó Benditto Virgem Maria, vosse allegria num podê cavá [4] fallá, quando vosso ameróso Filjo foi achado ne templo, rogá per nós qui nós podê buscá e achá vosse Filjo ne sua Santa Igreja Catholica, qui nós nandê [5] ficá separado de elle per nihum tempo. Amen.

---

[1] *O nocente Jesus* — innocente Jesus.
[2] *Gardisementos per Deos* — agradecimentos a Deus.
[3] *Contriando cum os dotors* — discutindo com os doutores.
[4] *Nun podê cavá fallá* — não pôde ser sufficientemente exprimida.
[5] *Nandê* — não deve.

Misterios dolerósos

Primero misterio

Rôgo de Nosse Sinhor ne orta de Gethsémeni

Vamos nós considerá ne ésti misterio, o padicémentos qui nosse Sinhor já suffri par nós ne orta de Gethsémeni; sua corpo foi lavando cum suvour de sangue, vazando atté per chan.
1 Pai Nosse. 10 Ave Maria. 1 Gloria Pai.

ROGAMUS

Ó sante Virgem Maria, ajudai nós cum vosse rôgo, oljando o grande padicementos de Nosse Sinhor, qui nós áde achá grande dor de coraçan per nosse pecados, e per ficá continualmente baso de vontade de Déos. Amen.

Segundo misterio

Nosse Benditto Sinhor foi soitado, marado ne pilar

Vamos nós considerá ne isti misterio, quilei nosse Sinhor já ficá soitado cruelmente, más do qui sinco mil pancadas ne casa de Pilato.
1 Pai Nosse. 10 Ave Maria. 1 Gloria Pai.

ROGAMUS

Ó Mãi de Deos, fonte de pacéncia, rogá par nós qui nos á de recibê os favors de Déos per distruvê nosso mal disejos de pecados cum aquel ispada de dor e compaiçam qui já firi vosso coraçan oljando os padicementos de vosse ameróso Filjo. Amen.

Tersêro misterio

Nosse Benditto Senhor foi corovado cum corova de ispinhos

Vamos nós considerá ne esti misterio, qui lei os judeos, os sirvidors de Satanaz, já fazê hum corova de ispinhos, e forsemente já cargá aquel ne cabeça de nosse Sinhor Jesus Christo.
1 Pai Nosse. 10 Ave Maria. 1 Glória Pai.

ROGAMUS

Ó Mãi de Nosse Senhor Jesus Christo, verdadêro Rey de Gloria, oljando os padicementos e enjurias qui vosse Divino Filjo ja suffré, rogá por nós, qui nós podê largá as lembranças de grandéza, e tambem ficá liverado de aquel vergonha qui nos lô sustê per suffré per nosse pecados de dia de juizo. Amen.

Quarto misterio

Jesus foi levando a Cruz

Vamos nós considerá ne esti misterio, quilei nosse Sinhor Jesus Christo ficando nimitado [1] per morti, já levá o pezado cruz sober suo ombras cum grande pacencia.

1 Pai Nosse. 10 Ave Maria. 1 Gloria Pai.

ROGAMUS

Ó santa Virgem, exemplo de pacencia, rogá par nós, qui oljando vosse Divino Filjo, nosse Sinhor Jesus Christo levar o pézo de nosse pecados, nós podê cum curajo marchá suo trás, levando nosse Cruz atté nosse morti. Amen.

Quinto misterio

Nosse Sinhor Jesus Christo foi crucificado

Vamos nós considerá ne esti misterio, quelei nosse Sinhor Jesus Christo já chegá o monte Calvario, os judeus cruelmente já pregá ne cruz as mans e os pês de nosse Sinhor, diante de sua moite triste Mãi.

1 Pai Nosse. 10 Ave Maria. 1 Gloria Pai.

---

1 *Nimitado per morti* — condemnado a morte.

ROGAMUS

Ó sante Maria, Mãi de Déus, oljando o corpo de vosse amantissimo Filjo estindido ne cruz cum grande tromentos, dessê nosso coraçans ficá firido com compaiçam per o Sinhor; e Vós ó Bendito Virgem, rogá por nós que nós áde vivê sem crucificá tórna nosse Sinhor cum nosse pecados, mas lô buscá cade hora a salvaçam de nosse almas. Amen.

Misterios gloriosos

Primero misterio

A Resurreçan de nosse Sinhor de morte

Vamos nós considerá ne esti misterio, quilei nosse Sinhor Jesus Christo, gloriosamente ja irguê de sua cova, ne tersèro dia dispós de su morti, e tórna nandê padicê nem murrê [1].

1 Pai Nosse. 10 Ave Maria. 1 Gloria Pai.

ROGAMUS

Ó glorióso Virgem Maria quem já ficá moito allegrado oljando qui vosse Divino Filjo já irgui de morti; ajudá nòs cum vosse rôgo qui nosse coraçans nandê seguí trás de falso allegrias de esti mundo, mas cada hora lô buscá a verdêdèra allegrias de céos. Amen.

Segundo misterio

Jesus foi subido per Céos

Vamos nós considerá ne esti misterio, qui quorenta dias dispós qui nosse Sinhor Jesus Christo já irgui de morti, já subi o

[1] *Tórna nandé padicê nem morrê* — não tornará a padecer ou morrer de novo.

céos, rodiado de anjos, diante de sua Sante Mãi, suos apostolos e dissipulos.

1 Pai Nosse. 10 Ave Maria. 1 Gloria Pai.

ROGAMUS

Ó mãi de Déos, conseladòra de tristis, quando vosse amado Filjo já subí a céos, e lantando sua divina mans já benzê per suo apostolos; ajudai nos cum vosse rogo, qui nós áde recibê sua benso[1] ne esti mundo, e tambem ne céos dispós de nosse morti. Amen.

Tersêro misterio

O Ispiríto Santo foi mandado sober os Apostolos

Vamos nós considerá ne esti misterio, qui nosse Sinhor Jesus Christo, alum dias dispós de subí a céos, já mandá o Ispiríto Santo sober suos Apostolos, quem tinha continuado ne rôgo e devoçan, juntado cum o Benditto Virgem Maria, ne cidade de Jerusalem.

1 Pai Nosse. 10 Ave Maria, 1 Gloria Pai.

ROGAMUS

Ó Benditto Virgem, inchída de Ispiríto Santo, ajudá nos cum vosse rôgo, qui o Ispiríto Santo vosse amado Filjo já mandá sober os Apostolos, lò ensiná par nós o drêto caminho de salvaçan. Amen.

Quarto misterio

Assumçam de o Benditto Virgem Maria

Vamos nós considerá ne esti misterio, qui o Glorioso Virgem Maria, alum anos dispois de Resurreçan de Jesus Christo, já ficá tomado per céos acompanhado de anjos.

1 Pai Nosse. 10 Ave Maria. 1 Gloria Pai.

---

[1] *Benso* – bençãos.

ROGÁMUS

Ó Benditto Virgem Maria, quem entrado ne o palaso [1] de ceos, já inchê anjos cum allegria e gentis cum esperança, rôgá por nós, qui nós áde ficá liverado de tentaçans e arteficos de diabo e recebê a gloria de céos dispós de nosse morti. Amen.

Quinto misterio

O benditto Virgem Maria foi corovado ne Céos

Vamos nós considerá ne esti misterio, quilei o Benditto Virgem Maria, cum grande allegria de os anjos e santos, já ficá corovada da nosse Sinhor Jesus Christo cum a corova de gloria.

1 Pae Nosse. 10 Ave Maria. 1 Gloria Pai.

ROGAMUS

Ó glorióso Rainha de Céos, recebê esti offercêmento de rosairo, qui nós te offersê como um corova de rosas; e rogá por nós per achá hum grande disejo ne nosse coraçan per olhá vós hum dia ne gloria de céos. Amen.

Salva Rainha, mãi de Misericordia vida doçura e isperanse nosse, salve. A ti bradamos o degradados filjos de Eva. A ti suspiramos, gemendo, e chorando ne esti valle de lagris. Eia pois, advogade nosse, esses teus oljos misericordiósos a nós volvê. Dispois de esti distérro nós mostrá a Jesus bento froite de tua venter. Ó clemente, o piedóso, o dôce sempre Virgem Maria, rôgá por nós, sante Mãi de Déos, parqui sejamus dignos de premesos de Christo. Amen.

---

[1] *Palaso* — palacio.

LADAINHA DE BENDITTO VIRGEM MARIA

Sinhor tende misericordia par nós.
Christo tende misericordia par nós.
Sinhor tende misericordia par nós.
Christo ouvi a nós.
Christo ouvi nosse rogos.
Deos Pai celestial, tende misericordia par nós.
Deos Filjo, Redemtor de mundo, tende misericordia par nós.
Deos Ispirito Santo, tende misericordia par nós.
Santissima Trindade, hum só Déos, tende misericordia par nós.
Sante Maria, rogâ par nós,
Sante Mãi de Déos,
Sante Virgem de os Virgens,
Mãi de Christo,
Mãi de divino favor,
Mãi tante pure,
Mãi tanto limpa,
Mãi qui nontem nihum sujéza,
Mãi qui nuco perdê vosse virginidade,
Mãi tanto amerósa,
Mãi tanto ispantósa,
Mãi de nosse Criador,
Mãi de nosse Salvador,
Virgem moito sabedorósa,
Virgem tanto honoráda,
Virgem tanto famáda,
Virgem tanto poderósa,
Virgem tanto piadósa,
Virgem tanto fiel,
Ispeljo de justicia,
Throno de seizo,
Causo de nosse alegria,
Vaso spirituale,
Vaso qui te vale honre,
Vaso de grande devoçao,
Rosa Mysteriósa,
Fortaléza de David,
Fortaléza de marfim,
Palaso de ouro,
Arco de priméso,

} Rogá par nós

Porte de Céos,
Istrella de Manhã,
Savodi de doventis,
Refugio de os pecadors,
Conseledóra de todo quem tem triste,
Júda de Chistans,
Rainha dos Anjos,
Rainha dos Patriarchos,
Rainha dos Prophetas,
Rainha dos Apostolos,
Rainha dos Martyres,
Raínha dos Confessores,
Rainha das Virgins,
Rainha de todo santos,
Rainha consebido sem pecado original,
Rainha de tanto sante rosairo,

(Rogá par nós)

Cordéro de Déos qui tirais os pecados de mundo. Livra nós, o Sinhor.

Cordêro de Déos qui tirais os pecados de mundo. Ouvi nós, o Sinhor.

Cordêro de Déos qui tirais os pecados de mundo. Tende misericordia par nós.

Christo ouvi a nós.

Christo misericordiosomente, ouvi nós.

V. Rogá par nós Sante Mãe de Déos.

R. Qui nos podê recebê os favors qui Jesús Christo já primité par nós.

ROGAMUS

Inchê, ó Déos, nosse almas com tua favors, qui nós quém já ouvi de boca de Anjo a encarnaçan de Jesus Christo tua Filjo, podê pelo sua paiçan e morte, ficá juntado ne gloria. Amen.

ROGAMUS

Visitá, Sinhor, esti casa e fazê corrê o Diabo e todo sua inemingos; dessê tua santo Anjos morá aqui, e coidá par nós ne paz, e déssê tua benso vi sober nós, pernomi de nossi Sinhor Jesus Christo. Amen.

Cabo.

(Todo este capitulo saiu n-*O Heraldo* n.º 2255, de 1907).

Colombo (Ceilão).

TAVARES DE MELLO.

MISCELLANEA

I

PRONOME POSSESSIVO

Ao que nos *Estudos da lingua portuguesa*, p. 27 sgs., ficou exposto relativamente a varios empregos dos pronomes possessivos, podem acrescentar-se as seguintes observações.

a) O pronome *seus* designa um numero aproximado em expressões como: «homem dos *seus* quarenta annos». Esta frase significa: «homem de *cêrca* de quarenta annos», e pode ser substituida por «homem de *uns* quarenta annos».

b) Note-se o emprego do pronome na locução frequente «fazer das *suas*», como no seguinte exemplo de Gil Vicente, III, 41:

La ha indias mui fermosas;
La farieis vós *das vossas*
E a triste de mi cá,
Encerrada nesta casa,
Sem consentir que vizinha
Entrasse por huma braza,
Por honestidade minha.

c) Usa-se muito, desde antigos tempos, a frase «ter *de seu*» com a significação de *possuir*:

Eu não tenho mais *de meu*,
Sómente ser comprador
Do Marichal meu senhor,
E sam escudeiro seu.

(Gil Vicente, III, 141).

Porque elle não tem *de seu*,
Meu pae deu-me, e fugi.

(Id., I, 128).

Tres cousas acho que fazem
Ao doudo ser sandeu:
Hũa ter pouco siso *de seu*,
A outra, que esse que tem
Não lhe presta mal nem bem.

(Id., I p. 100).

Neste passo «ter pouco siso *de seu*» poderia talvez interpretar-se por «ter já *de si* pouco siso», e em tal caso o emprego do pronome entraria na categoria seguinte:

d) Usava-se ás vezes da expressão *de seu* em casos em que hoje se emprega correntemente «de si» ou «de per si», como neste exemplo de Jorge Ferreira de Vasconcellos, *Ulys.*, p. 55: «*De seu* está entendido». Segundo me communica o Sr. Gonçálvez Viana, este modo de dizer usa-se ainda no Algarve. Em castelhano é esta a construção regular. Encontra-se tambem em galego, como no proverbio «o boi solto *de seu* se lambe», que vem entre os «refranes gallegos» mencionados por Saco Arce, a p. 274 da sua GRAMMATICA GALLEGA, e que provavelmente é tambem por tuguês, com a mesma forma, o que não posso agora averiguar.

e) Note-se tambem a expressão «a *seu* tempo» com o sentido de «em tempo proprio, devido», «em ocasião apropriada», como na frase: «a *seu* tempo se explicará isso».

f) Usa-se familiarmente a expressão eliptica «na *sua*», que equivale enfaticamente a «na sua opinião», «na sua ideia», «no seu modo de ver», como neste exemplo «(lá) entendeu *na sua* que era melhor assim». Emprega-se frequentemente com ironia.

*

Aos exemplos citados da formula *pelo meu, pelo vosso,* com o sentido de «por minha (vossa) causa», «por meu esforço ou cuidado», pode juntar-se o seguinte, de Gil Vicente, I, 233:

Santa Ursula não converteu
Tanta cachopa, como eu;
Todas salvas *polo meu,*
Que nenhũa se perdeu.

*

Na frase «fazer das suas», mencionada acima, ha mais um caso que se conservou do chamado *partitivo,* de que tratei desenvolvidamente no capitulo XVI dos *Estudos.*

JULIO MOREIRA.

II

OBSERVAÇÕES AOS «TEXTOS ARCHAICOS»

Os meus *Textos Archaicos* (para uso da aula de Philologia Portuguesa estabelecida gratuitamente na Bibliotheca Nacional de Lisboa), 2.ª edição (ampliada), tem no rosto a data de 1907, e na capa a de 1908. Tal irregularidade typographica provém de haver começado a impressão naquelle anno, e terminado neste. As pessoas que possuirem o livro, e forem curiosas de bibliographia, devem pois conservar-lhe a capa, se o mandarem encadernar.

*

A pag. 148, Vocabulario, disse-se que *Aragunti* era «nome de homem». Emende-se em «nome de mulher», pois nos *Diplomata et Chartae* lê-se, por exemplo a pag. 24: *ego Zahadon et uxor mee* **Aragunti**; e a pag. 128: *uxori uestra* **Aragunti**. — Foi o Sr. Pedro de Azevedo, illustre conservador e professor da Torre do Tombo, dedicado collaborador da *Revista Lusitana,* quem me fez esta correção.

*

Na mesma obra, pag. 32, disse eu, baseado em Herculano, que o codice d'onde extrahi o trecho ahi publicado era do seculo XIV. Mas o codice não podia ser d'este seculo, visto que no referido trecho se lê a data de 1429, do nascimento de Christo, como me fez notar um dos attentos frequentadores do meu curso philologico da Bibliotheca Nacional, o Sr. Cardoso de Bettencourt. Emende-se pois «seculo XIV» em «seculo XV». Sobre o mesmo assunto me escreveu tambem o nosso venerando historiador o Sr. Gama Barros, e o Sr. Pedro de Azevedo, a quem já acima citei: ambos confirmam que o codice é do seculo XV.

J. L. DE V.

BIBLIOGRAPHIA

I

LIVROS

Dr. Mendes dos Remedios, **Historia da literatura portuguesa**, 3.ª edição. — França Amado, editor, Coimbra.

Em edição correcta e aumentada publicou o Sr. Dr. Mendes dos Remedios a sua *Historia da literatura portuguesa,* já bem conhecida de nacionaes e estrangeiros.

Acompanha a parte propriamente historica, na qual o autor, socorrendo-se do que melhor ha escrito sobre o assunto, faz o resumo do nosso progresso literario desde os seus inicios até os actuaes tempos, uma anthologia dos nossos poetas e prosadores, tanto antigos como modernos, o que para nós constitue o principal da obra. Com effeito, é pelos seus productos que o escritor se revela, as paginas por elle deixadas são por assim dizer o espelho em que se reflecte a sua alma; por isso muito bem andou o distincto cathedratico dando-nos, a par das biografias, uma amostra das obras dos nossos literatos. Não basta conhecer os nomes dos que illustraram o país com a penna; melhor do que esse conhecimento é o das suas obras, porque estas, se por um lado nos dão o retrato fiel do autor, por outro põem-nos diante dos olhos o progresso ou decadencia da mentalidade portuguesa. Acresce ainda a circunstancia, que realça o merecimento do seu livro, de ter-se o Sr. Dr. Mendes dos Remedios regulado pelas melhores edições criticas (as que ha, que são bem poucas) ou as mais antigas, conservando religiosamente a ortografia da epoca.

É, a nosso ver, este livro de grande auxilio para o ensino da lingoa e literatura patrias, porque, se por um lado nos historía as fases do nosso progresso literario, por outro põe conjuntamente diante dos nossos olhos as transformações lentas por que a lingoa ia passando, e por isso satisfaz plenamente ao preceituado pelos programmas para o ensino da literatura e lingoa maternas, a começar no 4.º anno ou classe dos lyceus. E não são só os nacionaes que com a sua leitura muito terão de lucrar; o estrangeiro que quiser conhecer a nossa tão rica quão variada literatura encontrará nella um guia seguro que corresponderá plenamente aos seus desejos. Mas para tornar o seu livro ainda mais proficuo, bom será que o seu autor, na edição que se seguir, lhe adicione um glossario, senão de todos os vocabulos que ocorrem nos varios trechos citados na anthologia, pelo menos dos arcaicos ou usa-

dos em significação especial, poupando assim a quem o ler o trabalho de folhear o dicionario, que pode deixar de mencionar os termos procurados, ou evitando interpretação menos propria e adequada por ignorancia do sentido especial em que as palavras sejam empregadas.

J. J. Nunes.

II

VARIA QUAEDAM

— Na **Cultura Española** está publicando a Sr.ª Dr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos importantissimos estudos sobre o romanceiro hispano-português.

— Na *Romania*, XXXVI, 473, saiu um artigo com apreciação muito lisonjeira da **Chrestomathia Archaica** (Lisboa 1906) do nosso collaborador o Sr. J. J. Nunes.

— O Sr. Epiphanio Dias tem já no prelo a edição critica d-**Os Lusiadas** que ha muito preparava. Boa nova para os que cultivam a nossa litteratura.

J. L. de V.

—
ra-
os
e
as

ro-
e o

ção
do

l-Os
vam

.